
INDICADORES IBGE

volume 9
número 1
janeiro de 1990
publicação mensal

SUMÁRIO

5 LEITURA RÁPIDA

7 ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – INPC,
ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO
– IPCA E ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – IPC

15 Tabelas (variação geral; principais contribuições na variação
mensal; números índices e variações; variação mensal, pesos
dos grupos, subgrupos e itens).

25 PESQUISA MENSAL DE EMPREGO – PME

32 Tabelas (taxa de desemprego, ocupados, conta-própria e ren-
dimento médio).

47 INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

60 Tabelas (produção física – Brasil e produção física por re-
giões).

75 SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E ÍNDICES
DA CONSTRUÇÃO CIVIL – SINAPI

77 Tabelas (custo médio, número índice e variações percen-
tuais; custos de projetos; salários-hora das categorias –
novembro-89).

85 ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

90 Tabelas (área, produção e rendimento médio – um confronto
entre safras e estimativas; confronto entre estimativas; aba-
te de animais, produção de leite e ovos).

95 SUPLEMENTO – A INFLAÇÃO EM 1989.

CONVENÇÃO

– Quando, pela natureza do fenômeno, não puder existir o dado.

EQUIPE DE REDAÇÃO

DEPARTAMENTO DE AGROPECUÁRIA

Redatores: **Bruno Marcus Rangel Pessanha**
Elvio Valente
Jairo Augusto Silva
Terezinha Iza Cezar

DEPARTAMENTO DE EMPREGO E RENDIMENTO

Redator: **Shyrlene Ramos**
Colaborador: **Mário Serres da Silva**

DEPARTAMENTO DE ÍNDICES DE PREÇOS

Redatores: **Eulina Nunes dos Santos**
Luiz Fernando de Oliveira Fonseca
Vânia Maria Carelli Prata
Oreval Alves Moreira

DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA

Redatores: **Isabella Chataignier**
Ivan Gelabert Barbosa
José Leonídio M. Souza Santos
Maria Tereza Reis Ribeiro
Myrian Thereza Ferreira
Nilo Lopes de Macedo
Paulo Gonzaga M. de Carvalho
Rosângela Carnevale
Silvio Sales de Oliveira Silva
Tereza Cristina Machado Mendes
Colaboradores: **Carlos Alberto C. da Fonseca**
Heloisa de V. Medina

Programação visual
Pedro Paulo Machado

Distribuição e Vendas

Gerência de Marketing/Centro de Documentação e Disseminação de Informações
Av. Beira Mar, 436 — 6º andar — Rio de Janeiro — RJ
CEP 20 021 — Tel.: (021) 533-3094

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE

DIRETORIA DE PESQUISAS

DIRETOR DE PESQUISAS

Lenildo Fernandes Silva

DIRETOR ADJUNTO DA DIRETORIA DE PESQUISAS

Fernando José de Araujo Abrantes

COORDENAÇÃO DO CENSO AGROPECUÁRIO

Manoel Antonio Soares da Cunha

COORDENAÇÃO DOS CENSOS ECONÔMICOS

Carmen de Jesus Garcia

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO

Eva Doris Rosental

NÚCLEO DE METODOLOGIA

Pedro Luis Nascimento Silva

NÚCLEO DE PLANEJAMENTO E SUPERVISÃO

Nuno Duarte da Costa Bittencourt

DEPARTAMENTO DE AGROPECUÁRIA

Elvio Valente

DEPARTAMENTO DE COMÉRCIO E SERVIÇOS

Eduardo Luiz de Mendonça

DEPARTAMENTO DE CONTAS NACIONAIS

Claudio Monteiro Considera

DEPARTAMENTO DE EMPREGO E RENDIMENTO

Nelson de Castro Senra

DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICAS E INDICADORES SOCIAIS

Marcia Bandeira de Mello Leite

DEPARTAMENTO DE ÍNDICES DE PREÇOS

Ricardo Augusto Braule Pinto

DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA

Luisa Maria La Croix

DEPARTAMENTO DE POPULAÇÃO

Valéria da Motta Leite

GRUPO EXECUTIVO DE ADMINISTRAÇÃO

Angela Rosenberg Freire

Para informações, dirigir-se aos seguintes Departamentos, nos respectivos endereços classificados por assunto:

— **Índices Nacionais de Preços ao Consumidor**

Índices de Preços (DESIP) — Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 13º andar, telefone: 248-9724

— **Pesquisa Mensal de Emprego**

Emprego e Rendimento (DEREN) — Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 10º andar, telefone: 284-6539

— **Indicadores Conjunturais da Indústria**

Indústria (DEIND) — Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 7º andar, telefone: 284-8840 — Pesquisa Industrial Mensal — PIM

— **Custos e Índices da Construção Civil**

Índices de Preços (DESIP) — Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 13º andar, telefone: 264-3547, CEP 20 941, Mangueira, Rio de Janeiro, RJ, ou à Delegacia do IBGE de sua capital

— **Estatística da Produção Agrícola Anual**

Agropecuária (DEAGRO) — Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 9º andar, telefone: 284-8131

— **Suplemento**

Índices de Preços (DESIP) — Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 13º andar, telefone: 248-9724

LEITURA RÁPIDA

Com a variação de 53,55% em dezembro, o IPC fechou o ano de 1989 com uma taxa de 1 764,87%. Apesar de o grupo Alimentação e Bebidas (54,77%) ter sido o principal responsável pela alta do índice em dezembro, o seu resultado acumulado no ano (1 516,19%) foi o menor, sendo até mesmo inferior ao da taxa global. O grupo Saúde e Cuidados Pessoais (2 167,71%), registrou a maior variação, seguido por Artigos de Residência (2 129,35%), Despesas Pessoais (2 121,34%), Vestuário (2 058,34%), Transporte e Comunicação (1 888,12%) e Habitação (1 686,18%). Entre os dez índices regionais pesquisados, seis ficaram abaixo do IPC, com Fortaleza assinalando a menor taxa (1 625,99%) e Curitiba, a maior (1 848,78%).

O INPC (51,28%) e o IPCA (51,50%) de dezembro foram inferiores ao IPC, porém no acumulado em 1989, a situação se inverte: 1 863,56% e 1 972,91%, respectivamente. O INPC de dezembro apresentou uma redução de 2,27 pontos percentuais em relação ao IPC do mesmo mês, devido a uma relativa estabilidade dos preços, depois de uma forte aceleração ocorrida na segunda quinzena de novembro.

A taxa de desemprego aberto de novembro, em relação ao mesmo mês de 1988, foi de 2,49%, em função dos

aumentos de 1% da PEA e 2% do número de pessoas ocupadas, além da queda de 24% do número de pessoas desocupadas. Os setores de Comércio (7%), Indústrias de Transformação (4%) e Construção Civil (1%), registraram crescimento do número de pessoas ocupadas, e o setor de Serviços manteve-se estável.

O número estimado dos empregados com carteira assinada cresceu 4%, dos empregadores 4% e dos conta-próprias 3%, enquanto caía em 5%, o de empregados sem carteira assinada. Nas seis regiões metropolitanas pesquisadas, todas as categorias tiveram ganhos elevados dos rendimentos médios reais, em outubro, com maior destaque para os conta-próprias: Porto Alegre (61%), Recife (50%), Belo Horizonte (50%), Rio de Janeiro (44%), São Paulo (42%) e Salvador (21%).

O crescimento de 11,0% da produção industrial brasileira em novembro, em relação a novembro/88, elevou o índice acumulado no ano para 3,0%. Assim, dos 17 ramos industriais pesquisados, apenas três não conseguiram, por enquanto, superar a produção de 1988: material de transporte (-3,2%), borracha (-1,1%) e química (-0,1%). Entre as categorias de uso, a liderança está com Bens de Consumo Não-duráveis (4,2%), seguida por Bens de Consumo Duráveis (2,9%) e Bens Intermediários (2,6%). Os Bens de

Capital (0,1%), praticamente repetem o nível de produção de 1988.

Na série de índices com ajustamento sazonal, houve uma queda de 1,3% de outubro para novembro, fazendo com que o patamar do produto industrial retornasse a níveis próximos aos registrados em maio de 1989. O indicador mensal de novembro, em termos de gêneros industriais, teve como destaques a metalúrgica (16,5%) e a química (16,8%), que foram fortemente afetadas por greves em novembro de 1988. O único resultado negativo ficou com material de transporte (-3,0%), como provável conseqüência das difíceis negociações entre montadores e fornecedoras de autopeças.

Os resultados regionais da indústria, em novembro, foram bem elevados em vários locais, variando de -0,7% em Pernambuco a 26,0% na Bahia; Minas Gerais (6,5%), Rio Grande do Sul (8,7%), São Paulo (9,4%), Nordeste (12,4%), Região Sul (13,7%), Rio de Janeiro (15,8%), Santa Catarina (19,5%) e Paraná (20,0%). Já no acumulado janeiro/novembro, todas as áreas pesquisadas revelaram crescimento em relação ao ano anterior, o que não ocorria desde 1986.

O custo do metro quadrado para o Brasil, em novembro, chegou a NCz\$ 2.088,17, com uma variação de 41,44%, segundo o Sistema Nacional de Pesquisas de Custos e Índices da Construção Civil (SINAPI). O acumulado no ano ficou em 1 474,37% e nos últimos doze meses 1 934,12%. A participação dos materiais, em novembro, foi de NCz\$ 1.629,58, variando 39,89%, enquanto a da mão-de-obra foi de NCz\$ 458,57 (42,27%).

A Região Norte apresentou o maior custo médio (NCz\$ 2.432,09) e a Nordeste, o menor (NCz\$ 1.847,71). Em todas as regiões, a variação do custo da mão-de-obra foi mais elevada do que a do material. A categoria *mestre-de-obras* teve o mais significativo aumento do salário-hora (52,56%), para o Brasil, que passou a ser de NCz\$ 17,85.

As estimativas de produção das lavouras, em dezembro, comparado a novembro, registraram aumentos para a

cebola (2,52%), o trigo (3,02%) e a mamona (3,69%), além de uma redução de 6,36% para o tomate. Já em relação à produção de 1988, o quadro está praticamente definido, dependendo apenas de alterações de verificação ou confirmação de produção para alguns itens. Assim, dos 14 produtos analisados pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), seis apresentaram crescimento — cana-de-açúcar (0,85%), fumo (4,24%), cebola (5,13%), milho (7,35%), mandioca (9,67%) e soja (33,65%) — e oito tiveram queda de produção — arroz (-6,46%), trigo (-7,93%), amendoim — 1ª safra (-8,58%), tomate (-9,60%), mamona (-11,64%), batata-inglesa — 1ª safra (-21,74%), algodão herbáceo (-26,21%) e feijão — 1ª safra (-35,77%).

Quanto à produção animal, em novembro, todos os resultados foram positivos para o abate de animais e produção de leite. O número de bovinos abatidos cresceu 20,3% e o peso das carcaças, 22,6%; o de suínos aumentou 4,5% e 8,2%, respectivamente, enquanto para as aves, o abate cresceu 10,5% e o peso das carcaças 13,8%. A produção de leite destinado às indústrias aumentou 2,1%, mantendo a perspectiva de que a produção total de 1989 seja igual a de 1988, ou seja, em torno de 8,9 bilhões de litros.

Suplemento

A inflação em 1989, é o tema do suplemento deste mês da revista Indicadores IBGE. Elaborado pela economista Eulina Nunes dos Santos, do Departamento de Índices de Preços da Diretoria de Pesquisas, o texto descreve, ainda, um breve histórico do IPC em 1987 e 1988.

Rio de Janeiro, RJ, janeiro de 1990
Edição
Núcleo de Documentação
da Diretoria de Pesquisas

ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR, ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO E ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR

RESULTADOS DO INPC E IPCA

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor — INPC — apresentou, no mês de dezembro, variação de 51,28% e o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo — IPCA — variou 51,50%.

Os resultados acumulados encontram-se na tabela abaixo.

Comparativamente ao IPC de dezembro-89 (53,55%), observa-se que o INPC apresentou uma redução de 2,27 pontos percentuais; a nível regional, as taxas também declinaram ou permaneceram praticamente estáveis (isto é, a diferença entre

as taxas não superou 1 ponto percentual). Isto deve-se à relativa estabilidade da inflação, alcançada em dezembro, em contraste com a forte aceleração ocorrida na segunda quinzena de novembro.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor — INPC — do mês de dezembro, apresentou variação de 51,28%, superior aos 48,47% registrados no INPC de novembro devido, principalmente, à aceleração dos produtos alimentícios, cuja taxa passou de 47,19% em novembro para 54,59% em dezembro. Os demais grupos registraram resultados inferiores ou bastante próximos aos do mês anterior, excetuando-se Transporte e Comunicação e Despesas Pessoais. Os produtos não-alimentícios apresentaram

VARIAÇÕES DO INPC E DO IPCA, COM ÍNDICES ACUMULADOS

ÍNDICES	VARIAÇÃO (%)				NÚMERO ÍNDICE (março/86 = = 100)
	Acumulado em três meses	Acumulado em seis meses	Acumulado no ano	Acumulado em doze meses	
INPC.....	211,66	621,02	1 863,56	1 863,56	126 659,16
IPCA.....	213,01	635,43	1 972,91	1 972,91	138 030,21

FONTE — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Índices de Preços, Divisão de Planejamento e Estudos, pesquisa Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor.

uma taxa de 49,44%, semelhante aos 49,20% de novembro, inferior, porém, aos alimentos, o que não ocorria desde o INPC de junho.

O INPC de dezembro foi calculado através da comparação dos preços médios vigentes no período de 30 de novembro a 29 de dezembro (referência) com os preços médios constatados no período de 31 de outubro a 29 de novembro (base). Para esse período de coleta, continuou a vigorar o sistema de controle de preços, resultado de acordo entre governo e os empresários, onde os preços podem ser reajustados automaticamente, tendo como base 90% da inflação do mês anterior, com uma periodicidade mínima de 30 dias.

No índice do mês observou-se uma alta generalizada nos preços dos produtos, o que é característica do período, devida às entressafras agrícolas como às festas de final de ano

Os produtos alimentícios

Os alimentos mantiveram-se abaixo do INPC durante os meses de julho (23,68%), agosto (30,27%), setembro (29,30%), outubro (31,52%) e novembro (47,19%), acumulando 1 037,10% até novembro, enquanto o índice situava-se em 1 197,96%. Ao passar de 31,52% em outubro para 47,19% em novembro, os alimentos já demonstraram uma forte tendência de aceleração, o que se confirmou com a taxa de 54,59% em dezembro. Mesmo com a alta de novembro e dezembro, os produtos alimentícios acumularam, no ano, uma variação de 1 657,84%, inferior à taxa do INPC, que situou-se em 1 863,56%. A alta dos preços neste período é atribuída à entressafra, que propiciou uma certa recuperação dos preços agrícolas. Tendo em vista a defasagem de preços, as indústrias de alimentos solicitaram aumentos acima dos reajustes automáticos. Em negociação com o governo, no dia 11-12-89, ficou acertado que os repasses de aumentos de custos passariam a ser automaticamente aprovados pelas câmaras setoriais.

Observa-se que, em dezembro, a totalidade dos alimentos pesquisados tiveram acen-tuados aumentos de preços. As exceções se concentraram nos alimentos sazonais

(batata, pepino, cebola, etc). Os grandes destaques no mês foram:

Arroz (68,88%) — com variação de 47,14% em novembro, os preços do arroz foram estimulados pela entressafra. Os estoques reguladores do governo passaram a ser comercializados em leilões nas bolsas, semanalmente, em função dos preços de mercado atingirem níveis acima daqueles estabelecidos pelo governo (preços de intervenção).

Açúcar refinado (65,86%) — a variação registrada no mês refletiu os reajustes de 37,62% e 41,42%, concedidos em 17-11-89 e 08-12-89, respectivamente. O abastecimento do produto continua prejudicado, principalmente nos estados do sul, devido ao atraso na entrega do produto pelas refinarias. O atraso tem sido atribuído à falta de matéria-prima, tendo em vista a prioridade dada pelas usinas à produção do álcool.

Carnes (55,14%) — a alta é atribuída aos seguintes fatores: o fim da comercialização do boi confinado; contrato de exportação de carnes especiais cujo prazo de embarque venceu dia 30-12-89 e a recuperação da rentabilidade do produto, tendo em vista o crescimento de preços relativamente baixo na entressafra. Mesmo com a alta do mês, as carnes acumularam uma variação de 1 462,24%, portanto, abaixo da taxa de inflação. É interessante observar que a carne bovina costuma apresentar fortes aumentos de preços no segundo semestre do ano, tendo em vista o período de entressafra, arrefecendo em dezembro, quando a safra se inicia. No ano de 1989, as carnes tiveram variações relativamente baixas no decorrer do segundo semestre (comportamento atípico) aumentando, bruscamente, em novembro (61,94%) e dezembro (55,14%).

Carnes e peixes industrializados (73,97%) — os produtos refletiram, basicamente, a significativa alta nos preços dos suínos. A carne suína, aumentou em novembro 69,35% e 78,03% em dezembro. A aceleração de preços pode ser explicada pela ausência de estoques nas indústrias, que foram obrigadas a recorrer quase que diariamente ao mercado atacadista para adquirir o produto. Os preços, por sua vez, aumentaram a cada dia, tendo em vista a alta

do boi gordo, o fim dos estoques da carne suína que foi importada para suprir as indústrias e a redução de oferta de suínos prontos para abate no ano de 1989. Acrescente-se, ainda, que o suíno e seus produtos industrializados são alimentos típicos das festas de final de ano, quando a demanda, normalmente, pressiona os preços. O mesmo acontece com o bacalhau, cuja variação foi bastante alta. Os maiores resultados no item carnes e peixes industrializados foram:

Presunto.....	121,60%
Salsicha	86,47%
Lingüiça	33,35%
Mortadela e salame	82,28%
Bacalhau	78,10%

Frango e ovos — aumentaram 94,80% e 76,39%, respectivamente. Com variação de 46,82% e 46,15% em novembro, a alta no final do ano foi propiciada pela alta do boi gordo, juntamente com a maior demanda característica do período.

Leite pasteurizado (45,55%) — a variação registrada no mês refletiu os reajustes médios de 34,8% e 9,16%, concedidos em 01-11-89 e 20-11-89, respectivamente.

Pão francês (49,63%) — a variação do produto refletiu os reajustes de 9,16% e 41,22%, em vigor a partir dos dias 20-11-89 e 01-12-89, respectivamente.

Bebidas e infusões (55,61%) — o item foi pressionado pelos refrigerantes (60,80%), cervejas (66,12%) e café moído (48,86%).

Alimentação fora do domicílio — com a alta generalizada nos preços dos alimentos, custos e serviços, os preços aumentaram 53,06%.

Os produtos não-alimentícios

Os produtos não-alimentícios apresentaram uma taxa de 49,44%, semelhante aos 49,20% de novembro, acumulando 2 023,43% no ano, acima, portanto, da taxa de inflação. No mês, os destaques por grupos de produtos foram:

Habitação (52,05%) — o grupo foi pressionado pelos aluguéis residenciais que, mesmo com a variação relativamente alta em dezembro (53,51%), ficaram com 1 764,85% no ano, bem abaixo do INPC;

foram altas as variações dos valores do condomínio (48,78%), da taxa de água e esgoto (46,41%) e do gás de bujão (69,46%). O grupo foi pressionado, também, pelas tarifas de energia elétrica (56,53%).

Artigos de Residência (42,62%) — a variação foi próxima à verificada em novembro (42,30%). Os itens que mais influenciaram no resultado do grupo foram utensílios e enfeites (44,37%), mobiliário (42,94%) e eletrodomésticos (48,67%).

Vestuário (44,62%) — com variação inferior à de novembro (48,80%), destacaram-se as roupas masculinas (46,49%) e femininas (45,48%).

Transporte e Comunicação (57,03%) — com variação superior à registrada no mês de novembro (43,12%), as pressões no grupo foram exercidas pelos aumentos das passagens dos transportes públicos (49,47%) e de veículo próprio (68,11%), onde os automóveis usados (60,95%) e as motocicletas (132,66%), destacaram-se. Quanto à gasolina (56,58%) e ao álcool (56,80%), as variações refletiram os reajustes médios de 37%, 17% e 38%, em vigor a partir dos dias 21-11-89, 07-12-89 e 21-12-89, respectivamente. O reajuste do dia 21-11-89, foi maior do que o percentual de 33,86%, correspondente a 90% do IPC de outubro (37,62%), para compensar os prejuízos causados pela greve dos funcionários do CNP, que acarretou atraso de quatro dias para o aumento dos combustíveis, previsto para 17-11-89; os aumentos dos dias 07-12-89 e 21-12-89, foram concedidos para repassar custos. Foram elevadas as variações do item comunicações (76,41%), devido, principalmente, às tarifas de telefone (87,32%).

Saúde e Cuidados Pessoais (51,37%) — apresentou variação inferior à registrada em novembro (59,38%). Os produtos farmacêuticos (58,33%) destacaram-se no grupo, refletindo os reajustes médios de 33,86%, 19,8% e 37,28%, concedidos, respectivamente, nos dias 23-11-89, 06-12-89 e 23-12-89.

Despesas Pessoais (51,02%) — com variação superior à de novembro (45,42%), o grupo foi pressionado pelos itens recreação (48,90%) e educação (78,50%). A variação dos cigarros 39,62%, refletiu os rea-

justes médios de 31,43%, 15% e 40,33% concedidos, respectivamente, em 16-10-89, 07-11-89 e 21-11-89; registre-se que o reajuste do dia 07-11-89, além de levar em conta a defasagem de preços absorveu o aumento da alíquota do ICMS.

Resultados acumulados

Com o resultado de 51,28% em dezembro, o INPC acumulou 1 863,56% em 1989, taxa superior aos 993,28% de 1988. De janeiro a junho, a variação situou-se em 172,33%, ficando em 621,02%, no período julho a dezembro.

Na tabela a seguir, encontram-se os resultados acumulados no ano por grupo de produtos.

Pode-se observar que os grupos Alimentação e Habitação terminaram o ano com variações inferiores ao INPC, enquanto os demais grupos a ultrapassaram. A menor variação acumulada no ano ficou com os produtos alimentícios. As maiores variações, bastante próximas, ficaram com os grupos Despesas Pessoais, Artigos de Residência e Saúde e Cuidados Pessoais.

Quanto aos índices regionais, as Regiões Metropolitanas de Fortaleza, Belém e Recife ficaram com os menores resultados no ano de 1989, inferiores à taxa do INPC. Com variações próximas ao INPC do ano, agrupam-se os índices de São Paulo, Salvador, Brasília, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Os maiores índices regionais foram verificados

nas Regiões Metropolitanas de Porto Alegre e Curitiba, como mostra a tabela a seguir.

ÍNDICES REGIONAIS	VARIAÇÕES (%)
INPC	1 863,56
Fortaleza.....	1 723,27
Belém.....	1 746,46
Recife.....	1 794,41
São Paulo.....	1 849,37
Salvador.....	1 857,79
Brasília, DF.....	1 859,86
Belo Horizonte.....	1 874,79
Rio de Janeiro.....	1 895,89
Porto Alegre.....	1 901,95
Curitiba.....	1 990,29

RESULTADOS DO IPC

O Índice de Preços ao Consumidor — IPC do mês de dezembro, apresentou variação de 53,55%, bastante superior aos 41,42%, registrados no IPC de novembro devido, principalmente, aos produtos alimentícios, cuja taxa passou de 35,26% em novembro para 54,77% em dezembro. Quanto aos produtos não-alimentícios, a variação situou-se em 52,92%, também maior do que a variação de 44,85% de novembro. No entanto, os alimentos superaram o crescimento de preços dos não-alimentícios, o que não ocorria desde o IPC de julho.

O IPC de dezembro foi calculado através da comparação dos preços médios do período de 15 de novembro a 14 de dezembro (referência) com os preços médios do período de 17 de outubro a 14 de novembro (base). Desde o dia 05 de outubro, está em vi-

GRUPOS	VARIAÇÕES (%)		
	Janeiro/novembro	Dezembro	Janeiro/dezembro
INPC	1 197,96	51,28	1 863,56
Alimentação e bebidas.....	1 037,10	54,59	1 657,84
Habitação.....	1 126,47	52,05	1 764,85
Artigos de residência.....	1 456,92	42,62	2 120,48
Vestuário.....	1 344,25	44,62	1 988,67
Transporte e comunicação.....	1 238,08	57,03	2 001,19
Saúde e cuidados pessoais.....	1 463,45	51,37	2 266,59
Despesas pessoais.....	1 399,72	51,02	2 164,88

FONTE — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Índices de Preços, Divisão de Planejamento e Estudos, pesquisa Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor.

gor o sistema de controle de preços que prevê reajustes automáticos até 90% da inflação do mês anterior, obedecendo-se o espaço mínimo de 30 dias entre um reajuste e outro. Reajustes acima do redutor automático são encaminhados às câmaras setoriais, que analisam os custos das empresas a fim de avaliar a necessidade de conceder aumentos maiores.

No índice do mês, além da pressão dos alimentos, observou-se alta generalizada nos preços dos produtos. Normalmente, a taxa de inflação do último mês do ano é alta devido à entressafra dos produtos agrícolas e ao característico aumento da demanda por ocasião das festas de final de ano.

Os produtos alimentícios

Os alimentos mantiveram-se abaixo da inflação durante os meses de agosto (25,01%), setembro (31,38%), outubro (29,98%) e novembro (35,26%), acumulando 944,25% até novembro, enquanto a inflação situava-se em 1 114,50%. Ao passar de 29,98% em outubro para 35,26% em novembro, os alimentos já demonstraram uma tendência de aceleração, o que se confirmou com a taxa de 54,77% em dezembro. Mesmo com a alta de dezembro, os produtos alimentícios acumularam, no ano, uma variação de 1 516,19%, inferior à taxa de inflação, que situou-se em 1 764,87%. A alta dos preços em dezembro é atribuída à entressafra, que propiciou uma certa recuperação dos preços agrícolas. Tendo em vista a defasagem de preços, as indústrias de alimentos solicitaram aumentos acima do redutor automático. Em negociação com o governo, no dia 11-12-89, ficou acertado que os repasse de aumentos de custos passariam a ser automaticamente aprovados pelas câmaras setoriais.

Observa-se que, em dezembro, a totalidade dos alimentos pesquisados, tiveram acentuados aumentos de preços. As exceções se concentraram nos alimentos sazonais (pepino, quiabo, etc.). Os grandes destaques no mês foram:

Arroz (53,46%) — com variação de 44,26% em novembro, os preços do arroz foram estimulados pela entressafra. Os estoques reguladores do governo passaram a ser comercializados em leilões nas bolsas,

semanalmente, em função dos preços de mercado atingirem níveis acima daqueles estabelecidos pelo governo (preços de intervenção).

Açúcar refinado (58,45%) — a variação registrada no mês refletiu os reajustes de 16%, 37,62% e 41,42%, concedidos em 01-11-89, 17-11-89 e 08-12-89, respectivamente. O abastecimento do produto continua prejudicado, principalmente nos estados do sul, devido ao atraso na entrega do produto pelas refinarias. O atraso tem sido atribuído à falta da matéria-prima, tendo em vista aprioridade dada pelas usinas à produção de álcool.

Carnes (72,11%) — contribuindo com 2,50 pontos percentuais na formação do índice do mês, as carnes passaram de 30,80% em novembro para 72,11% em dezembro. São vários os fatores que tentam explicar a acentuada alta do boi gordo: o fim da comercialização do boi confinado; contrato de exportação de carnes especiais cujo prazo de embarque vence dia 30-12-89 e a recuperação da rentabilidade do produto, tendo em vista o crescimento relativamente baixo de preços na entressafra. Mesmo com a alta do mês, as carnes acumularam uma variação de 1 375,37%, abaixo da taxa de inflação. É interessante observar que a carne bovina costuma apresentar fortes aumentos de preços no segundo semestre do ano, tendo em vista o período de entressafra, arrefecendo em dezembro, quando a safra se inicia. O ano de 1989 foi atípico: as carnes tiveram variações relativamente baixas no decorrer do segundo semestre aumentando, bruscamente, em dezembro.

Carnes e peixes industrializados (78,00%) — com um salto de 22,50% em novembro para 78,00% em dezembro, os produtos refletiram, basicamente, a significativa alta nos preços dos suínos. A carne suína, cuja variação de novembro situou-se em 24,75%, atingiu 101,34% em dezembro. A aceleração de preços pode ser explicada pela ausência de estoques nas indústrias, que foram obrigadas a recorrer quase que diariamente ao mercado atacadista para adquirir o produto. Os preços, por sua vez, aumentavam a cada dia, tendo em vista a alta do boi gordo, o fim dos estoques da carne suína que foi importada para suprir as indústrias e a redução de oferta de suínos

prontos para abate no ano de 1989. Acrescente-se, ainda, que o suíno e seus produtos industrializados são alimentos típicos das festas de final de ano, quando a demanda, normalmente, pressiona os preços. O mesmo acontece com o bacalhau, cuja variação foi bastante alta. Os maiores resultados no item carnes e peixes industrializados foram:

Presunto.....	206,70%
Bacalhau	82,17%
Salsicha	81,28%
Mortadela e salame	73,27%
Carne seca.....	69,54%
Lingüiça	67,60%

Frango (85,80%) — com variação de apenas 16,70% em novembro, a alta de dezembro foi propiciada pela alta do boi gordo, juntamente com a maior demanda de fim de ano.

Ovos (70,23%) — também com variação de apenas 16,89% em novembro, os ovos tiveram comportamento idêntico ao frango.

Pão francês (56,72%) — a variação do produto foi bastante superior aos 36,48% de novembro, refletindo os reajustes de 34,83%, 9,16% e 41,22%, em vigor a partir dos dias 01-11-89, 20-11-89 e 01-12-89, respectivamente.

Refrigerantes (69,43%) — no período de referência do índice, os refrigerantes foram reajustados em 23,8%, 33,86% e 13,96% nos dias 02-11-89, 18-11-89 e 22-11-89, respectivamente.

Cervejas (71,79%) — os reajustes das cervejas foram de 15,7%, 33,7%, 13,96% e 37,28%, a partir de 27-10-89, 02-11-89, 22-11-89 e 02-12-89, respectivamente.

Alimentação fora do domicílio (53,11%) — com a alta generalizada nos preços dos alimentos, os serviços dos bares e restaurantes aumentaram bastante, passando de 36,90% em novembro para 53,11% em dezembro.

Os produtos não-alimentícios

Os produtos não-alimentícios apresentaram uma taxa de 52,92%, superior aos 44,85% de novembro, acumulando 1 959,93% no ano, acima, portanto, da taxa de inflação. No mês, os destaques por grupo de produtos foram:

Habitação (62,48%) — o grupo foi pressionado pelos aluguéis residenciais que, mesmo com a variação relativamente alta em dezembro (53,45%), ficaram com 1 222,62% no ano, bem abaixo da inflação; foram altas as variações dos valores de condomínio (52,92%), da taxa de água e esgoto (59,21%) e do gás de bujão (58,67%). O grupo foi pressionado, também, pelas tarifas de energia elétrica (126,12%), tendo em vista a necessidade de recompor defasagens. Além dos reajustes acima dos 90% do IPC concedidos pelas câmaras setoriais, as tarifas de energia elétrica tiveram seus percentuais de desconto diminuídos, o que se traduz em aumento de preços. No IPC, a energia elétrica registrou uma variação de 1 859,30% no ano, superior à taxa de inflação.

Artigos de Residência (44,09%) — a variação foi superior à verificada em novembro (40,73%), devido ao crescimento de preços dos produtos dos itens mobiliário (42,33%), utensílios e enfeites (44,16%) e eletrodomésticos (50,00%).

Vestuário (49,86%) — com variação superior à de novembro (46,01%), destacaram-se as roupas femininas (55,37%) e infantis (52,50%).

Transporte e Comunicação (53,07%) — também com variação superior à registrada no mês de novembro (40,63%), as pressões no grupo foram exercidas pelos aumentos das passagens dos itens transporte público (46,48%) e veículo próprio (64,79%), onde os automóveis usados (57,54%) e as motocicletas (138,11%), destacaram-se. Quanto à gasolina (49,91%) e ao álcool (50,45%), as variações refletiram os reajustes médios de 37% e 20%, em vigor a partir dos dias 21-11-89 e 07-12-89, respectivamente. O reajuste do dia 21-11-89, foi maior do que o percentual de 33,86%, correspondente a 90% do IPC de outubro (37,62%), para compensar os prejuízos causados pela greve dos funcionários do CNP, que acarretou atraso de quatro dias para o aumento dos combustíveis, previsto para 17-11-89; o aumento do dia 07-12-89, foi concedido para repassar custos.

Saúde e Cuidados Pessoais (53,20%) — apresentou variação inferior à registrada em novembro (59,10%). Os produtos far-

macêuticos (70,34%), destacaram-se no grupo, refletindo os reajustes médios de 32%, 33,86% e 19,8%, concedidos, respectivamente, nos dias 06-11-89, 23-11-89 e 06-12-89.

Despesas Pessoais (56,94%) — com variação superior à de novembro (40,28%), o grupo foi pressionado pelos itens recreação (57,32%) e educação (87,09%). A variação dos cigarros (46,42%), refletiu os reajustes médios de 31,43% e 15% concedidos, respectivamente, em 16-10-89 e 07-11-89; registre-se que o reajuste do dia 07-11-89, além de levar em conta a defasagem de preços, absorveu o aumento da alíquota do ICMS.

Resultados acumulados

Com o resultado de 53,55% em dezembro, o IPC acumulou 1 764,87% em 1989, taxa superior aos 933,62% de 1988. De janeiro a junho, a variação situou-se em 175,62%, ficando em 576,61%, no período de julho a dezembro.

Na tabela a seguir encontram-se os resultados acumulados no ano por grupo de produtos.

Pode-se observar que os grupos Alimentação e Habitação terminaram o ano com variações inferiores à inflação, enquanto os demais grupos a ultrapassaram. A menor variação acumulada no ano ficou com os produtos alimentícios. As maiores variações, bastante próximas, ficaram com os grupos Despesas Pessoais, Artigos de Residência e Saúde e Cuidados Pessoais.

Quanto aos índices regionais, as Regiões Metropolitanas de Fortaleza, Belém e

Recife ficaram com os menores resultados no ano de 1989, inferiores à taxa do IPC. Com variações próximas ao IPC do ano, agrupam-se os índices de Belo Horizonte, Salvador, Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. Os maiores índices regionais foram verificados nas Regiões Metropolitanas de Porto Alegre e Curitiba, como mostra a tabela a seguir.

ÍNDICES REGIONAIS	VARIAÇÕES (%)
IPC	1 764,87
Fortaleza.....	1 625,99
Belém.....	1 636,37
Recife.....	1 692,05
Belo Horizonte	1 739,89
Salvador	1 752,74
Brasília, DF.....	1 762,04
São Paulo.....	1 784,46
Rio de Janeiro	1 788,79
Porto Alegre	1 804,45
Curitiba	1 848,78

NOTA EXPLICATIVA DO IPC

O Índice de Preços ao Consumidor — IPC — é o indexador oficial da economia brasileira, criado através do Decreto-Lei n.º 2.284 de 10 de março de 1986. De 28 de fevereiro de 1986 até outubro do mesmo ano, o IPC foi calculado pela metodologia do IPCA, de novembro de 1986 em diante passou a ser calculado pela metodologia do INPC.

O número índice de fevereiro refere-se à data de 28-02-86.

A variação de março de 1986 corresponde ao movimento de preços observados en-

GRUPOS	VARIAÇÕES (%)		
	Janeiro/novembro	Dezembro	Janeiro/dezembro
IPC.....	1 114,50	53,55	1 764,87
Alimentação e bebidas.....	944,25	54,77	1 516,19
Habitação.....	999,32	62,48	1 686,18
Artigos de residência.....	1 447,19	44,09	2 129,35
Vestuário	1 340,24	49,86	2 058,34
Transporte e comunicação.....	1 198,83	53,07	1 888,12
Saúde e cuidados pessoais	1 380,23	53,20	2 167,71
Despesas pessoais.....	1 315,41	56,94	2 121,34

tre o dia 28 de fevereiro de 1986 e a base definida pelos preços coletados em março de 1986.

Até maio de 1987, o IPC foi calculado com base nos preços coletados no mês civil. O IPC de junho de 1987 foi obtido comparando-se a média dos preços vigentes, no período de 16 a 22 de junho, com a média dos preços constatados no mês de

maio, conforme determinação do Decreto-Lei n° 2.335 de 12 de junho de 1987 e a Portaria n° 186 de junho de 1987. A partir de junho, também em cumprimento ao Decreto-Lei n° 2.335, o IPC passou a ser calculado, com base na média dos preços apurados, entre o início da segunda quinzena do mês anterior e o término da primeira quinzena do mês de referência.

**1 – VARIÇÃO GERAL, GERAL ACUMULADA E POR GRUPOS DE PRODUTOS, SEGUNDO
AS REGIÕES METROPOLITANAS
INPC Mensal – Dezembro de 1989**

(continua)

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação e bebidas	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	48,29	51,10	49,09	41,11	39,93	50,17	48,66	53,69
Fortaleza.....	51,57	51,59	59,24	53,25	44,26	49,70	51,57	55,37
Recife.....	51,72	52,65	54,49	40,16	45,87	68,18	49,32	57,47
Salvador.....	51,16	53,42	50,35	47,03	50,04	51,95	49,01	49,43
Belo Horizonte.....	52,23	57,95	58,28	38,66	44,78	58,06	52,45	46,79
Rio de Janeiro.....	50,12	51,80	53,20	43,48	43,45	55,25	51,52	50,10
São Paulo.....	50,83	53,51	47,92	41,26	46,80	56,92	52,96	50,97
Curitiba.....	53,21	62,89	49,68	36,96	47,84	63,05	50,62	50,12
Porto Alegre.....	50,73	58,88	62,71	45,88	33,56	58,06	48,81	45,06
Brasília, DF.....	53,84	57,47	51,16	46,84	45,08	56,96	53,60	59,57
INPC.....	51,28	54,59	52,05	42,62	44,62	57,03	51,37	51,02

INPC em 1989

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação e bebidas	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	1 746,46	1 474,70	2 204,44	1 787,91	1 893,65	1 425,13	2 437,51	2 126,68
Fortaleza.....	1 723,27	1 514,30	2 084,30	1 902,10	1 704,88	1 753,63	2 476,83	1 845,15
Recife.....	1 794,41	1 574,25	1 779,54	1 893,40	1 983,23	1 854,89	2 442,95	2 058,66
Salvador.....	1 857,79	1 585,61	1 991,52	1 963,82	2 176,06	1 869,93	2 106,17	2 538,41
Belo Horizonte.....	1 874,79	1 642,95	1 918,40	2 043,46	2 036,08	1 898,13	2 313,16	2 108,35
Rio de Janeiro.....	1 895,89	1 656,51	1 673,92	2 350,81	2 079,88	1 743,92	2 180,36	2 443,83
São Paulo.....	1 849,37	1 761,23	1 643,18	1 982,78	1 983,59	2 068,68	2 273,99	1 916,96
Curitiba.....	1 990,29	1 735,84	1 889,73	2 525,55	2 313,71	2 744,55	2 144,24	1 772,97
Porto Alegre.....	1 901,95	1 754,21	1 703,22	2 386,29	2 015,39	2 137,04	2 301,67	2 292,81
Brasília, DF.....	1 859,86	1 591,86	1 675,13	2 167,15	1 866,63	2 492,37	2 187,04	2 146,06
INPC.....	1 863,56	1 657,84	1 764,85	2 120,48	1 988,67	2 001,19	2 266,59	2 164,88

1 – VARIAÇÃO GERAL, GERAL ACUMULADA E POR GRUPOS DE PRODUTOS, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS
IPCA mensal – Dezembro de 1989

(continua)

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação e bebidas	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	48,89	51,03	47,02	40,97	39,73	55,22	46,99	55,96
Fortaleza.....	51,73	51,28	56,22	53,85	44,54	52,92	50,05	56,99
Recife.....	52,53	52,80	53,88	41,71	46,40	62,40	45,21	65,15
Salvador.....	51,19	53,54	50,80	48,35	50,05	50,03	47,55	52,19
Belo Horizonte.....	51,63	56,29	58,97	40,79	44,99	53,52	51,54	49,55
Rio de Janeiro.....	50,06	51,92	50,59	42,49	43,61	54,23	51,13	51,71
São Paulo.....	51,18	54,11	47,30	41,90	46,07	52,66	53,16	55,74
Curitiba.....	51,65	59,93	55,69	35,97	48,67	57,18	47,24	52,12
Porto Alegre.....	51,26	55,97	66,36	45,95	34,05	60,69	47,24	54,95
Brasília, DF.....	56,72	56,84	50,83	47,14	43,56	54,93	52,76	83,28
IPCA.....	51,50	54,28	51,24	42,63	44,44	54,24	50,80	56,54

IPCA em 1989

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação e bebidas	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	1 839,87	1 567,51	1 925,33	1 876,60	1 891,63	1 760,75	2 469,50	2 221,09
Fortaleza.....	1 815,30	1 551,48	1 824,43	1 952,88	1 728,72	2 130,43	2 434,04	1 941,55
Recife.....	1 929,53	1 618,48	1 675,44	1 919,98	2 004,13	2 179,50	2 510,41	2 245,11
Salvador.....	2 156,21	1 606,20	1 928,97	2 136,47	2 186,85	2 396,77	2 086,82	3 271,53
Belo Horizonte.....	1 949,20	1 691,66	1 933,04	2 124,17	2 090,83	1 999,36	2 285,54	2 174,39
Rio de Janeiro.....	2 047,10	1 687,35	1 556,81	2 538,32	2 129,04	1 923,03	2 306,84	3 023,13
São Paulo.....	1 903,31	1 829,43	1 610,95	1 994,36	1 992,42	2 018,83	2 256,73	1 927,83
Curitiba.....	2 048,96	1 730,40	1 973,57	2 647,94	2 410,14	2 387,81	2 162,77	1 767,53
Porto Alegre.....	2 029,05	1 795,83	1 636,80	2 336,36	2 046,81	2 242,67	2 269,27	2 622,83
Brasília, DF.....	1 978,28	1 640,30	1 537,82	2 159,78	1 858,14	2 330,74	2 147,37	2 554,00
IPCA.....	1 972,91	1 729,22	1 671,10	2 168,60	2 001,20	2 055,32	2 250,22	2 453,04

1 – VARIÇÃO GERAL, GERAL ACUMULADA E POR GRUPOS DE PRODUTOS, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS
IPC mensal – Dezembro de 1989

(conclusão)

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação e bebidas	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	49,23	48,88	52,93	43,44	47,07	43,09	54,93	52,68
Fortaleza.....	51,23	50,00	62,64	43,25	49,28	48,63	55,02	56,76
Recife.....	53,16	54,30	65,50	39,54	54,00	53,92	51,86	52,62
Salvador.....	50,73	53,86	54,27	38,99	50,41	47,39	47,47	55,01
Belo Horizonte.....	51,36	52,53	70,08	36,60	46,32	49,66	52,97	52,91
Rio de Janeiro.....	54,29	54,24	66,14	45,37	51,56	46,07	55,67	62,50
São Paulo.....	57,05	59,36	58,57	47,02	55,86	59,00	54,94	58,99
Curitiba.....	53,04	53,98	67,51	48,39	49,29	57,01	47,48	51,63
Porto Alegre.....	50,71	53,28	74,50	46,61	35,97	49,75	54,55	56,21
Brasília, DF.....	53,82	54,23	60,88	46,30	47,37	55,63	53,18	60,94
IPC.....	53,55	54,77	62,48	44,09	49,86	53,07	53,20	56,94

IPC em 1989

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação e bebidas	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	1 636,37	1 378,38	2 070,78	1 691,95	1 938,98	1 280,89	2 373,66	1 884,82
Fortaleza.....	1 625,99	1 441,66	1 896,37	1 768,40	1 809,78	1 588,57	2 269,53	1 794,52
Recife.....	1 692,05	1 484,46	1 581,35	1 863,89	2 028,06	1 723,12	2 321,85	1 809,00
Salvador.....	1 752,74	1 488,50	1 975,29	2 129,14	2 152,99	1 688,36	2 048,83	2 164,28
Belo Horizonte.....	1 739,89	1 502,16	1 870,68	1 922,05	2 211,52	1 673,74	2 146,84	2 078,40
Rio de Janeiro.....	1 788,79	1 533,88	1 616,21	2 378,89	2 082,30	1 589,94	2 219,06	2 306,77
São Paulo.....	1 784,46	1 600,42	1 554,46	2 109,77	2 022,28	2 091,24	2 151,90	2 064,30
Curitiba.....	1 848,78	1 556,78	1 816,38	2 260,69	2 312,71	2 357,49	1 977,95	1 828,55
Porto Alegre.....	1 804,45	1 563,23	1 621,93	2 622,24	2 168,96	1 886,91	2 201,25	2 307,18
Brasília, DF.....	1 762,04	1 431,83	1 692,33	2 246,30	1 953,57	2 154,80	1 146,68	2 055,98
IPC.....	1 764,87	1 516,19	1 686,18	2 129,35	2 058,34	1 888,12	2 167,71	2 121,34

2 - PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES NA VARIAÇÃO MENSAL

INPC - Dezembro de 1989

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO
Produtos farmacêuticos	58,33	2,47
Carnes	55,14	2,18
Franco	94,80	1,88
Ônibus urbano	47,83	1,86
Roupas masculinas	46,49	1,79
Roupas femininas	45,48	1,73
Bebidas	55,61	1,69
Recreação	48,90	1,68
Calçados	43,13	1,60
Leite e derivados	46,05	1,55
Artigos de higiene pessoal	48,60	1,50
Refeição em restaurante	52,90	1,47
Açúcares e derivados	58,19	1,42
Aluguel	53,51	1,22
Energia elétrica	56,53	1,18
Utensílios e artefatos	44,37	1,13
Serviços pessoais	45,40	1,07
Roupas infantis	43,90	1,03
Arroz	68,88	0,95
Pão francês	49,63	0,95
Itens listados acima	51,88	30,35
Demais itens	50,43	20,93

IPCA - Dezembro de 1989

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO
Recreação	54,97	2,69
Produtos farmacêuticos	57,67	2,04
Refeição em restaurante	52,42	2,04
Serviços pessoais	49,07	1,94
Roupas femininas	45,55	1,89
Roupas masculinas	46,14	1,79
Carnes	53,36	1,59
Calçados	42,93	1,48
Leite e derivados	47,91	1,34
Gasolina	56,58	1,30
Artigos de higiene pessoal	49,35	1,30
Bebidas	56,54	1,26
Automóveis usados	61,84	1,22
Serviços médicos	53,88	1,20
Franco	94,02	1,14
Mensalidades de cursos formais	161,07	1,10
Ônibus urbano	46,91	1,03
Açúcares e derivados	56,38	1,01
Artigos de mobiliário	44,80	1,01
Energia elétrica	59,62	0,99
Itens listados acima	53,70	29,36
Demais itens	48,85	22,14

IPC - Dezembro de 1989

ITENS	VARIAÇÃO (%)	CONTRIBUIÇÃO
Carnes	72,11	2,50
Produtos farmacêuticos	70,34	2,50
Roupas femininas	55,37	2,10
Roupas masculinas	49,71	2,02
Recreação	57,32	2,01
Calçados	44,69	1,94
Ônibus urbano	43,84	1,79
Energia elétrica	126,12	1,77
Bebidas	55,85	1,57
Franco	85,80	1,56
Roupas infantis	52,50	1,45
Aluguel	53,45	1,39
Artigos de higiene pessoal	44,61	1,38
Refeição em restaurante	48,77	1,36
Açúcares e derivados	49,05	1,22
Serviços pessoais	45,91	1,16
Pão francês	56,72	1,07
Taxa de água e esgoto	59,21	0,99
Leite pasteurizado	47,82	0,92
Arroz	53,46	0,72
Itens listados acima	56,14	31,42
Demais itens	50,26	22,13

3 - NÚMEROS ÍNDICES E VARIAÇÕES - 1988/89

INPC

(continua)

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março/88 = 100)	VARIAÇÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1988						
Janeiro	701,93	18,97	55,83	94,56	18,97	403,72
Fevereiro	812,91	15,81	57,03	114,41	37,78	411,97
Março	959,97	18,09	62,70	136,31	62,70	428,50
Abril	1 135,93	18,33	81,83	152,18	92,53	417,01
Maió	1 343,12	18,24	65,22	159,44	127,64	396,44
Junho	1 642,37	22,28	71,09	178,36	178,36	400,45
Julho	2 020,44	23,02	77,87	187,84	242,44	460,04
Agosto	2 437,26	20,63	81,46	199,82	313,09	542,86
Setembro	3 093,61	26,93	88,36	222,26	424,33	661,52
Outubro	3 919,29	26,69	93,98	245,03	584,28	770,10
Novembro	5 022,57	28,15	106,07	273,95	751,27	870,19
Dezembro	6 450,49	28,43	108,51	292,75	993,28	993,28
1989						
Janeiro	8 739,12	35,48	122,98	332,54	35,48	1 145,01
Fevereiro	10 167,97	16,35	102,45	317,19	57,63	1 150,81
Março	10 767,88	5,90	66,93	248,07	66,93	1 021,69
Abril	11 635,77	8,06	33,15	196,88	80,39	924,34
Maió	13 575,45	16,67	33,51	170,29	110,46	910,74
Junho	17 566,63	29,40	63,14	172,33	172,33	969,59
Julho	22 379,89	27,40	92,34	156,09	246,95	1 007,67
Agosto	29 805,54	33,18	119,55	193,13	362,07	1 122,91
Setembro	40 639,85	36,35	131,35	277,42	530,03	1 213,67
Outubro	56 391,86	38,76	151,98	384,64	774,23	1 338,83
Novembro	83 724,99	48,47	180,90	516,74	1 197,96	1 566,98
Dezembro	126 659,16	51,28	211,66	621,02	1 863,56	1 863,56

IPCA

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março/88 = 100)	VARIAÇÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1988						
Janeiro	732,67	18,89	56,18	96,33	18,89	386,67
Fevereiro	847,93	15,70	57,02	116,61	37,55	399,90
Março	997,17	17,60	61,76	136,34	61,76	405,18
Abril	1 189,52	19,29	62,31	153,49	92,97	405,98
Maió	1 396,73	17,42	64,72	158,64	126,58	389,19
Junho	1 704,01	22,00	70,88	176,43	176,43	398,54
Julho	2 077,36	21,91	74,64	183,46	237,00	456,52
Agosto	2 525,86	21,59	80,84	197,89	309,76	545,24
Setembro	3 219,21	27,45	88,92	222,83	422,23	662,99
Outubro	4 043,97	25,62	94,67	239,97	556,03	781,78
Novembro	5 173,86	27,94	104,84	270,43	739,33	858,09
Dezembro	6 658,76	28,70	106,84	290,77	980,21	980,21
1989						
Janeiro	9 155,13	37,49	126,39	340,71	37,49	1 149,22
Fevereiro	10 691,36	16,78	106,64	323,28	60,56	1 160,88
Março	11 420,51	6,82	71,51	254,76	71,51	1 045,29
Abril	12 371,84	8,33	35,14	205,93	85,80	940,07
Maió	14 588,87	17,92	36,45	181,97	119,09	944,50
Junho	18 768,58	28,65	64,34	181,86	181,86	1 001,44
Julho	23 974,98	27,74	93,79	161,87	260,05	1 054,11
Agosto	32 056,95	33,71	119,74	199,84	381,43	1 169,15
Setembro	44 097,54	37,56	134,95	286,13	562,25	1 269,82
Outubro	61 635,13	39,77	157,08	398,19	825,62	1 424,12
Novembro	91 109,05	47,82	184,21	524,51	1 268,26	1 660,95
Dezembro	138 030,21	51,50	213,01	635,43	1 972,91	1 972,91

3 – NÚMEROS ÍNDICES E VARIAÇÕES – 1988/89 IPC

(conclusão)

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março/88 = 100)	VARIACÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1988						
Janeiro.....	663,90	16,51	50,06	84,16	16,51	364,72
Fevereiro.....	783,14	17,96	56,87	104,24	37,44	381,13
Março.....	908,52	16,01	59,44	124,20	59,44	387,90
Abril.....	1 083,68	19,28	63,23	144,94	90,18	381,12
Maió.....	1 276,36	17,78	62,98	155,67	123,99	359,92
Junho.....	1 525,63	19,53	67,92	167,74	167,74	336,09
Julho.....	1 892,39	24,04	74,63	185,04	232,10	424,92
Agosto.....	2 283,36	20,66	78,90	191,56	300,72	495,49
Setembro.....	2 831,59	24,01	85,60	211,67	396,93	598,78
Outubro.....	3 603,20	27,25	90,40	232,50	532,34	714,43
Novembro.....	4 573,18	26,92	100,28	258,30	702,57	816,05
Dezembro.....	5 889,80	28,79	108,00	286,06	933,62	933,62
1989						
Janeiro.....	10 029,15	70,28	178,34	429,97	70,28	1 410,64
Fevereiro.....	10 390,20	3,60	127,20	355,04	76,41	1 226,74
Março.....	11 022,96	6,09	87,15	289,29	87,15	1 113,29
Abril.....	11 828,74	7,31	17,94	228,28	100,83	991,53
Maió.....	13 004,52	9,94	25,16	184,36	120,80	918,88
Junho.....	16 233,54	24,83	47,27	175,62	175,62	964,05
Julho.....	20 902,31	28,76	76,71	108,42	254,89	1 004,55
Agosto.....	27 035,05	29,34	107,89	160,20	359,01	1 084,00
Setembro.....	36 754,15	35,95	126,41	233,43	524,03	1 198,00
Outubro.....	50 581,06	37,62	141,99	327,61	758,79	1 303,78
Novembro.....	71 531,74	41,42	164,59	450,05	1 114,50	1 464,16
Dezembro.....	109 836,99	53,55	198,84	576,61	1 764,87	1 764,87

4 – VARIACÃO MENSAL IPC – Dezembro de 1989

GRUPOS	PONDERAÇÃO (%)	VARIACÃO (%)
Geral.....	100,00	53,55
Alimentação e bebidas.....	34,19	54,77
Habitação.....	9,72	62,48
Artigos de residência.....	10,00	44,09
Vestuário.....	16,21	49,86
Transporte e comunicação.....	10,24	53,07
Saúde e cuidados pessoais.....	9,41	53,20
Despesas pessoais.....	10,23	56,94

FONTE – IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Índices de Preços, Divisão de Planejamento e Estudos, pesquisa Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor.

5 – VARIAÇÃO MENSAL, PESOS DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS
Dezembro de 1989

			(continua)		
IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	VARIAÇÃO (%)	PESOS (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	VARIAÇÃO (%)	PESOS (%)
INPC			CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	43,13	3,72
INPC.....	51,28	100,00	Calçados e outros apetrechos	43,13	3,72
ALIMENTOS E BEBIDAS	54,59	35,77	JÓIAS.....	47,48	0,43
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	55,04	27,62	Jóias	47,48	0,43
Cereais, leguminosas e oleaginosas	55,75	2,44	TECIDOS E ARMARINHO	38,53	0,74
Farinhas, féculas e massas	45,78	1,38	Tecidos e armarinho	38,53	0,74
Tubérculos, raízes e legumes	24,56	0,82	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	57,03	9,71
Açúcares e derivados	58,19	2,44	TRANSPORTE.....	56,53	9,46
Hortaliças e verduras	55,93	0,12	Transporte público	49,47	5,23
Frutas	41,09	0,75	Veículo próprio	68,11	3,18
Carnes frescas e vísceras	55,14	3,95	Combustíveis (transporte)	56,60	1,06
Pescados	48,57	0,41	COMUNICAÇÕES	76,41	0,25
Carnes e peixes industrializados	73,96	1,01	Comunicações	76,41	0,25
Aves e ovos	90,75	2,54	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	51,37	9,96
Leite e derivados	46,05	3,37	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E		
Panificados	48,45	3,13	APARELHOS DE TRATAMENTO	57,48	4,56
Óleos e gorduras	45,54	0,96	Produtos farmacêuticos	58,33	4,23
Bebidas e infusões	55,61	3,04	Óculos e lentes	46,54	0,33
Enlatados e conservas	41,50	0,30	ATENDIMENTO E SERVIÇOS	42,94	2,30
Sal e condimentos	48,36	0,95	Atendimento médico	37,54	1,24
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	53,06	8,16	Serviços médicos	48,30	1,06
Alimentação fora do domicílio	53,06	8,16	CUIDADOS PESSOAIS	48,60	3,09
HABITAÇÃO.....	52,05	10,17	Higiene pessoal	48,60	3,09
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	49,35	7,44	DESPESAS PESSOAIS	51,02	10,13
Habitação.....	49,75	4,45	SERVIÇOS.....	45,40	2,35
Reparos	50,12	1,09	Serviços pessoais	45,40	2,35
Artigos de limpeza	47,98	1,90	RECREAÇÃO E FUMO	45,48	5,60
OPERAÇÃO	59,39	2,73	Recreação	48,90	3,44
Combustíveis para uso doméstico...	68,61	0,65	Fumo	40,00	2,15
Energia elétrica	56,53	2,08	EDUCAÇÃO E LEITURA	71,28	2,18
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA	42,61	9,38	Educação	78,50	1,64
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	43,06	5,94	Leitura e papelaria	49,60	0,54
Mobiliário	42,94	2,27			
Utensílios e enfeites	44,37	2,56			
Cama, mesa e banho	40,31	1,12			
APARELHOS ELÉTRICOS	41,84	3,43			
Eletrodomésticos e equipamentos ..	48,67	1,68			
TV e som	35,28	1,75			
VESTUÁRIO	44,62	14,89			
ROUPAS	45,50	10,00			
Roupas masculinas	46,49	3,85			
Roupas femininas	45,48	3,81			
Roupas infantis	43,90	2,34			

5 – VARIAÇÃO MENSAL, PESOS DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS
Dezembro de 1989

			(continua)		
IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	VARIAÇÃO (%)	PESOS (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	VARIAÇÃO (%)	PESOS (%)
IPCA			CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	42,93	3,44
IPCA.....	51,50	100,00	Calçados e outros apetrechos	42,93	3,44
ALIMENTOS E BEBIDAS	54,28	27,97	JÓIAS.....	49,84	0,48
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	54,78	19,65	Jóias	49,84	0,48
Cereais, leguminosas e oleaginosas	56,77	1,38	TECIDOS E ARMARINHO	39,92	0,74
Farinhas, féculas e massas	46,33	0,82	Tecidos e armarinho	39,92	0,74
Tubérculos, raízes e legumes	24,44	0,57	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	54,24	15,80
Açúcares e derivados	56,38	1,79	TRANSPORTE.....	53,19	15,26
Hortalças e verduras.....	53,51	0,11	Transporte público	48,65	3,72
Frutas.....	46,62	0,67	Veículo próprio.....	53,92	8,44
Carnes frescas e vísceras	53,36	2,97	Combustíveis (transporte)	56,65	3,09
Pescados	48,61	0,30	COMUNICAÇÕES	83,86	0,54
Carnes e peixos industrializados	79,78	0,80	Comunicações	83,86	0,54
Aves e ovos	89,81	1,55	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	50,80	11,05
Leite e derivados.....	47,91	2,79	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E		
Panificados.....	48,27	2,07	APARELHOS DE TRATAMENTO	56,76	4,04
Óleos e gorduras.....	45,32	0,60	Produtos farmacêuticos	57,67	3,54
Bebidas e infusões	56,53	2,23	Óculos e lentes.....	50,28	0,50
Enlatados e conservas	39,44	0,30	ATENDIMENTO E SERVIÇOS.....	48,17	4,38
Sal e condimentos.....	47,99	0,69	Atendimento médico	38,15	2,15
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	53,09	8,32	Serviços médicos.....	53,88	2,23
Alimentação fora do domicílio	53,09	8,32	CUIDADOS PESSOAIS	49,35	2,64
HABITAÇÃO.....	51,24	8,83	Higiene pessoal	49,35	2,64
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	48,19	6,77	DESPESAS PESSOAIS.....	56,54	13,29
Habitação.....	47,95	4,28	SERVIÇOS.....	49,06	3,96
Reparos	50,00	1,10	Serviços pessoais	49,06	3,96
Artigos de limpeza	47,50	1,39	RECREAÇÃO E FUMO	51,73	6,25
OPERAÇÃO	61,31	2,05	Recreação	54,97	4,90
Combustíveis para uso doméstico....	68,52	0,39	Fumo.....	39,97	1,35
Energia elétrica.....	59,62	1,66	EDUCAÇÃO E LEITURA	75,94	3,08
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA	42,63	8,43	Educação	88,42	2,11
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	43,33	5,42	Leitura e papelaria.....	48,75	0,97
Mobiliário	44,80	2,25			
Utensílios e enfeites	42,79	2,35			
Cama, mesa e banho	40,83	0,82			
APARELHOS ELÉTRICOS.....	41,36	3,00			
Eletrodomésticos e equipamentos ..	48,51	1,59			
TV e som.....	33,36	1,42			
VESTUÁRIO	44,44	14,64			
ROUPAS	45,03	9,98			
Roupas masculinas	46,14	3,88			
Roupas femininas	45,55	4,14			
Roupas infantis	41,75	1,96			

5 — VARIAÇÃO MENSAL, PESOS DOS GRUPOS, SUBGRUPOS E ITENS DE PRODUTOS,
SEGUNDO A IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS
Dezembro de 1989

(conclusão)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	VARIAÇÃO (%)	PESOS (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	VARIAÇÃO (%)	PESOS (%)
IPC	53,55	100,00	CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	44,69	4,33
ALIMENTOS E BEBIDAS	54,77	34,18	Calçados e outros apetrechos	44,69	4,33
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	55,24	26,63	JÓIAS	39,16	0,46
Cereais, leguminosas e oleaginosas	52,03	2,41	Jóias	39,16	0,46
Farinhas, féculas e massas	46,89	1,43	TECIDOS E ARMARINHO	49,52	0,79
Tubérculos, raízes e legumes	37,57	0,79	Tecidos e armarinho	49,52	0,79
Açúcares e derivados	49,05	2,49	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	53,07	10,24
Hortalças e verduras	33,63	0,16	TRANSPORTE	52,85	10,00
Frutas	36,61	0,80	Transporte público	46,48	5,46
Carnes frescas e vísceras	77,11	3,47	Veículo próprio	64,79	3,23
Pescados	46,10	0,45	Combustíveis (transporte)	49,97	1,32
Carnes e peixes industrializados	78,00	0,91	COMUNICAÇÕES	62,02	0,24
Avés e ovos	82,85	2,34	Comunicações	62,02	0,24
Leite e derivados	43,97	3,38	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	53,20	9,41
Penificados	53,17	3,02	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E APARELHOS DE TRATAMENTO	68,38	3,88
Óleos e gorduras	37,89	0,93	Produtos farmacêuticos	70,34	3,55
Bebidas e infusões	55,85	2,80	Óculos e lentes	47,58	0,33
Enlatados e conservas	40,24	0,30	ATENDIMENTO E SERVIÇOS	39,87	2,43
Sal e condimentos	45,87	0,94	Atendimento médico	42,50	1,33
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	53,11	7,56	Serviços médicos	36,69	1,10
Alimentação fora do domicílio	53,11	7,56	CUIDADOS PESSOAIS	44,61	3,10
HABITAÇÃO	62,48	9,72	Higiene pessoal	44,61	3,10
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	51,27	7,71	DESPESAS PESSOAIS	56,94	10,23
Habitacão	54,96	4,69	SERVIÇOS	45,91	2,53
Reparos	43,31	1,09	Serviços pessoais	45,91	2,53
Artigos de limpeza	46,79	1,93	RECREAÇÃO E FUMO	53,37	5,50
OPERAÇÃO	105,38	2,01	Recreação	57,32	3,51
Combustíveis para uso doméstico	58,05	0,61	Fumo	46,37	1,98
Energia elétrica	126,12	1,40	EDUCAÇÃO E LEITURA	78,53	2,20
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA	44,09	10,00	Educação	87,09	1,69
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	43,79	6,40	Leitura e papelaria	50,26	0,51
Mobiliário	42,32	2,38			
Utensílios e enfeites	44,16	2,79			
Cama, mesa e banho	45,81	1,23			
APARELHOS ELÉTRICOS	44,63	3,59			
Eletrodomésticos e equipamentos	50,00	1,78			
TV e som	39,34	1,81			
VESTUÁRIO	49,85	16,21			
RDUPAS	52,45	10,63			
Roupas masculinas	49,71	4,07			
Roupas femininas	55,37	3,80			
Roupas infantis	52,49	2,76			

PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

ESTIMATIVAS PARA O MÊS DE NOVEMBRO DE 1989

A estimativa da População Economicamente Ativa — PEA, para o mês de novembro-89, foi de 17 166 757 pessoas das quais 16 738 534 estavam ocupadas e 428 223 estavam desocupadas (procurando trabalho).

Em relação ao mês de novembro do ano passado, a PEA e o número de pessoas ocupadas aumentaram 1% e 2%, respectivamente, enquanto o número de pessoas desocupadas caiu 24%, influenciando fortemente a queda da taxa de desemprego aberto que passou de 3,32% em novembro-88 para 2,49% em novembro-89.

No setor de Atividades, observamos o aumento no número de pessoas ocupadas nos setores de Comércio (7%), das Indústrias de Transformação (4%) e da Construção Civil (1%). O número de pessoas ocupadas no setor de Serviços, em relação a novembro do ano passado, manteve-se estável.

No que diz respeito à posição na ocupação, aumentou o número estimado dos em-

pregados com carteira assinada (4%), dos empregadores (4%), e dos conta-próprias (3%), e caiu o número de empregados sem carteira assinada (5%).

Os Gráficos de 1 a 3 mostram o número de pessoas ocupadas, desocupadas e a taxa de desemprego aberto no período de 1985 a 1989.

RESULTADOS POR REGIÃO METROPOLITANA

A População Economicamente Ativa (PEA), em relação a novembro do ano passado, aumentou em todas as regiões metropolitanas, com exceção de Recife. As maiores variações ocorreram em Salvador (3%) e Belo Horizonte (2%). Neste período, a PEA sofreu, na maioria das regiões, o impacto da acentuada queda do número de pessoas desocupadas — destacaram-se Porto Alegre (- 37%), São Paulo (- 34%) e Recife (- 24%). Em Recife a PEA caiu 1%.

Em consequência da queda do número de pessoas desocupadas, a taxa de desempre-

GRÁFICO 1
 NÚMERO DE PESSOAS OCUPADAS
 (Período de referência – Semana/Idade mínima – 15 anos)

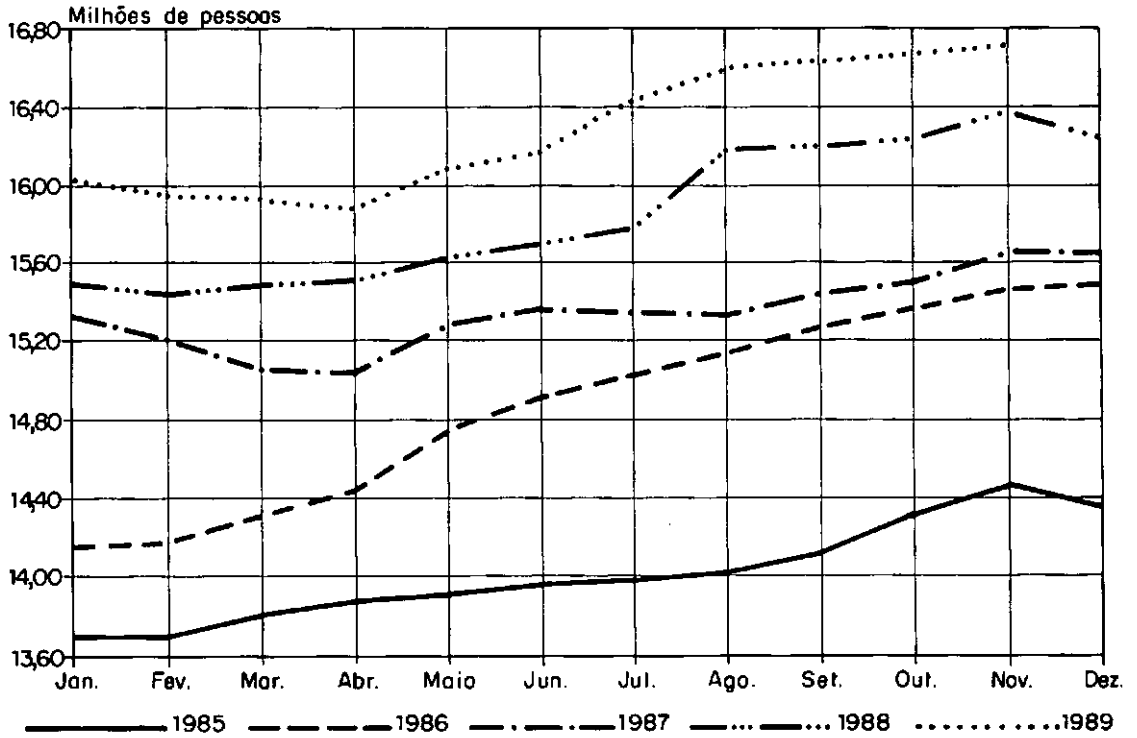


GRÁFICO 2
 NÚMERO DE PESSOAS DESOCUPADAS
 (Período de referência – Semana/Idade mínima – 15 anos)

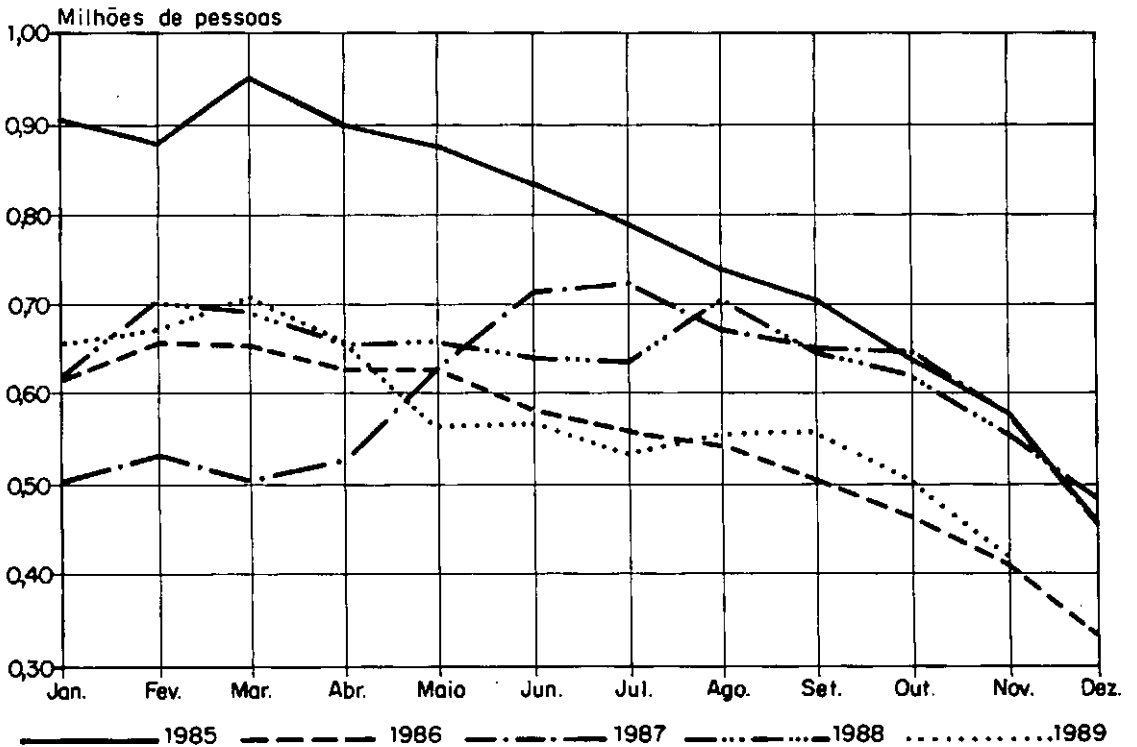
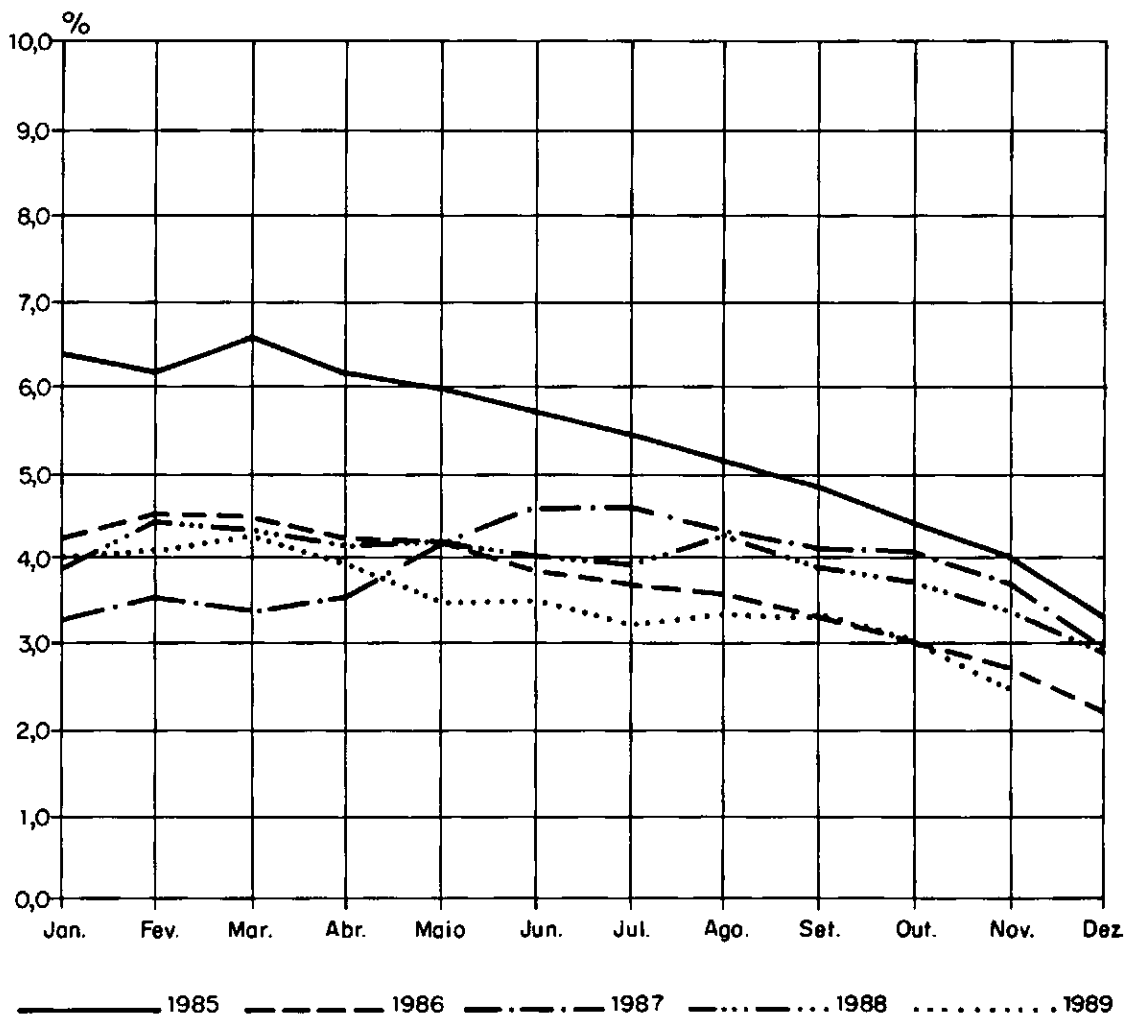


GRÁFICO 3
TAXA MÉDIA DE DESEMPREGO
(Período de referência — Semana/Idade mínima — 15 anos)



go aberto caiu na maioria das regiões metropolitanas, principalmente em Porto Alegre, onde passou de 2,93% em novembro-88 para 1,81% em novembro-89; em São Paulo de 3,30% para 2,13%; e em Recife de 5,05% para 3,90%, o que significa variação de -38% em Porto Alegre, -35% em São Paulo e -23% em Recife.

Quanto aos rendimentos médios reais, no mês de outubro-89, em relação a outubro do ano passado, todas as categorias tiveram ganhos elevados nas seis regiões metropolitanas pesquisadas. Os empregados com carteira assinada ganharam substancialmente em Porto Alegre (31%), em São Paulo (29%), em Recife (26%) e no Rio de Janeiro (20%). Os empregados sem cartei-

ra assinada auferiram ganhos elevados principalmente em Belo Horizonte (58%), em São Paulo (35%), em Recife (33%) e em Porto Alegre (27%). Já a categoria das pessoas que trabalham por conta própria destacou-se com os maiores ganhos em todas as Regiões: Porto Alegre (61%), Recife (50%), Belo Horizonte (50%), Rio de Janeiro (44%), São Paulo (42%) e Salvador (21%).

Os Gráficos de 4 a 9 mostram a média móvel de seis meses dos rendimentos médios reais, no período de 1985 a 1989, dos empregados com carteira assinada (ECC), dos empregados sem carteira assinada (ESC) e dos conta-próprias nas seis regiões metropolitanas pesquisadas.

GRÁFICO 4
 RENDIMENTO MÉDIO REAL – MM (6)
 Recife
 (Base: março/86 NCz\$)

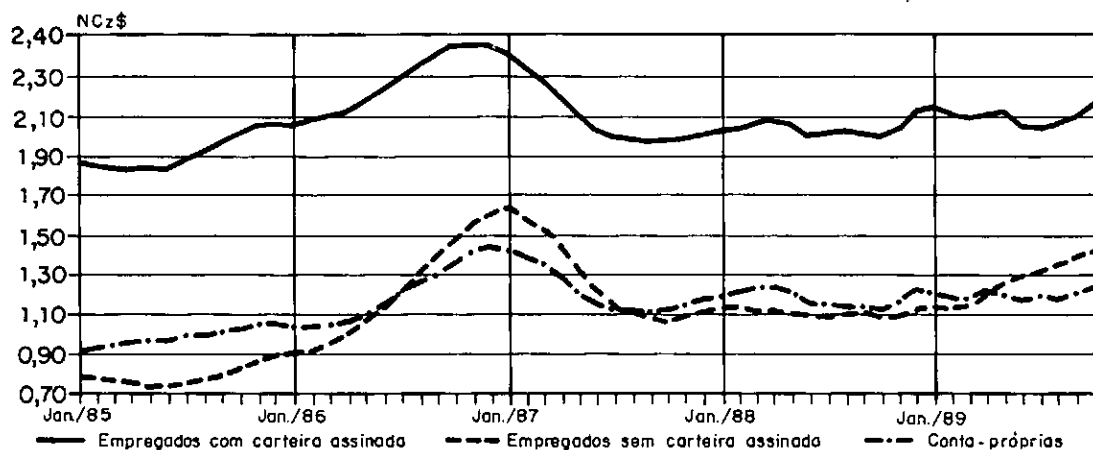


GRÁFICO 5
 RENDIMENTO MÉDIO REAL – MM (6)
 Salvador
 (Base: março/86 NCz\$)

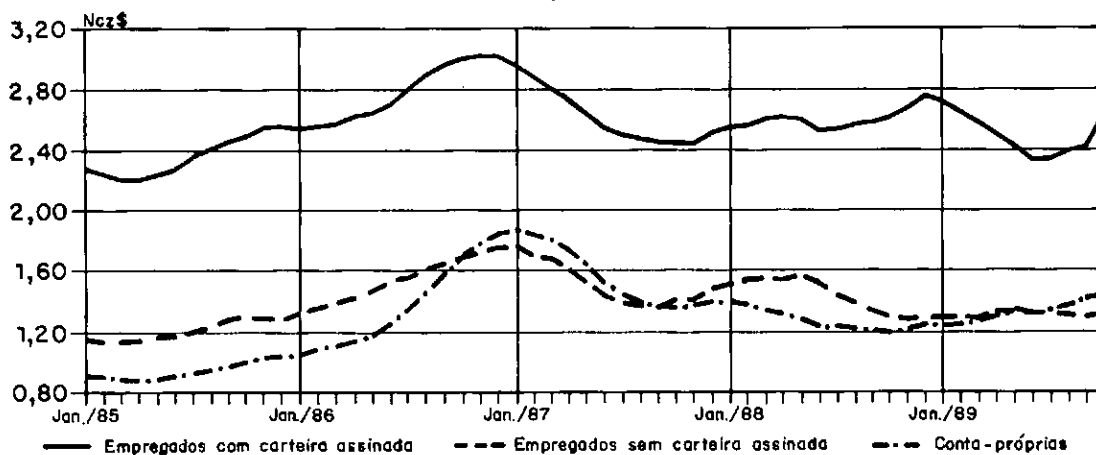


GRÁFICO 6
 RENDIMENTO MÉDIO REAL – MM (6)
 Belo Horizonte
 (Base: março/86 NCz\$)

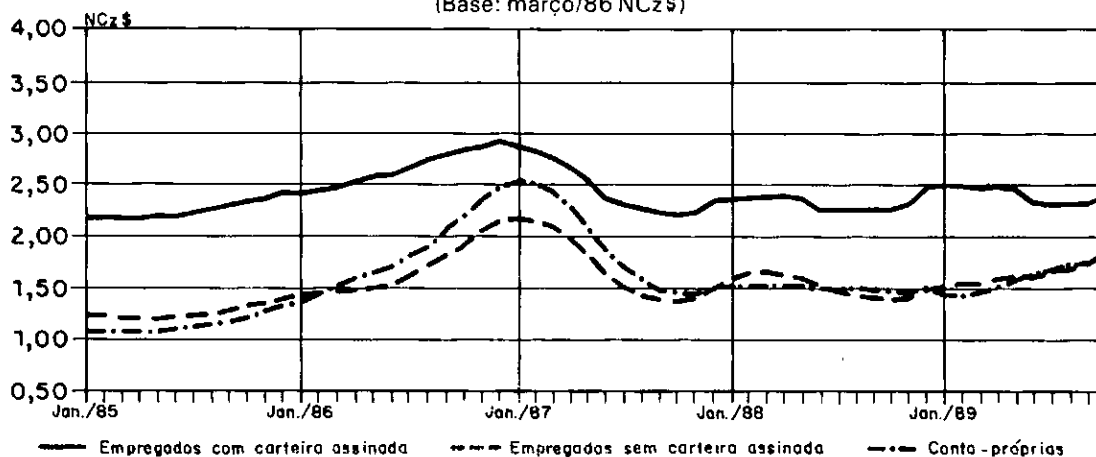


GRÁFICO 7
 RENDIMENTO MÉDIO REAL – MM (6)
 Rio de Janeiro
 (Base: março/86 NCz\$)

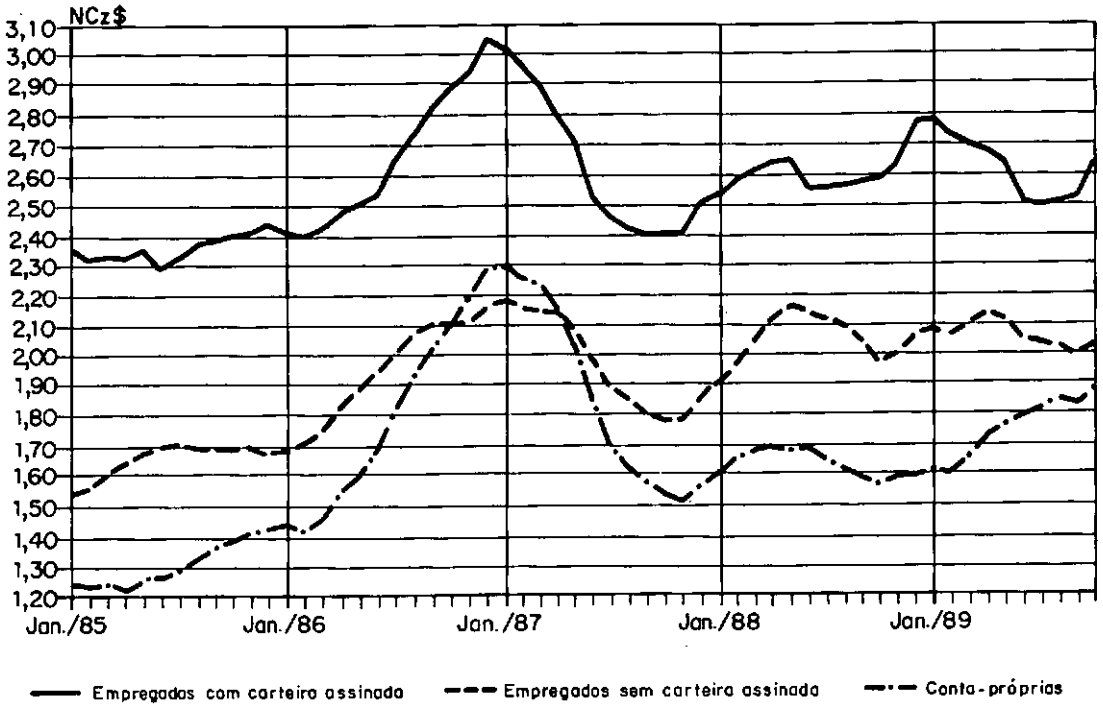


GRÁFICO 8
 RENDIMENTO MÉDIO REAL – MM (6)
 São Paulo
 (Base: março/86 NCz\$)

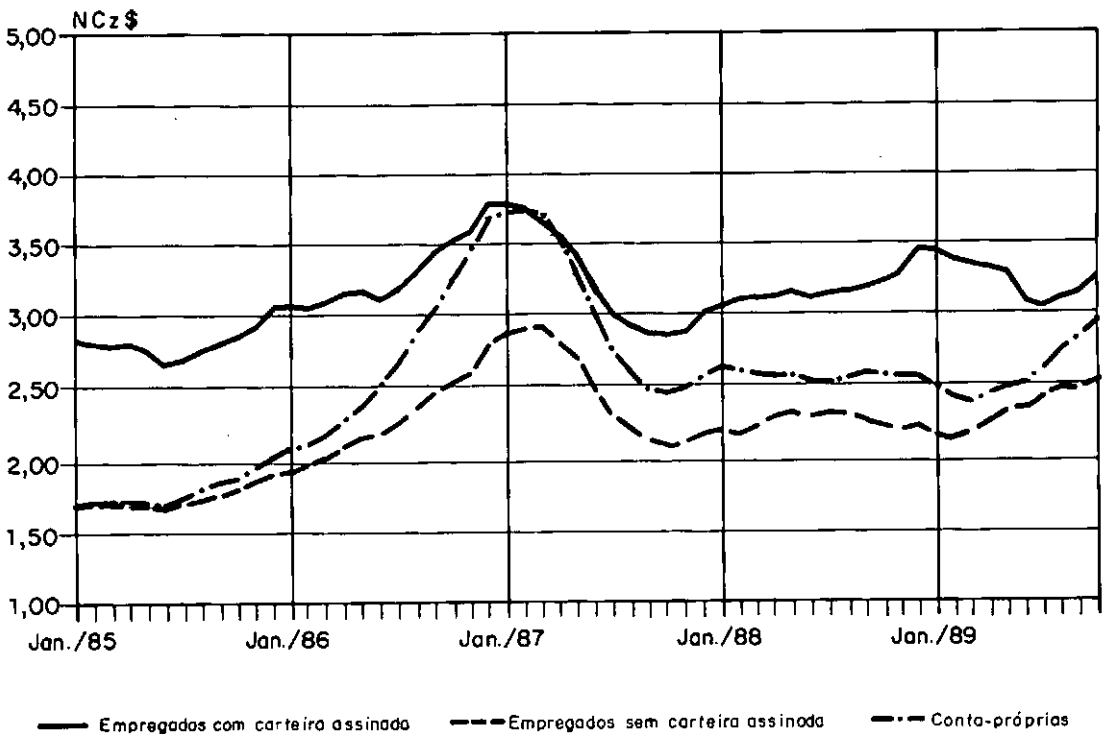
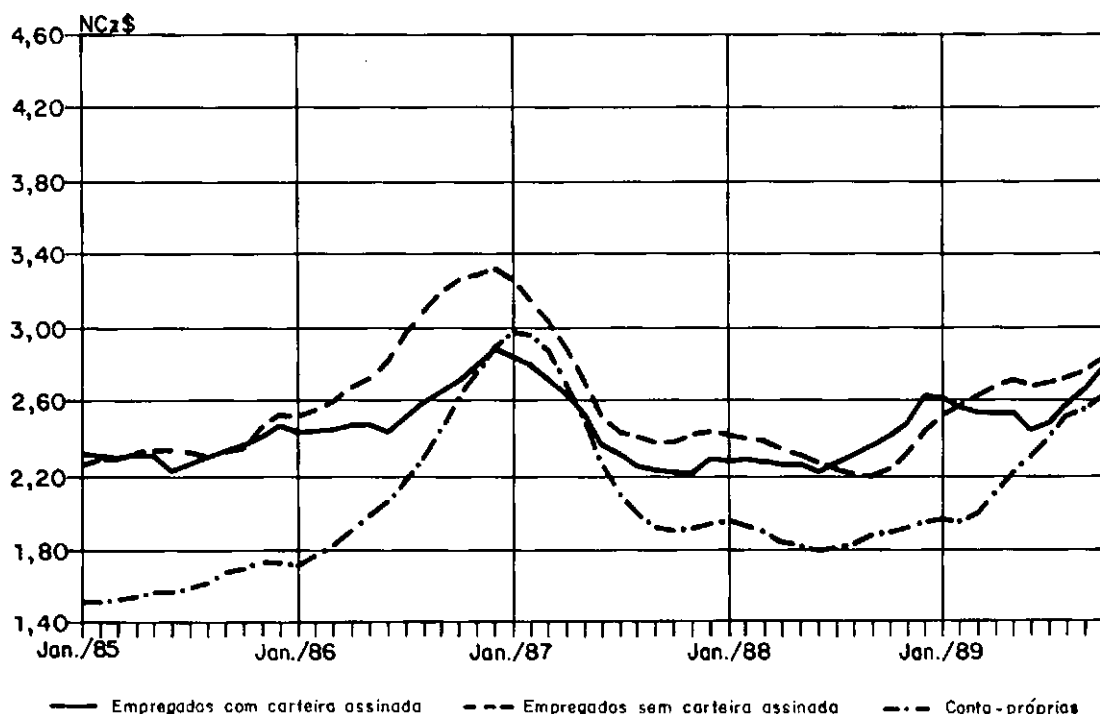


GRÁFICO 9
 RENDIMENTO MÉDIO REAL — MM (6)
 Porto Alegre
 (Base: março/86 NCz\$)



NOTA EXPLICATIVA

As informações da Pesquisa Mensal de Emprego — PME — são obtidas através de uma amostra probabilística de domicílios situados nas Regiões Metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Principais Conceitos

Os principais conceitos utilizados na pesquisa são os seguintes:

Trabalho — Considera-se como trabalho o exercício de:

- ocupação econômica remunerada em dinheiro, produtos ou outras formas não monetárias, como pode ser o caso dos empregados domésticos; e
- ocupação econômica sem remuneração, exercida normalmente pelo menos durante 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições reli-

giosa, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

Pessoas Ocupadas — Consideram-se como ocupadas na semana de referência as pessoas que, nesse período ou em parte dele, trabalharam, ou tinham trabalho, mas não trabalharam, como, por exemplo, pessoas em férias.

Pessoas Desocupadas — Consideram-se como pessoas desocupadas aquelas que não tinham trabalho na semana de referência, mas estavam dispostas a trabalhar e que, para isto, tomaram alguma providência efetiva para conseguir trabalho (na semana de referência ou no período de referência de 30 dias, conforme o período considerado).

Pessoas Economicamente Ativas — PEA — Consideram-se como economicamente ativas as pessoas ocupadas e as desocupadas.

Pessoas Não-economicamente Ativas — Consideram-se como não-economicamente ativas as pessoas que não são classificadas como ocupadas ou desocupadas.

Empregados — Consideram-se como empregados as pessoas que trabalham para

empregador, geralmente cumprindo uma jornada de trabalho e recebendo em contrapartida uma remuneração em dinheiro, produtos ou somente em benefícios (moradia, alimentação, vestuário, etc.). Incluem-se entre os empregados as pessoas que prestam serviço militar obrigatório e os clérigos.

Conta-próprias — Consideram-se como conta-próprias as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, não tendo empregados.

Empregadores — Consideram-se como empregadores as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, com auxílio de um ou mais empregados.

Não Remunerados — Consideram-se como não remunerados as pessoas que exercem ocupação econômica, sem remuneração, pelo menos 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

Rendimento de Trabalho — Para os empregados, considera-se a remuneração efetivamente recebida no mês de referência. Assim sendo, incluem-se as parcelas referentes ao 13º salário (14º, 15º, etc.) e a participação nos lucros paga pela empresa que tiver sido recebida no mês de referência. Para os empregadores e trabalhadores por conta própria, considera-se a retirada feita ou ganho líquido (rendimento bruto menos as despesas efetuadas com o negócio ou profissão — salário de empregados, matéria-prima, energia elétrica, telefone, etc.) recebido, efetivamente, no mês de referência.

Para a pessoa que recebe, pelo seu trabalho, em produtos ou mercadorias, considera-se o valor de mercado, efetivamente recebido no mês de referência.

Para a pessoa que estiver licenciada por instituto de previdência, considera-se o rendimento bruto do benefício (auxílio-doença, auxílio por acidente de trabalho, etc.), efetivamente recebido no mês de referência.

Semana de Referência — É aquela que antecede à semana fixada para a entrevista.

Período de Referência de 30 dias — São os 30 dias que antecedem à semana fixada para a entrevista.

Mês de Referência — É aquele que antecede ao mês de realização da pesquisa.

ESTIMATIVAS DE VALORES ABSOLUTOS

As estimativas dos valores absolutos apresentadas foram obtidas através de um estimador de razão. De uma forma simplificada, este estimador pode ser descrito como o produto de uma estimativa independente da população residente pela relação entre o valor da variável considerada e o total de pessoas residentes, ambos estimados através da amostra.

$$\hat{X} = P \frac{\hat{X}^*}{\hat{Y}^*}, \text{ onde:}$$

P — população residente obtida por estimativa independente;

\hat{X}^* — valor da variável estimado através da amostra; e

\hat{Y}^* — total de pessoas residentes estimado através da amostra.

A metodologia adotada para a revisão da estimativa da população residente considerou que a participação relativa das regiões metropolitanas, em relação à população total das respectivas Unidades da Federação, obedecia, no tempo, a um comportamento logístico.

Os limites dessas curvas logísticas foram determinados levando-se em conta a evolução das referidas participações no período 1970-85, conforme procedimento metodológico proposto por Frias¹. A partir dos valores das participações e das populações das Unidades da Federação, foram obtidas, por multiplicação, as populações residentes nas regiões metropolitanas, no dia 15 de cada mês.

¹ FRIAS, Luiz Armando de Medeiros. Determinação do limite superior ou inferior de curvas logísticas em projetos de população com base na tendência passada. Rio de Janeiro, DEPOP/IBGE, 1987 (a ser publicada).

1 – TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (SEMANA) – 1988/89

Pessoas desocupadas em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	6,23	5,71	4,91	5,21	4,34	4,21	2,78	2,89	3,96	4,19	3,43	3,00	3,80	3,87
Fevereiro.....	6,04	5,60	4,82	4,03	4,28	3,99	3,42	2,98	4,67	4,53	4,21	3,45	4,33	3,99
Março.....	6,25	6,85	4,93	5,12	4,13	4,20	3,40	3,21	4,58	4,45	4,30	3,39	4,30	4,18
Abril.....	5,87	5,82	5,07	4,47	4,35	3,98	3,26	3,16	4,22	4,28	3,91	2,99	4,08	3,94
Maió.....	5,06	5,29	4,82	3,95	4,64	3,67	3,19	2,61	4,35	3,56	3,66	2,76	4,04	3,37
Junho.....	5,00	5,02	5,17	4,59	4,60	3,05	3,03	2,70	4,00	3,61	4,05	2,57	3,90	3,37
Julho.....	5,67	6,12	4,93	4,29	4,14	3,16	2,96	2,47	4,01	3,14	3,60	2,58	3,84	3,17
Agosto.....	6,26	5,48	5,24	4,51	4,25	2,99	3,30	2,75	4,32	3,24	3,76	2,13	4,16	3,22
Setembro.....	5,57	5,33	3,84	5,06	3,74	3,01	3,15	2,59	4,10	3,30	3,57	2,07	3,84	3,22
Outubro.....	5,17	5,10	3,76	4,24	3,61	2,98	3,20	2,67	3,80	2,85	3,33	2,12	3,65	2,98
Novembro.....	5,05	3,90	4,01	3,15	3,10	2,99	3,01	2,63	3,30	2,13	2,93	1,81	3,32	2,49
Dezembro.....	4,56		4,02		3,11		2,39		2,88		2,79		2,92	

2 – TAXA DE DESEMPREGO ABERTO: PESSOAS QUE BUSCAM TRABALHO PELA PRIMEIRA VEZ – 1988/89

Pessoas desocupadas que nunca trabalharam anteriormente, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	1,11	0,82	0,59	0,58	0,52	0,65	0,21	0,28	0,27	0,27	0,38	0,22	0,35	0,35
Fevereiro.....	1,30	0,80	0,57	0,42	0,59	0,36	0,25	0,28	0,30	0,32	0,39	0,38	0,40	0,35
Março.....	1,16	1,05	0,55	0,53	0,48	0,43	0,16	0,25	0,29	0,32	0,41	0,22	0,34	0,36
Abril.....	0,90	1,02	0,63	0,73	0,40	0,47	0,22	0,29	0,22	0,30	0,36	0,19	0,31	0,37
Maió.....	0,87	0,69	0,69	0,47	0,43	0,43	0,27	0,24	0,25	0,18	0,32	0,12	0,33	0,27
Junho.....	0,84	0,83	0,47	0,54	0,43	0,32	0,30	0,23	0,25	0,17	0,31	0,15	0,33	0,26
Julho.....	0,81	1,29	0,50	0,44	0,42	0,29	0,31	0,21	0,18	0,14	0,29	0,27	0,31	0,28
Agosto.....	0,87	1,04	0,56	0,24	0,48	0,25	0,33	0,21	0,33	0,20	0,34	0,16	0,39	0,26
Setembro.....	1,01	0,75	0,30	0,51	0,36	0,25	0,36	0,12	0,21	0,15	0,16	0,10	0,32	0,21
Outubro.....	0,81	0,95	0,30	0,30	0,48	0,20	0,20	0,16	0,18	0,09	0,17	0,14	0,25	0,19
Novembro.....	0,76	0,55	0,38	0,35	0,25	0,22	0,15	0,18	0,19	0,06	0,19	0,08	0,23	0,16
Dezembro.....	0,77		0,18		0,29		0,20		0,15		0,17		0,22	

3 – TAXA DE DESEMPREGO ABERTO: PESSOAS QUE JÁ TRABALHARAM – 1988/89

Pessoas desocupadas que trabalharam anteriormente, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	5,12	4,88	4,32	4,62	3,82	3,55	2,57	2,60	3,89	3,92	3,05	2,78	3,45	3,52
Fevereiro.....	4,74	4,79	4,25	3,60	3,69	3,63	3,17	2,70	4,37	4,21	3,82	3,06	3,93	3,63
Março.....	5,09	5,79	4,38	4,59	3,65	3,77	3,24	2,95	4,29	4,13	3,89	3,16	3,96	3,82
Abril.....	4,97	4,79	4,44	3,73	3,95	3,50	3,04	2,87	4,00	3,98	3,55	2,79	3,77	3,56
Maió.....	4,19	4,59	4,13	3,47	4,21	3,23	2,92	2,37	4,10	3,37	3,34	2,64	3,71	3,10
Junho.....	4,16	4,18	4,70	4,05	4,17	2,73	2,73	2,46	3,75	3,44	3,74	2,41	3,57	3,10
Julho.....	4,86	4,83	4,43	3,85	3,72	2,86	2,65	2,25	3,83	3,00	3,31	2,30	3,53	2,89
Agosto.....	5,39	4,44	4,68	4,26	3,77	2,73	2,97	2,54	3,99	3,03	3,42	1,96	3,77	2,95
Setembro.....	4,56	4,58	3,54	4,54	3,38	2,75	2,79	2,46	3,89	3,14	3,41	1,97	3,52	3,01
Outubro.....	4,36	4,15	3,46	3,93	3,13	2,78	3,00	2,50	3,62	2,76	3,16	1,97	3,40	2,79
Novembro.....	4,29	3,35	3,63	2,79	2,85	2,77	2,86	2,45	3,11	2,07	2,74	1,73	3,09	2,33
Dezembro.....	3,79		3,84		2,82		2,19		2,73		2,62		2,70	

4 – TAXA DE DESEMPREGO: CHEFES DE DOMICÍLIO – 1988/89

Chefes de unidades domiciliares, desocupados, em relação às pessoas desocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CHEFES DE UNIDADES DOMICILIARES, DESOCUPADOS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	18,33	24,23	27,69	26,81	15,16	19,70	24,26	20,51	25,63	26,92	20,47	31,96	23,33	24,88
Fevereiro.....	18,42	25,77	27,86	33,81	15,30	18,33	23,43	20,20	21,94	25,22	24,55	29,04	21,92	24,35
Março.....	23,13	24,10	24,70	31,03	17,33	18,95	25,85	19,59	23,65	26,48	22,65	25,70	23,57	24,32
Abril.....	20,09	21,19	22,57	30,58	20,25	18,14	22,82	20,78	25,58	22,26	27,02	24,90	23,85	22,19
Maió.....	22,16	22,77	23,51	33,52	19,96	21,04	26,13	22,63	23,01	23,51	25,61	28,36	23,58	24,03
Junho.....	21,83	17,06	25,00	29,56	20,63	19,84	21,98	29,14	25,95	27,60	27,83	32,04	24,28	26,77
Julho.....	24,48	19,53	26,23	27,44	15,07	20,79	23,77	27,62	27,36	30,38	26,39	34,76	24,98	27,65
Agosto.....	21,63	21,65	24,92	33,20	15,75	20,32	23,03	22,77	23,03	30,45	24,66	30,20	22,52	27,08
Setembro.....	20,52	21,68	31,60	28,43	20,00	21,42	22,60	21,54	24,42	26,63	27,44	25,16	23,93	24,65
Outubro.....	21,20	20,90	32,02	28,04	18,45	21,72	24,16	18,95	24,43	25,81	24,81	28,98	24,08	23,55
Novembro.....	18,21	20,04	29,96	32,70	20,68	20,62	23,21	20,11	23,10	26,27	29,52	22,97	23,40	23,58
Dezembro.....	19,85		33,18		20,00		24,66		26,39		25,36			25,22

5 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO – 1988/89

Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor da indústria de transformação, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	6,80	6,85	5,41	6,09	4,08	4,17	3,35	3,17	4,97	5,04	3,80	3,09	4,56	4,53
Fevereiro.....	6,72	5,74	5,99	4,55	5,04	4,38	4,43	3,89	5,72	5,32	4,57	3,16	5,37	4,77
Março.....	8,70	8,58	5,66	7,28	4,77	4,90	4,38	3,98	5,45	5,05	4,35	3,63	5,22	4,92
Abril.....	7,47	6,11	6,17	5,14	4,75	4,11	4,07	3,95	5,22	4,68	4,74	3,57	5,03	4,46
Maió.....	7,83	7,99	5,87	3,53	4,71	3,66	3,94	2,68	5,89	4,28	4,47	3,53	5,34	3,97
Junho.....	6,27	5,92	5,73	3,75	5,04	3,89	3,82	3,13	5,45	4,42	4,62	2,82	5,06	4,01
Julho.....	8,15	5,87	6,22	4,68	4,35	3,82	3,98	2,79	5,20	3,49	4,35	3,38	4,95	3,49
Agosto.....	7,41	7,49	5,51	5,29	4,00	3,40	3,36	3,75	5,32	3,64	3,87	2,35	4,80	3,73
Setembro.....	7,23	6,74	4,81	4,56	4,28	3,34	3,31	3,19	4,89	4,02	5,11	2,25	4,63	3,77
Outubro.....	6,48	6,88	5,60	5,59	3,32	3,15	3,59	3,31	4,54	3,04	3,61	2,27	4,29	3,27
Novembro.....	6,52	4,22	4,45	3,49	3,35	3,38	3,39	2,68	3,98	2,97	2,83	1,95	3,82	2,91
Dezembro.....	5,34		5,60		3,63		2,80		3,42		2,57		3,37	

NOTA – Excluídas as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

6 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL – 1988/89

Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor da construção civil, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	9,81	6,89	6,57	6,77	4,97	5,47	2,91	1,93	3,66	4,83	2,53	4,13	4,09	4,28
Fevereiro.....	8,70	7,03	7,31	5,05	4,05	5,04	3,00	3,44	3,63	4,80	3,54	4,57	4,06	4,57
Março.....	8,82	13,09	7,86	8,64	5,31	4,85	3,24	4,02	3,44	4,30	2,58	3,25	4,20	5,12
Abril.....	6,52	8,45	8,33	6,40	4,74	4,67	2,31	4,00	2,41	3,99	3,70	2,05	3,44	4,39
Maió.....	4,30	7,49	7,21	4,83	4,89	2,93	2,84	3,23	2,91	2,56	3,04	3,43	3,51	3,34
Junho.....	6,02	8,11	8,18	7,78	5,56	3,34	3,55	3,13	3,10	1,99	3,10	1,37	4,08	3,28
Julho.....	8,08	6,70	7,23	6,73	4,30	3,95	2,58	2,36	2,97	3,74	4,21	1,67	3,73	3,65
Agosto.....	9,28	7,07	6,87	7,68	4,95	2,37	3,79	2,47	2,95	2,16	3,55	2,45	4,14	3,02
Setembro.....	7,42	5,04	5,13	7,56	3,48	3,69	3,75	3,68	3,07	1,77	3,13	2,61	3,74	3,28
Outubro.....	4,95	5,81	5,70	5,10	4,88	4,41	3,13	3,23	3,87	2,49	1,71	2,39	3,83	3,36
Novembro.....	8,69	4,52	6,76	6,14	3,33	4,61	2,38	2,99	2,82	0,72	2,73	1,90	3,44	2,59
Dezembro.....	3,57		6,37		3,37		2,55		3,18		2,68		3,23	

NOTA – Excluídas as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

7 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DO COMÉRCIO – 1988/89
Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor do comércio, em relação
às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,
segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	4,95	5,76	5,30	6,19	4,81	3,64	3,52	3,89	3,53	3,67	3,92	3,86	3,87	4,07
Fevereiro	5,08	4,79	5,47	4,04	5,10	4,77	2,75	3,62	4,27	4,31	6,31	3,60	4,18	4,12
Março	5,61	5,26	5,30	4,21	4,26	4,43	3,67	4,52	4,83	4,79	6,41	4,51	4,66	4,66
Abril	4,32	5,87	7,14	4,35	5,31	4,93	4,10	4,44	5,05	4,19	4,15	4,61	4,80	4,89
Maió	4,51	3,79	4,67	4,47	6,44	4,78	4,40	3,51	4,66	3,96	3,79	3,20	4,66	3,87
Junho	4,44	3,66	5,07	5,02	4,91	3,59	4,12	3,59	4,08	4,16	5,34	4,49	4,36	4,00
Julho	4,84	5,78	4,91	4,45	4,88	4,15	3,29	2,72	4,31	3,52	4,19	3,38	4,14	3,59
Agosto	5,77	5,17	6,28	4,92	4,95	3,27	3,96	3,60	5,00	4,47	4,53	2,71	4,82	4,07
Setembro	4,90	5,71	4,72	5,46	4,54	2,35	4,50	3,21	4,52	3,90	3,26	2,63	4,45	3,73
Outubro	4,86	4,50	5,43	5,02	3,73	2,98	4,21	2,73	4,46	3,76	4,19	2,85	4,41	3,48
Novembro	4,25	3,79	5,44	3,17	2,88	2,93	3,82	3,41	3,71	2,25	3,36	2,50	3,80	2,83
Dezembro	3,71		4,32		2,94		2,54		3,38		2,90		3,14	

NOTA – Exclusive as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

8 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DOS SERVIÇOS – 1988/89
Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor dos serviços, em relação
às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,
segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	4,77	4,41	4,01	4,00	3,47	3,19	2,29	2,34	2,95	3,23	2,69	2,28	2,95	2,99
Fevereiro	4,09	4,52	3,39	3,42	3,02	2,90	3,08	2,12	3,65	3,49	3,00	2,89	3,37	3,01
Março	3,84	4,47	3,79	3,99	2,99	3,21	3,00	2,37	3,50	3,38	3,47	2,54	3,33	3,09
Abril	4,68	4,11	3,30	3,28	3,46	2,60	2,80	2,29	3,25	3,55	3,13	2,13	3,21	2,97
Maió	3,86	3,90	3,46	3,28	3,67	2,88	2,53	2,05	3,00	2,71	2,78	1,95	2,97	2,58
Junho	3,86	3,60	4,31	3,40	3,54	2,10	2,16	2,03	2,71	2,89	3,16	1,81	2,81	2,55
Julho	4,13	4,54	4,11	3,15	3,20	2,01	2,33	2,18	2,86	2,51	2,60	1,61	2,85	2,47
Agosto	5,01	3,40	4,37	3,56	3,15	2,56	2,76	2,11	2,98	2,41	3,07	1,57	3,16	2,42
Setembro	4,23	4,25	3,11	4,39	2,94	2,61	2,43	2,13	3,28	2,48	2,74	1,67	2,99	2,57
Outubro	4,28	3,67	2,60	3,52	2,79	2,35	2,81	2,31	2,85	2,46	3,20	1,51	2,93	2,48
Novembro	3,79	3,23	3,09	2,37	2,78	2,29	2,78	2,31	2,56	1,58	2,78	1,49	2,78	2,03
Dezembro	3,86		3,33		2,42		2,13		2,02		2,84		2,35	

NOTA – Exclusive as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

9 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES – 1988/89
Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor das outras atividades, em relação
às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,
segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	2,22	2,18	1,93	1,24	2,45	1,69	0,87	1,34	1,21	1,49	1,30	1,23	1,38	1,48
Fevereiro	2,79	3,64	1,74	1,41	1,88	2,43	1,68	1,54	1,73	2,22	1,87	1,73	1,86	2,02
Março	3,59	4,33	1,92	1,12	1,95	1,77	1,64	1,14	2,13	1,92	1,41	2,40	2,02	1,88
Abril	3,32	2,67	1,22	1,30	1,35	3,32	1,53	0,92	1,01	2,50	0,48	1,03	1,46	1,76
Maió	1,02	2,83	2,01	1,69	1,35	1,78	1,32	0,98	0,49	1,56	1,69	1,80	1,18	1,55
Junho	0,96	2,73	1,96	3,34	3,05	1,80	1,18	1,07	0,67	0,98	1,26	1,32	1,26	1,55
Julho	2,22	2,76	1,36	2,99	2,48	2,07	1,06	0,68	2,03	0,99	1,39	0,91	1,62	1,36
Agosto	2,19	2,61	1,24	2,16	2,91	1,30	1,54	0,97	1,93	1,21	1,45	0,99	1,80	1,37
Setembro	1,42	1,78	1,15	1,31	2,04	1,33	0,70	0,85	1,78	2,59	1,63	0,95	1,30	1,49
Outubro	1,86	1,75	0,43	1,02	1,61	1,54	1,15	0,87	0,93	0,69	0,79	1,26	1,12	1,04
Novembro	1,56	1,55	0,30	0,69	1,17	1,17	1,37	0,73	0,46	0,69	0,91	0,76	1,01	0,86
Dezembro	2,25		1,42		1,82		0,59		1,41		0,76		1,17	

NOTA – Exclusive as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

10 – TAXA DE DESEMPREGO (30 DIAS) – 1988/89
 Pessoas desocupadas, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – 30 dias

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	6,70	6,16	5,15	5,62	4,82	4,73	3,27	3,23	4,15	4,46	3,78	3,31	4,14	4,21
Fevereiro	6,92	6,17	5,12	4,45	4,93	4,52	3,96	3,53	5,16	4,83	4,62	3,80	4,86	4,40
Março	6,76	7,40	5,25	5,72	4,86	4,80	3,88	3,51	5,00	4,74	4,66	3,57	4,76	4,53
Abril	6,20	6,35	5,46	4,70	4,68	4,51	3,55	3,44	4,43	4,55	4,30	3,16	4,36	4,24
Maió	5,26	5,74	5,00	4,32	5,06	4,08	3,42	2,81	4,63	3,75	4,01	2,97	4,32	3,61
Junho	5,33	5,29	5,45	4,86	5,00	3,58	3,37	2,91	4,18	3,84	4,45	2,81	4,18	3,62
Julho	6,36	6,67	5,14	4,56	4,70	3,45	3,29	2,78	4,29	3,28	4,09	2,73	4,19	3,41
Agosto	6,84	5,80	5,46	4,95	4,77	3,38	3,44	3,00	4,41	3,44	4,11	2,26	4,36	3,47
Setembro	6,07	5,78	4,02	5,32	4,33	3,37	3,46	2,79	4,43	3,47	4,02	2,20	4,19	3,44
Outubro	5,58	5,55	3,82	4,53	4,07	3,40	3,48	2,92	3,99	3,17	3,58	2,22	3,91	3,28
Novembro	5,48	4,09	4,28	3,43	3,57	3,40	3,24	2,92	3,55	2,28	3,20	2,06	3,60	2,73
Dezembro	5,09		4,26		3,71		2,72		3,33		3,24		3,34	

11 – TAXA DE ATIVIDADE – 1988/89

Pessoas economicamente ativas, em relação às pessoas de 15 anos ou mais de idade, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	54,29	54,69	59,87	60,26	62,35	63,53	57,97	58,28	62,73	63,26	61,58	62,42	60,40	60,94
Fevereiro	55,25	54,25	60,77	59,85	62,07	62,48	58,11	58,06	63,27	63,42	60,20	62,61	60,68	60,80
Março	54,44	55,88	60,55	60,14	61,92	62,77	58,07	57,48	63,77	63,20	61,57	62,90	60,89	60,72
Abril	54,53	55,20	60,29	59,92	62,20	62,79	58,16	57,09	63,27	63,09	61,61	62,37	60,75	60,43
Maió	53,93	55,33	60,22	60,22	63,13	63,59	58,41	56,74	63,59	63,66	63,12	62,56	61,18	60,71
Junho	54,18	55,72	60,80	61,48	63,56	63,68	57,75	57,32	63,81	63,81	63,51	62,48	61,13	61,05
Julho	54,25	56,67	61,00	62,02	62,94	63,34	58,34	57,46	63,68	64,31	63,55	62,64	61,22	61,40
Agosto	56,91	56,45	63,25	62,14	64,38	63,55	59,21	58,14	65,25	64,73	64,10	63,05	62,59	61,84
Setembro	56,91	56,03	62,86	62,41	64,14	63,45	59,16	58,13	65,27	64,56	63,75	62,63	62,51	61,70
Outubro	56,66	56,28	63,12	61,33	63,91	62,79	59,30	58,25	64,67	64,10	63,82	62,89	62,29	61,43
Novembro	57,02	55,00	62,15	61,48	63,37	62,63	59,47	58,12	64,69	63,67	64,30	62,44	62,30	61,12
Dezembro	55,50		61,33		63,53		58,85		63,69		63,62		61,50	

12 – TAXA DOS OCUPADOS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO – 1988/89

Pessoas ocupadas na indústria de transformação, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	14,61	14,66	12,78	13,06	19,55	19,51	17,59	17,40	34,21	32,22	27,16	26,72	25,08	24,14
Fevereiro	14,16	14,41	13,04	13,09	19,59	19,06	17,33	16,69	34,15	31,99	27,46	26,67	25,01	23,76
Março	13,56	14,25	13,00	13,60	20,26	19,28	17,05	16,50	33,93	32,55	26,92	26,18	24,89	23,95
Abril	14,28	14,67	12,06	13,23	19,23	20,01	17,11	17,00	33,65	33,03	25,93	26,68	24,62	24,34
Maió	13,50	14,65	12,57	12,95	19,47	19,30	17,11	17,37	33,07	32,95	27,38	25,78	24,60	24,42
Junho	14,00	15,14	12,42	13,17	19,42	19,46	17,07	17,47	33,33	33,30	27,17	26,87	24,63	24,68
Julho	14,37	15,08	11,98	13,30	19,39	19,94	17,49	18,01	33,46	33,39	27,09	27,11	27,74	25,02
Agosto	14,23	14,54	12,57	12,74	18,84	20,00	17,43	17,26	33,82	33,98	27,55	27,52	24,90	25,07
Setembro	14,66	14,11	13,01	12,87	18,75	19,73	17,59	17,73	33,37	33,17	26,82	27,09	24,73	24,78
Outubro	14,18	14,80	12,71	13,24	19,44	20,36	17,84	17,98	33,67	33,95	26,77	26,39	24,89	25,12
Novembro	13,64	14,16	12,47	12,41	19,44	19,77	17,41	17,57	33,21	33,69	26,46	27,08	24,50	24,89
Dezembro	14,27		13,28		19,02		17,44		32,23		26,07		24,10	

13 – TAXA DOS OCUPADOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL – 1988/89
Pessoas ocupadas na construção civil, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	6,50	7,79	8,13	9,05	9,50	10,13	7,34	7,55	5,65	6,20	5,98	6,57	6,70	7,23
Fevereiro	6,85	7,22	8,75	9,00	9,58	9,89	7,18	7,19	6,09	6,16	6,09	6,09	6,91	7,02
Março	6,75	7,08	8,60	8,27	9,56	9,81	7,16	7,28	6,15	6,53	6,03	5,84	6,91	7,12
Abril	7,26	6,75	8,89	7,88	9,72	9,00	7,28	7,53	6,34	6,16	6,20	6,07	7,10	6,95
Maió	7,09	7,12	8,33	8,69	10,07	9,43	7,37	7,67	6,28	6,42	5,89	6,22	7,06	7,21
Junho	7,09	6,92	8,81	8,52	10,06	9,77	7,06	7,45	6,39	6,49	5,92	5,80	7,05	7,16
Julho	6,85	6,84	8,92	9,26	10,63	10,32	7,24	7,52	6,20	6,14	6,06	6,20	7,07	7,14
Agosto	6,66	6,40	8,99	9,05	10,12	10,66	7,40	7,33	6,84	6,65	5,81	6,24	7,32	7,30
Setembro	6,60	6,69	9,27	9,27	10,44	10,52	7,44	7,63	6,52	6,55	5,79	5,96	7,23	7,33
Outubro	6,62	6,64	8,79	9,07	9,94	10,49	7,56	7,19	6,66	6,32	6,13	6,47	7,29	7,14
Novembro	7,32	7,46	8,98	8,55	10,46	10,04	7,28	7,08	6,54	6,54	6,16	6,43	7,26	7,18
Dezembro	7,73		8,82		10,60		7,68		6,26		6,49		7,31	

14 – TAXA DOS OCUPADOS NO COMÉRCIO – 1988/89
Pessoas ocupadas no comércio, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	16,75	17,21	14,47	15,50	12,30	13,77	13,46	13,09	13,46	13,70	14,64	15,08	13,70	13,95
Fevereiro	16,47	16,88	14,89	14,60	12,36	13,38	12,97	13,52	13,48	13,80	13,87	14,21	13,51	13,95
Março	16,11	16,14	14,50	15,36	12,49	13,62	13,08	13,43	12,69	13,90	13,51	15,11	13,27	14,06
Abril	16,52	16,26	14,47	16,26	12,85	13,61	13,11	12,99	12,80	13,77	15,43	14,85	13,40	13,92
Maió	15,86	15,92	14,45	15,48	13,20	13,67	12,76	13,70	13,08	13,26	14,82	14,78	13,35	13,84
Junho	16,18	16,52	14,98	14,81	12,85	13,74	12,87	13,57	12,62	12,68	14,30	14,71	13,18	13,56
Julho	17,08	17,40	14,83	14,16	13,07	13,51	12,97	13,32	13,46	13,37	14,63	14,86	13,67	13,78
Agosto	16,37	16,82	14,59	14,21	13,65	13,01	12,52	13,25	12,79	13,02	14,64	14,48	13,26	13,51
Setembro	16,21	17,81	13,63	14,29	13,03	12,94	12,77	13,24	12,71	13,63	14,68	15,13	13,18	13,88
Outubro	17,22	17,51	14,61	15,18	12,84	13,26	12,61	13,56	12,77	13,32	14,96	15,03	13,28	13,90
Novembro	17,24	17,33	14,99	15,28	13,36	13,35	12,56	13,76	12,67	13,39	14,95	15,08	13,30	13,97
Dezembro	17,19		14,97		13,86		13,72		13,23		15,63		13,95	

15 – TAXA DOS OCUPADOS NOS SERVIÇOS – 1988/89
Pessoas ocupadas nos serviços, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NOS SERVIÇOS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	48,14	47,13	52,49	51,51	51,05	49,30	52,00	52,39	42,13	43,52	43,18	42,36	46,87	47,23
Fevereiro	48,80	47,82	51,78	51,74	50,93	50,21	53,02	52,78	41,78	43,55	42,91	43,61	47,00	47,59
Março	49,06	48,66	51,95	51,58	49,98	49,79	52,93	53,05	42,30	42,30	43,94	43,56	47,15	47,12
Abril	47,59	48,32	52,23	51,44	50,57	50,07	52,49	52,53	42,62	42,31	43,10	43,00	47,07	46,96
Maió	49,58	48,64	52,17	51,25	49,98	50,21	52,86	51,94	43,02	42,82	42,96	43,89	47,36	47,02
Junho	48,06	47,90	51,93	52,54	50,54	49,81	53,17	52,29	43,20	43,37	44,03	43,68	47,57	47,36
Julho	47,49	47,99	51,95	52,20	49,69	48,94	52,99	51,59	42,50	43,15	43,87	43,25	47,11	46,90
Agosto	48,32	48,67	52,74	53,97	50,03	49,08	53,33	52,82	42,52	42,36	43,83	43,74	47,32	47,07
Setembro	47,12	47,25	52,20	53,39	50,18	49,56	52,74	51,99	43,04	42,52	44,65	43,71	47,35	46,83
Outubro	47,47	47,13	52,05	52,44	50,35	48,93	52,44	52,01	42,67	42,17	43,71	43,85	47,09	46,65
Novembro	47,83	46,70	51,87	53,79	49,66	49,60	53,13	52,30	43,28	42,25	43,78	42,48	47,51	46,75
Dezembro	47,63		51,16		48,20		51,77		43,95		42,80		47,25	

16 – TAXA DOS OCUPADOS EM OUTRAS ATIVIDADES – 1988/89
 Pessoas ocupadas em outras atividades, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	14,00	13,18	12,13	10,88	7,60	7,28	9,61	9,55	4,56	4,34	9,04	9,23	7,64	7,42
Fevereiro	13,82	13,65	11,54	11,54	7,55	7,44	9,50	9,80	4,50	4,47	9,67	9,40	7,57	7,66
Março	14,53	13,84	11,95	11,17	7,72	7,48	9,78	9,72	4,66	4,70	9,60	9,28	7,79	7,72
Abril	14,34	13,97	12,34	11,18	7,62	7,28	10,01	9,92	4,59	4,72	9,36	9,38	7,81	7,80
Maió	13,96	13,65	12,48	11,60	7,28	7,37	9,90	9,28	4,55	4,51	8,96	9,30	7,63	7,49
Junho	14,68	13,49	11,86	10,94	7,13	7,19	9,84	9,19	4,46	4,14	8,58	8,92	7,58	7,22
Julho	14,21	12,66	12,33	11,06	7,22	7,26	9,33	9,53	4,38	3,92	8,36	8,57	7,41	7,14
Agosto	14,42	13,56	11,10	10,00	7,36	7,22	9,32	9,32	4,03	3,96	8,16	8,01	7,21	7,03
Setembro	15,41	14,12	11,90	10,16	7,60	7,22	9,46	9,38	4,36	4,11	8,06	8,08	7,51	7,16
Outubro	14,51	13,90	11,84	10,04	7,44	6,93	9,54	9,24	4,23	4,21	8,43	8,23	7,45	7,17
Novembro	13,96	14,33	11,69	9,95	7,08	7,22	9,62	9,27	4,29	4,10	8,65	8,92	7,45	7,19
Dezembro	13,18		11,76		7,31		9,39		4,33		9,02		7,40	

17 – TAXA DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA – 1988/89
 Empregados com carteira de trabalho assinada, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	48,61	48,74	54,76	52,43	55,48	54,91	54,26	55,43	61,54	61,67	60,72	61,22	57,61	57,89
Fevereiro	47,67	49,48	54,60	53,23	56,15	55,49	54,54	55,08	60,78	62,08	61,05	61,02	57,38	58,07
Março	47,85	49,94	54,40	53,31	55,30	55,46	54,86	54,80	61,51	61,68	59,77	60,26	57,67	57,79
Abril	47,89	49,23	52,68	54,94	55,33	55,84	54,22	55,29	61,41	62,10	59,26	59,96	57,32	58,16
Maió	49,00	49,39	51,91	55,50	55,41	55,72	54,63	55,60	61,48	61,44	59,80	59,53	57,63	58,03
Junho	48,03	49,04	52,46	54,05	54,87	55,32	54,89	55,70	61,32	61,44	60,07	60,15	57,52	57,94
Julho	48,47	48,85	53,59	53,28	55,24	55,45	54,38	55,06	61,32	62,10	60,00	60,85	57,48	58,08
Agosto	48,52	49,26	55,03	55,16	55,85	56,04	53,70	54,53	61,19	61,97	60,30	61,23	57,38	58,12
Setembro	49,66	49,93	55,17	54,50	55,65	56,71	53,97	54,78	60,73	62,61	60,18	60,98	57,31	58,50
Outubro	49,84	49,79	54,26	54,55	56,44	57,51	54,56	55,79	61,54	62,33	59,63	59,90	57,79	58,59
Novembro	48,48	50,10	54,35	54,21	56,44	58,17	54,32	54,71	62,09	63,69	59,18	59,96	57,83	58,97
Dezembro	48,52		53,28		55,88		55,36		61,82		59,72		57,95	

18 – TAXA DOS CONTA-PRÓPRIAS SEM RENDIMENTOS – 1988/89
 Conta-próprias que, efetivamente, não receberam rendimento de todos os trabalhos, no mês de referência, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CONTA-PRÓPRIAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	1,00	1,24	0,20	0,45	1,55	1,53	0,57	0,54	0,76	0,79	0,88	0,85	0,78	0,79
Fevereiro	1,55	1,16	0,27	0,61	1,76	1,91	0,69	0,64	0,89	0,88	1,18	1,22	0,94	0,93
Março	1,21	1,41	0,42	0,42	1,40	1,66	0,56	0,51	0,85	0,91	1,32	1,34	0,85	0,90
Abril	1,15	1,04	0,33	0,44	1,58	1,69	0,49	0,40	0,74	0,79	1,02	1,16	0,77	0,78
Maió	0,64	0,86	0,29	0,42	1,20	1,47	0,60	0,43	0,85	0,63	1,13	1,07	0,79	0,69
Junho	0,81	0,89	0,25	0,27	1,40	1,22	0,46	0,36	0,73	0,65	0,92	0,87	0,71	0,63
Julho	1,02	0,82	0,28	0,43	1,24	1,20	0,45	0,53	0,55	0,66	1,19	0,91	0,65	0,69
Agosto	1,16	1,13	0,43	0,48	1,57	1,05	0,38	0,61	0,73	0,69	0,94	0,89	0,73	0,73
Setembro	1,24	0,73	0,32	0,49	1,24	1,65	0,54	0,52	0,77	0,67	0,93	0,88	0,76	0,73
Outubro	0,93	0,87	0,36	0,39	1,08	1,19	0,42	0,47	0,72	0,64	1,14	1,02	0,69	0,67
Novembro	1,02	0,63	0,36	0,54	1,17	1,09	0,59	0,64	0,66	0,54	0,89	1,02	0,70	0,66
Dezembro	1,23		0,43		1,32		0,52		0,56		0,99		0,68	

**19 – TAXA DOS CONTA-PRÓPRIAS COM MENOS DE UM SALÁRIO MÍNIMO
1988/89**

Conta-próprias que, efetivamente, receberam rendimento de todos os trabalhos, no mês de referência, inferior a um salário mínimo, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CONTA-PRÓPRIAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	8,40	11,28	8,43	8,62	5,65	7,82	5,53	6,10	1,85	2,45	3,42	4,14	4,07	5,01
Fevereiro	9,57	10,71	9,00	9,13	6,03	7,46	5,38	6,11	2,16	2,79	4,08	3,41	4,42	5,08
Março	10,17	10,37	8,61	8,42	6,77	6,95	5,14	5,60	2,20	2,72	4,17	3,73	4,44	4,83
Abril	10,15	10,26	8,63	7,78	6,90	6,50	5,77	4,35	2,42	2,13	4,41	3,19	4,75	4,10
Maió	8,67	8,32	8,98	5,90	6,11	6,00	5,08	3,75	2,11	1,71	4,65	2,80	4,25	3,42
Junho	9,85	8,86	8,96	6,53	6,70	6,19	4,88	4,00	2,20	1,45	4,16	2,52	4,35	3,46
Julho	10,52	9,63	9,80	8,60	7,05	6,69	5,75	5,39	2,52	2,17	4,64	2,99	4,91	4,41
Agosto	10,37	8,64	8,83	7,65	6,77	5,50	5,81	5,33	2,32	1,73	4,64	2,75	4,77	3,95
Setembro	10,16	8,55	9,13	7,44	6,88	5,19	5,78	4,52	2,34	1,56	4,36	2,38	4,76	3,57
Outubro	9,35	9,19	8,66	8,11	5,47	5,13	5,39	4,62	1,95	1,83	3,82	2,54	4,23	3,75
Novembro	10,47	7,73	9,16	7,48	6,26	5,05	5,82	4,73	2,50	1,63	4,16	2,39	4,81	3,61
Dezembro	10,52		9,47		7,36		6,04		2,73		3,99		5,06	

NOTA – O piso nacional de salários substituiu o salário mínimo no período de setembro de 1987 a maio de 1989.

**20 – TAXA DOS DESEMPREGADOS E OCUPADOS COM MENOS DE UM SALÁRIO MÍNIMO
1988/89**

Pessoas desocupadas e pessoas ocupadas que, efetivamente, não receberam rendimento ou auferiram remuneração de todos os trabalhos, no mês de referência, inferior a um salário mínimo, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS E PESSOAS OCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	30,78	33,70	24,42	28,18	23,55	24,76	16,86	19,33	12,63	15,46	15,65	17,15	16,85	19,42
Fevereiro	35,21	33,79	25,75	26,85	25,31	24,82	18,94	20,98	15,12	17,21	19,58	18,04	19,29	20,64
Março	35,59	34,75	26,97	26,44	28,27	24,03	19,24	18,51	16,10	16,36	19,72	17,16	20,14	19,45
Abril	34,35	30,53	26,86	22,84	27,67	22,57	20,46	15,42	15,74	13,87	20,05	14,74	20,24	16,76
Maió	29,11	27,42	25,27	19,97	26,35	20,70	18,09	13,12	15,30	11,57	18,70	13,21	18,63	14,45
Junho	32,88	28,87	28,53	23,04	27,88	21,98	17,56	14,25	14,74	12,67	18,01	13,03	18,82	15,64
Julho	34,86	33,20	28,73	27,44	26,09	23,30	19,01	17,67	15,05	13,22	18,87	14,76	19,42	17,62
Agosto	34,58	32,05	28,27	26,77	25,77	20,88	19,02	17,66	15,63	12,87	18,80	12,77	19,65	16,99
Setembro	32,53	29,52	27,47	24,11	24,46	20,14	18,29	14,95	15,40	12,26	18,30	11,58	19,01	15,48
Outubro	31,91	28,82	26,08	24,75	22,33	19,75	16,95	14,43	14,17	11,52	16,67	11,96	17,68	15,10
Novembro	32,52	25,32	26,97	21,89	22,99	19,34	18,96	14,93	14,35	10,45	16,43	12,33	18,48	14,27
Dezembro	30,88		26,72		22,92		17,94		13,58		16,13		17,68	

NOTA – O piso nacional de salários substituiu o salário mínimo no período de setembro de 1987 a maio de 1989.

21 – RENDIMENTO MÉDIO DAS PESSOAS OCUPADAS

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, das pessoas ocupadas que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1988												
Dezembro	132 631	163 610	175 704	191 760	250 083	197 964	2,05	2,38	2,72	2,97	3,87	3,06
1989(2)												
Janeiro	150,93	174,02	195,54	213,00	257,17	221,62	1,72	1,99	2,23	2,43	2,94	2,53
Fevereiro	176,37	197,46	208,77	241,47	295,80	246,59	1,73	1,94	2,05	2,37	2,91	2,43
Março	188,92	215,88	237,67	264,58	336,91	280,50	1,75	2,00	2,21	2,46	3,13	2,60
Abril	214,94	247,28	273,59	298,51	390,12	320,88	1,84	2,12	2,35	2,56	3,35	2,75
Maio	271,03	284,85	317,99	352,79	477,02	389,30	1,99	2,09	2,34	2,59	3,51	2,86
Junho	331,14	369,50	403,40	428,14	556,89	485,93	1,88	2,10	2,29	2,43	3,17	2,76
Julho	396,49	485,77	519,07	552,77	719,78	640,18	1,77	2,17	2,31	2,46	3,21	2,86
Agosto	558,09	692,73	696,08	719,02	1 024,80	879,16	1,87	2,32	2,33	2,41	3,43	2,94
Setembro	785,61	901,31	962,88	981,49	1 341,30	1 205,25	1,93	2,21	2,36	2,41	3,30	2,96
Outubro	1 311,74	1 518,01	1 524,20	1 707,83	2 402,24	1 874,47	2,32	2,69	2,70	3,02	4,25	3,32

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.
(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

22 – RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos empregados com carteira de trabalho assinada que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1988												
Dezembro	158 142	188 117	202 688	208 851	273 778	200 795	2,45	2,91	3,14	3,23	4,24	3,11
1989(2)												
Janeiro	176,42	207,46	207,80	224,74	265,20	214,71	2,01	2,37	2,37	2,57	3,03	2,45
Fevereiro	203,03	227,64	223,28	247,14	296,56	224,15	2,00	2,24	2,20	2,43	2,92	2,20
Março	206,02	255,88	249,27	265,62	334,42	248,80	1,91	2,38	2,31	2,47	3,11	2,31
Abril	236,09	261,86	279,85	298,53	373,98	281,53	2,02	2,25	2,40	2,56	3,21	2,41
Maio	304,10	317,34	324,56	349,77	446,04	355,26	2,24	2,33	2,39	2,57	3,28	2,61
Junho	358,95	411,21	401,55	434,16	516,37	446,30	2,04	2,34	2,28	2,47	2,93	2,54
Julho	443,50	540,47	510,44	552,96	673,39	598,90	1,98	2,41	2,28	2,47	3,00	2,67
Agosto	614,81	771,81	684,30	735,13	952,28	834,44	2,06	2,58	2,29	2,46	3,19	2,79
Setembro	821,69	1 042,58	947,82	1 042,72	1 292,05	1 154,29	2,02	2,56	2,33	2,56	3,17	2,84
Outubro	1 433,97	1 804,21	1 527,99	1 799,55	2 387,60	1 773,59	2,54	3,19	2,70	3,19	4,23	3,14

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.
(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

23 – RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS SEM CARTEIRA

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos empregados sem carteira de trabalho assinada que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1988												
Dezembro	89 184	84 263	115 912	151 465	153 590	181 011	1,38	1,30	1,79	2,34	2,38	2,80
1989(2)												
Janeiro	94,82	100,81	144,03	174,98	174,91	223,55	1,08	1,15	1,64	2,00	2,00	2,55
Fevereiro	117,05	133,29	150,93	201,15	220,13	270,96	1,15	1,31	1,48	1,98	2,18	2,66
Março	119,69	136,40	157,46	222,19	251,20	283,21	1,11	1,27	1,46	2,06	2,33	2,63
Abril	146,14	166,17	186,97	237,90	292,22	320,57	1,25	1,42	1,60	2,04	2,51	2,76
Maió	174,95	191,70	220,65	297,50	358,21	381,83	1,28	1,41	1,62	2,19	2,63	2,81
Junho	207,75	223,44	288,24	349,38	436,98	452,69	1,18	1,27	1,64	1,98	2,48	2,57
Julho	259,82	264,51	388,39	437,45	546,15	613,24	1,16	1,18	1,73	1,95	2,44	2,74
Agosto	331,04	400,01	551,13	572,44	732,29	828,24	1,11	1,34	1,84	1,92	2,45	2,77
Setembro	504,21	459,61	752,10	747,93	954,29	1 164,61	1,24	1,13	1,85	1,84	2,34	2,86
Outubro	817,66	841,84	1 141,67	1 247,53	1 631,91	1 761,70	1,44	1,49	2,02	2,21	2,89	3,12

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

24 – RENDIMENTO MÉDIO DOS CONTA-PRÓPRIAS

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos conta-próprias que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1988												
Dezembro	75 705	87 309	103 757	110 375	169 471	133 644	1,17	1,35	1,60	1,71	2,62	2,07
1989 (2)												
Janeiro	103,95	100,14	118,81	139,85	191,77	163,97	1,19	1,14	1,36	1,60	2,19	1,87
Fevereiro	115,81	132,06	150,98	157,48	227,95	193,11	1,14	1,30	1,48	1,55	2,24	1,90
Março	120,77	136,14	175,85	191,60	257,50	247,22	1,12	1,26	1,63	1,78	2,39	2,30
Abril	155,42	165,70	197,24	228,94	311,40	286,51	1,33	1,42	1,69	1,96	2,67	2,46
Maió	206,77	205,66	237,50	266,30	390,15	366,30	1,52	1,51	1,74	1,96	2,87	2,69
Junho	234,11	206,71	318,97	332,99	501,33	437,65	1,33	1,17	1,81	1,89	2,85	2,49
Julho	295,43	307,95	382,34	387,91	634,97	571,08	1,32	1,37	1,70	1,73	2,83	2,55
Agosto	388,18	451,05	525,37	523,68	877,89	749,21	1,30	1,51	1,76	1,75	2,94	2,51
Setembro	564,24	593,40	727,59	708,66	1 161,91	1 023,17	1,38	1,46	1,79	1,74	2,85	2,51
Outubro	885,86	876,77	1 165,21	1 229,28	1 873,49	1 640,31	1,57	1,55	2,06	2,17	3,32	2,90

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

25 – PESSOAS DESOCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	49 322	36 633	46 474	110 265	208 195	36 324	487 213
1989							
Janeiro	60 440	46 057	62 954	134 523	308 260	37 907	650 141
Fevereiro	58 555	35 509	58 477	138 069	335 208	43 751	669 569
Março	73 222	45 700	61 355	147 059	328 871	43 490	699 697
Abril	61 994	39 873	58 220	143 621	314 690	38 202	656 600
Maio	56 513	35 716	54 272	118 953	263 441	35 583	564 478
Junho	54 231	42 731	45 565	123 803	268 067	33 014	567 411
Julho	67 636	40 184	47 567	114 398	237 363	33 230	540 378
Agosto	60 655	42 431	45 297	129 402	247 136	27 787	552 708
Setembro	58 900	48 304	46 176	121 138	252 435	27 248	554 201
Outubro	56 776	39 947	45 444	126 690	216 346	28 045	513 248
Novembro	42 686	29 860	45 548	124 789	161 506	23 834	428 223

26 – PESSOAS DESOCUPADAS, QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	8 388	1 626	4 306	9 126	11 006	2 267	36 719
1989							
Janeiro	8 712	5 211	9 845	13 232	19 883	2 836	59 719
Fevereiro	8 459	3 763	5 286	13 041	23 842	4 895	59 286
Março	11 254	4 777	6 324	11 889	23 962	2 869	61 075
Abril	10 918	6 585	6 929	13 258	22 307	2 441	62 438
Maio	7 449	4 262	6 496	11 051	13 849	1 655	44 782
Junho	9 058	5 041	4 844	10 888	12 686	2 025	44 542
Julho	14 274	4 188	4 465	9 934	11 131	3 582	47 574
Agosto	11 506	2 337	3 928	10 117	15 519	2 204	45 611
Setembro	8 298	4 920	3 973	5 788	12 178	1 367	36 524
Outubro	10 627	2 909	3 060	7 925	7 083	1 921	33 525
Novembro	6 029	3 353	3 365	8 585	4 892	1 080	27 304

**27 – PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS,
SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89**

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	1 072 781	900 243	1 497 586	4 680 157	7 328 302	1 291 319	16 770 388
1989							
Janeiro	1 058 470	883 626	1 493 848	4 651 410	7 352 505	1 261 529	16 701 388
Fevereiro	1 045 247	880 222	1 462 760	4 621 794	7 389 962	1 268 092	16 668 077
Março	1 068 434	891 191	1 458 268	4 574 272	7 375 942	1 281 693	16 649 800
Abril	1 064 577	890 864	1 461 691	4 535 632	7 336 677	1 277 379	16 566 820
Maió	1 067 767	903 881	1 477 686	4 540 780	7 388 562	1 284 842	16 663 518
Junho	1 079 858	929 927	1 491 339	4 580 090	7 419 329	1 281 868	16 782 411
Julho	1 103 760	934 950	1 502 898	4 624 771	7 537 102	1 287 018	16 990 499
Agosto	1 106 237	939 279	1 514 148	4 695 865	7 619 403	1 303 382	17 178 314
Setembro	1 103 184	953 594	1 530 770	4 677 115	7 629 152	1 310 182	17 203 997
Outubro	1 111 135	941 129	1 521 620	4 740 378	7 570 122	1 320 613	17 204 997
Novembro	1 094 073	947 319	1 522 445	4 733 284	7 557 310	1 312 326	17 166 757

**28 – PESSOAS OCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES
DA PESQUISA – 1988/89**

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	1 023 459	863 610	1 451 112	4 569 892	7 120 107	1 254 995	16 283 175
1989							
Janeiro	998 029	837 569	1 430 895	4 516 887	7 044 245	1 223 622	16 051 247
Fevereiro	986 692	844 713	1 404 284	4 483 725	7 054 754	1 224 341	15 998 509
Março	995 213	845 492	1 396 913	4 427 213	7 047 071	1 238 204	15 950 106
Abril	1 002 583	850 991	1 403 471	4 392 011	7 021 987	1 239 177	15 910 220
Maió	1 011 254	868 165	1 423 414	4 421 827	7 125 121	1 249 259	16 099 040
Junho	1 025 627	887 196	1 445 774	4 456 287	7 151 262	1 248 854	16 215 000
Julho	1 036 124	894 765	1 455 331	4 510 373	7 299 738	1 253 788	16 450 119
Agosto	1 045 582	896 848	1 468 850	4 566 464	7 372 267	1 275 595	16 625 606
Setembro	1 044 284	905 290	1 484 594	4 555 978	7 376 717	1 282 933	16 649 796
Outubro	1 054 359	901 181	1 476 176	4 613 688	7 353 776	1 292 568	16 691 748
Novembro	1 051 387	917 459	1 476 898	4 608 495	7 395 803	1 288 492	16 738 534

29 — PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1988/89

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	147 220	114 956	277 717	806 151	2 289 823	321 882	3 957 749
1989							
Janeiro	146 394	109 393	279 260	786 283	2 270 001	326 982	3 918 313
Fevereiro	142 234	110 590	267 757	748 536	2 256 986	326 642	3 852 745
Março	141 899	115 036	269 328	730 878	2 294 044	324 264	3 875 449
Abril	147 143	112 636	280 878	746 964	2 319 417	330 698	3 937 736
Maió	148 215	112 501	274 730	768 309	2 348 023	322 136	3 973 914
Junho	155 349	116 890	281 405	778 647	2 381 404	335 690	4 049 385
Julho	156 323	119 032	290 329	812 600	2 437 889	339 944	4 156 117
Agosto	152 049	114 324	293 846	788 379	2 505 242	351 078	4 204 916
Setembro	147 379	116 511	292 958	808 067	2 447 147	347 578	4 159 640
Outubro	156 111	119 319	300 631	829 814	2 496 755	341 226	4 243 856
Novembro	148 935	113 896	292 021	809 746	2 492 018	348 962	4 205 578

30 — PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1988/89

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	79 072	75 273	153 532	348 660	444 781	82 247	1 183 565
1989							
Janeiro	77 777	75 852	145 088	341 146	437 043	80 505	1 157 411
Fevereiro	71 267	76 107	138 929	322 397	434 756	74 579	1 118 035
Março	70 538	69 931	137 119	322 429	460 422	72 365	1 132 804
Abril	67 692	67 100	126 403	331 043	432 847	75 293	1 100 378
Maió	72 030	75 456	134 316	339 593	458 052	77 781	1 157 228
Junho	71 016	75 598	141 327	332 014	464 528	72 475	1 156 958
Julho	70 972	82 884	150 286	339 523	448 214	77 759	1 169 638
Agosto	66 933	81 243	156 685	334 756	490 862	79 608	1 210 087
Setembro	69 871	83 940	156 298	347 898	483 297	76 471	1 217 775
Outubro	70 026	81 821	154 907	331 821	464 967	83 641	1 187 183
Novembro	78 471	78 474	148 315	326 411	484 414	82 863	1 198 948

**31 – PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO, POR REGIÕES METROPOLITANAS,
SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89**

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	176 214	129 415	201 121	626 148	942 140	196 112	2 271 150
1989							
Janeiro	171 856	129 876	197 071	591 546	965 395	184 634	2 240 378
Fevereiro	166 606	123 406	187 996	606 457	974 023	174 045	2 232 533
Março	160 682	129 899	190 322	594 770	979 875	187 195	2 242 743
Abril.....	163 097	138 450	191 152	570 760	966 955	184 032	2 214 446
Maió.....	160 996	134 447	194 630	606 123	945 382	184 667	2 226 245
Junho.....	169 526	131 400	198 781	605 149	907 020	183 722	2 195 598
Julho.....	180 300	128 725	196 757	601 110	976 249	186 325	2 267 466
Agosto.....	175 871	127 470	191 176	605 173	960 533	184 723	2 244 946
Setembro.....	186 006	129 404	192 196	603 220	1 005 787	194 226	2 310 839
Outubro.....	184 664	136 875	195 838	625 997	980 089	194 371	2 317 834
Novembro.....	182 289	140 227	197 202	634 232	990 518	194 328	2 338 796

**32 – PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS, POR REGIÕES METROPOLITANAS,
SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89**

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	486 931	442 872	712 510	2 363 691	3 134 054	540 557	7 680 415
1989							
Janeiro	470 418	431 476	705 521	2 366 524	3 066 029	518 449	7 558 417
Fevereiro	471 889	437 082	705 120	2 366 667	3 072 939	533 940	7 587 637
Março	484 348	436 108	695 561	2 348 638	2 981 489	539 435	7 485 579
Abril.....	484 511	437 806	702 731	2 307 300	2 971 037	532 901	7 436 286
Maió.....	491 881	445 004	714 742	2 297 100	3 051 625	548 409	7 548 761
Junho.....	491 301	466 213	720 273	2 330 599	3 101 928	545 528	7 655 842
Julho.....	497 289	467 125	712 242	2 327 227	3 150 551	542 288	7 696 722
Agosto.....	508 935	484 070	720 953	2 412 377	3 123 358	558 000	7 807 693
Setembro.....	493 486	483 408	735 876	2 368 723	3 136 803	560 878	7 779 174
Outubro.....	496 958	472 619	722 436	2 399 665	3 101 813	566 884	7 760 375
Novembro.....	491 011	493 528	732 606	2 410 635	3 125 023	547 359	7 800 162

33 – PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	134 022	101 295	106 231	425 242	309 310	114 197	1 190 297
1989							
Janeiro	131 585	90 971	103 954	431 389	305 777	113 052	1 176 728
Fevereiro	134 696	97 529	104 482	439 667	316 051	115 135	1 207 560
Março	137 745	94 518	104 582	430 499	331 241	114 944	1 213 529
Abril	140 141	94 999	102 307	435 944	331 731	116 253	1 221 375
Maio	138 132	100 757	104 995	410 702	322 038	116 266	1 192 890
Junho	138 435	97 096	103 987	409 878	296 382	111 440	1 157 218
Julho	131 239	98 998	105 717	429 913	286 836	107 472	1 160 175
Agosto	141 795	89 742	106 190	425 779	292 272	102 188	1 157 966
Setembro	147 542	92 028	107 267	428 070	303 683	103 781	1 182 371
Outubro	146 601	90 548	102 364	426 391	310 151	108 446	1 182 501
Novembro	150 681	91 334	106 754	427 472	303 830	114 981	1 195 052

34 – EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	496 908	459 863	811 284	2 541 060	4 397 315	748 214	9 454 644
1989							
Janeiro	486 487	439 143	785 805	2 504 095	4 344 769	749 103	9 309 402
Fevereiro	488 272	449 686	779 278	2 469 952	4 380 100	747 093	9 314 381
Março	497 107	450 747	774 830	2 426 376	4 346 778	746 188	9 242 026
Abril	493 619	467 612	783 743	2 428 752	4 361 239	743 070	9 278 035
Maio	499 517	481 914	793 165	2 458 626	4 377 988	743 690	9 354 900
Junho	503 019	479 597	799 920	2 482 546	4 394 144	751 208	9 410 434
Julho	506 196	476 799	807 068	2 483 594	4 533 581	762 968	9 570 206
Agosto	515 146	494 708	823 285	2 490 531	4 569 295	781 130	9 674 095
Setembro	521 479	493 390	842 061	2 496 002	4 618 586	782 430	9 753 948
Outubro	525 068	491 603	849 003	2 574 226	4 584 184	774 372	9 798 456
Novembro	526 770	497 419	859 195	2 521 350	4 711 001	772 635	9 888 370

**35 – POPULAÇÃO RESIDENTE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS
MESES DA PESQUISA – 1988/89**

ANOS E MESES DA PESQUISA	POPULAÇÃO RESIDENTE						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Dezembro	2 923 946	2 341 768	3 497 488	11 020 342	16 786 344	2 901 144	39 471 032
1989							
Janeiro	2 929 959	2 347 895	3 508 517	11 040 650	16 824 738	2 908 712	39 560 471
Fevereiro	2 935 924	2 353 987	3 519 517	11 060 801	16 862 937	2 916 251	39 649 417
Março	2 941 899	2 360 085	3 530 544	11 080 963	16 901 123	2 923 797	39 738 411
Abril.....	2 947 868	2 366 188	3 541 568	11 101 121	16 939 329	2 931 339	39 827 413
Maió	2 953 838	2 372 296	3 552 603	11 121 261	16 977 521	2 938 886	39 916 405
Junho.....	2 959 811	2 378 398	3 563 666	11 141 411	17 015 699	2 946 448	40 005 433
Julho.....	2 965 785	2 384 506	3 574 726	11 161 544	17 053 896	2 954 007	40 094 464
Agosto.....	2 971 754	2 390 618	3 585 813	11 181 672	17 092 112	2 961 572	40 183 541
Setembro.....	2 977 725	3 396 737	3 596 896	11 201 797	17 130 313	2 969 142	40 272 610
Outubro.....	2 983 697	2 402 849	3 608 007	11 221 918	17 168 502	2 976 709	40 361 682
Novembro.....	2 989 671	2 408 966	3 619 129	11 242 035	17 206 708	2 984 291	40 450 800

INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA — BRASIL

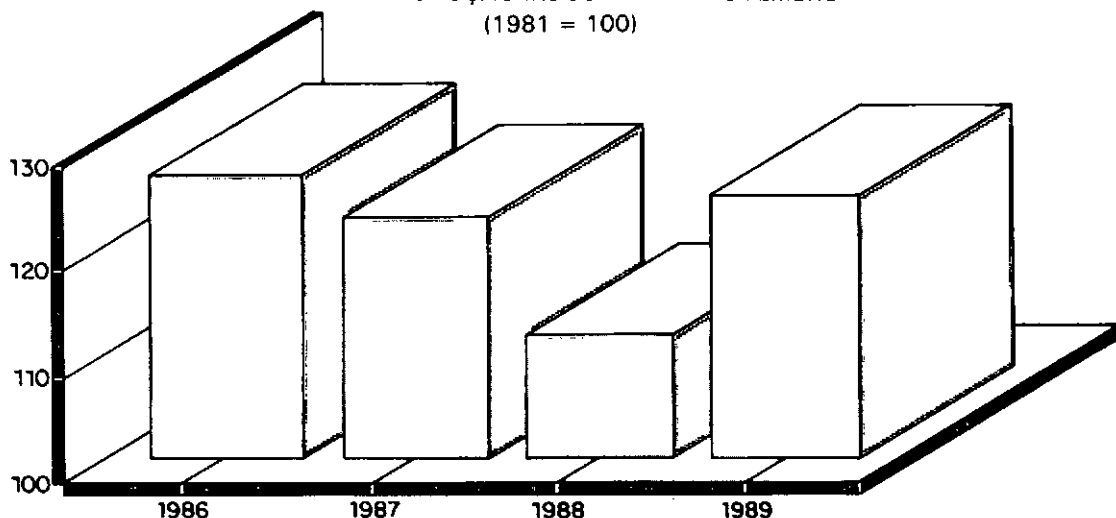
Em novembro último, a atividade industrial continuou apresentando desempenho significativo no comparativo com igual mês do ano anterior ao assinalar taxa de 11,0%. Com isso prossegue a tendência de elevação do índice acumulado que de janeiro a novembro-89, frente a igual período de 1988, ficou em 3,0%.

Já o desempenho ao longo dos últimos meses de 1989, segundo a série de índices com ajustamento sazonal, evidencia desde agosto um contínuo declínio de atividade do setor. Na comparação novembro/outubro há uma queda de -1,3%, com o patamar do produto industrial retornando a níveis próximos aos verificados em maio de 1989. Assim, as altas taxas do indicador mensal registradas nos meses de outubro (13,0%) e novembro (11,0%) devem-se, fundamentalmente, à evolução desfavorável da produção industrial nos últimos meses de 1988, especialmente em outubro e novembro. O Gráfico 1, que apresenta o nível da

produção do setor no mês de novembro para os últimos quatro anos, torna claro como foi atípico o resultado de novembro de 1988.

Em termos de gêneros industriais, os principais destaques no indicador mensal de novembro são a metalúrgica (16,5%) e a química (16,8%). Esses dois ramos foram, em novembro de 1988, fortemente afetados por greves. No caso da metalúrgica, ocorreu a paralisação da CSN e na química deu-se a greve nacional dos petroleiros. Também na farmacêutica (25,6%), que registra a maior taxa mensal entre os gêneros pesquisados, ocorre um forte *efeito-base*, dado que novembro-88 apresentou o mais baixo nível de produção desta indústria desde meados de 1985, segundo a série de índices com ajuste sazonal. Ainda no indicador mensal de novembro, cabe destacar a indústria de material de transporte (-3,0%) como a única a apresentar desempenho negativo, provavelmente em conseqüência das difíceis negociações entre montadoras e fornecedoras de autopeças, que provocaram uma elevação do número de veículos incompletos acumulados nos pátios das empresas.

GRÁFICO 1
NÍVEL DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL -- NOVEMBRO⁽¹⁾
(1981 = 100)



Na ótica das categorias de uso, o fraco desempenho de autoveículos rebate diretamente no segmento de bens de consumo duráveis (-3,4%), o único com queda no comparativo novembro-89/novembro-88. Também o fraco desempenho de tratores e máquinas rodoviárias (-23,9%), bem como a redução do crescimento de máquinas agrícolas (de 32,7% em outubro para 2,2% em novembro), afetou a performance dos bens de capital, cuja expansão passou de 11,9% para 6,1% entre outubro e novembro. Já bens intermediários (11,8%) e bens de consumo não-duráveis (14,5%) praticamente mantiveram os resultados do mês anterior, contribuindo com os maiores impactos para os 11,0% obtidos no total da indústria.

No que diz respeito aos números acumulados para o ano, a expansão de 3,0% verificada em janeiro/novembro, boa aproximação para o fechamento do ano, superou as expectativas e se espria por diferentes ramos industriais. Dos dezessete investigados apenas três — material de transporte (-3,2%), borracha (-1,1%) e química (-0,1%) — não conseguem superar o nível de produção de 1988. As mais elevadas taxas de expansão foram alcançadas em bebidas (15,5%), produtos de matérias plásticas (13,9%), perfumaria (11,2%) e papel e papelão (7,6%), setores relacionados direta ou indiretamente com a produção de bens de consumo.

Por categorias de uso, o destaque nos resultados acumulados no ano é o segmento

de bens de consumo não-duráveis (4,2%) que liderou a expansão industrial, apoiado na elevação das vendas internas principalmente na área de supermercados e farmácias. Os desempenhos de bens intermediários (2,6%) e de bens duráveis de consumo (2,9%) situam-se um pouco abaixo da média global da indústria (3,0%), enquanto os bens de capital praticamente repetem o nível de produção de 1988 com expansão de 0,1%.

Com os números obtidos até novembro, pode-se afirmar que a indústria do país alcançará este ano seu melhor resultado depois de 1986, como mostra a Tabela A. Es-

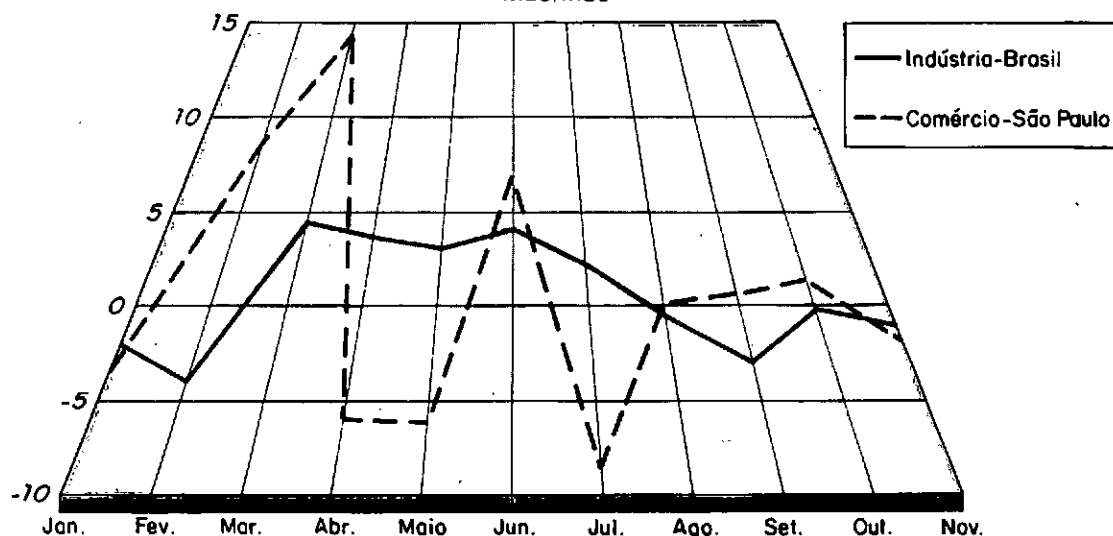
A — PRODUÇÃO INDUSTRIAL
TAXA ANUAIS
(Ano anterior = 100)

ANO	TAXA (%)
1986.....	10,9
1987.....	0,9
1988.....	- 3,2
1989 ⁽¹⁾	3,0

(1) Janeiro/novembro.

te desempenho, embora abaixo da média histórica, é bastante significativo diante do difícil quadro econômico presente no decorrer do ano. O congelamento de preços adotado no Plano Verão foi o primeiro fator de estímulo às vendas no comércio varejista que, em seguida, estimularam a produção industrial (Gráfico 2). Com o fim do conge-

GRÁFICO 2
NÍVEL DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL – BRASIL x COMÉRCIO – SÃO PAULO – 1989
MÊS/MÊS



COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA GERAL⁽¹⁾
(Indicador Acumulado, segundo os Gêneros da Indústria)
Janeiro/Novembro – 1989

GÊNEROS	COMPOSIÇÃO DA TAXA	PRODUTOS RESPONSÁVEIS ⁽²⁾
Extrativa mineral.....	0,16	Petróleo em bruto – Gás natural
Minerais não-metálicos	0,17	Chapas ou telhas, lisas ou corrugadas de fibrocimento – Lajotas, soleiras, degraus e rodapés de cerâmica
Metalúrgica	0,73	Esquadrias de metais não-ferrosos – Estruturas metálicas
Mecânica	0,41	Pulverizadores – Refrigerantes domésticos, elétricos
Material elétrico e de comunicações	0,40	Aparelhos receptores de televisão em cores – Fios, cabos e condutores de cobre, isolados, com ou sem alma de aço
Material de transporte.....	-0,26	Automóveis para passageiros – Caminhões de 20 t de CMT e mais
Papel e papelão	0,29	Sacos de papel Kraft – exclusive multifolhados – Caixas de Papelão corrugado
Borracha	-0,02	Pneumáticos para caminhões e ônibus – Mangueiras, canos e tubos de borracha
Química	-0,02	Fertilizantes compostos NPK – Adubos e fertilizantes fosfatados
Farmacêutica	0,08	Suplementos minerais – Antibióticos – inclusive trimetoprim
Perfumaria, sabões e velas ..	0,13	Sabões e cremes para lavar e enxaguar cabelos – Detergentes para uso industrial
Produtos de matérias plásticas.....	0,38	Artigos de material plástico para mesa, copa e outros usos domésticos – Plásticos em lençol (filmes)
Têxtil.....	0,14	Fios crus de algodão – Lençóis
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	0,10	Calças compridas de tecidos – inclusive tecidos de malha – Tênis ou quedis
Produtos alimentares	-0,05	Suco e concentrado de laranja – Sorvetes
Bebidas.....	0,21	Refrigerantes – Cervejas – inclusive chope
Fumo.....	0,05	Fumo em folha beneficiado (seco ou defumado) – Cigarros
Indústria geral	3,02	

(1) $C = (I_G - 100) \cdot K$, onde:

C = Participação do gênero na formação do total da taxa de crescimento;

I_G = Indicador do gênero; e

K = Peso do gênero no total da indústria geral.

(2) Foram destacados, em cada gênero, os dois principais produtos responsáveis pelo indicador.

lamento, a escalada inflacionária e seus reflexos geraram expectativas, tanto do lado do setor produtivo quanto dos consumidores, desembocando em iniciativas como formação de estoques, antecipação de consumo e fuga para ativos reais, que sustentam o ritmo de atividade fabril em patamares ainda significativos. Nos últimos meses, com o progressivo esgotamento dos fatores anteriormente mencionados e a elevação dos patamares inflacionários, o que se observa é, ainda que de modo gradativo, um contínuo declínio do produto industrial que só não afeta os resultados para o ano de 1989, graças ao reduzido nível de produção atingido nos últimos meses de 1988.

Num ano em que as exportações reduziram seu ritmo de expansão e que a influência da safra agrícola sobre o desempenho industrial também foi menor que em anos anteriores, a elevação do consumo interno (quer como efeito do congelamento, quer como defesa diante da inflação) sustentou o crescimento da atividade industrial, o que pode ser evidenciado na liderança do segmento de não-duráveis (4,2%) no conjunto das categorias de uso.

ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA POR REGIÕES

Considerados os números até novembro, os índices do desempenho industrial regional revelam que em 1989 todas as áreas pesquisadas apontaram crescimento no

comparativo com o ano anterior, fato que não ocorria desde 1986 (Tabela B). Para uma expansão nacional de 3,0% no acumulado janeiro/novembro, as taxas regionais variaram entre 0,2% em Minas Gerais e 4,9% no Rio de Janeiro.

Além do Rio de Janeiro, também no Nordeste (4,6%) e no Sul (3,6%) o setor fabril chega praticamente no final do ano com desempenho superior à média nacional. Não por acaso essas áreas são típicas produtoras de bens de consumo não-duráveis, ou seja, nas suas estruturas industriais há uma forte presença dos ramos produtores de alimentos, vestuário, bebidas e medicamentos.

Por outro lado, em Minas Gerais (0,2%), São Paulo (1,8%) e Pernambuco (1,2%) registraram-se os desempenhos mais modestos. No caso de Minas Gerais esse comportamento está possivelmente associado ao desempenho das exportações de minério, siderurgia e de material de transporte que, neste ano, não repetiram os avanços obtidos em anos anteriores. A indústria paulista, que possui o parque industrial mais completo do país, se ressentiu do fraco resultado alcançado por material de transporte, cuja queda acumulada de -5,8% se constitui no principal impacto negativo para o indicador global deste estado. Já em Pernambuco, onde há uma forte presença da indústria álcool-açucareira, a performance industrial foi marcada pela redução de -6,8% em produtos alimentares.

Especificamente em relação a novembro último (Tabela C), os índices assinalam ta-

B — CRESCIMENTO INDUSTRIAL REGIONAL — 1986/89
(Taxa anual de crescimento)

LOCAIS	1986	1987	1988	1989 ⁽¹⁾
Região Nordeste	5,7	3,7	- 7,6	4,6
Pernambuco.....	5,4	6,7	-13,3	1,2
Bahia	7,3	-0,5	- 4,0	4,3
Minas Gerais	4,1	2,0	2,4	0,2
Rio de Janeiro.....	15,0	0,0	- 0,2	4,9
São Paulo	10,0	-0,1	- 3,5	1,8
Região Sul	11,8	1,2	- 2,8	3,6
Paraná	8,7	2,2	4,4	4,3
Santa Catarina.....	12,1	3,1	- 5,6	4,4
Rio Grande do Sul.....	12,5	-0,8	- 2,8	1,9
Brasil	10,9	0,9	- 3,2	3,0

(1) Janeiro/novembro.

C — ÍNDICES MENSIS DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL — 1989
(Iguar mês do ano anterior = 100)

LOCAIS	TAXA (%)		
	Setembro	Outubro	Novembro
Região Nordeste	11,8	11,3	12,4
Pernambuco	5,5	12,3	- 0,7
Bahia	24,6	15,4	26,0
Minas Gerais	- 2,7	5,1	6,5
Rio de Janeiro	5,9	11,7	15,8
São Paulo	2,8	11,9	9,4
Região Sul	4,3	15,0	13,7
Paraná	6,2	11,3	20,0
Santa Catarina	8,1	19,0	19,5
Rio Grande do Sul	- 1,8	12,7	8,7
Brasil	4,7	13,0	11,0

xas bastante elevadas em vários locais, devido à influência da base de comparação desses índices (novembro-88) quando o produto industrial estava em franco declínio, tendência esta agravada naquela ocasião pela ocorrência de greves em importantes setores industriais, como siderurgia e química. Dessa forma o desempenho regional alcançou taxas entre -0,7% em Pernambuco e 26,0% na Bahia. A Região Nordeste tem apresentado nos três últimos meses crescimento em torno dos 12,0% influenciada por uma relativa recuperação da indústria baiana. Em Minas Gerais, apesar dos índices positivos de outubro e novembro continuam se registrando os mais tímidos resultados, após dois anos de expansão superior à alcançada pela média nacional.

Os 15,8% de incremento da indústria fluminense em novembro, colocam seu parque fabril na liderança do desempenho regional este ano, com taxa acumulada de 4,9%, tal como aconteceu em 1986, quando o Plano Verão induziu uma forte elevação do consumo interno.

A indústria paulista obtém em novembro crescimento de 9,4% e, com isso, acumula ao longo do ano expansão de 1,8%. Desde 1986, São Paulo não consegue atingir taxas anuais superiores à média brasileira.

Na Região Sul, onde em novembro o Paraná obteve seu melhor desempenho mensal (20,0%), seguido de perto por Santa Catarina (19,5%), o crescimento acumulado só não ultrapassou os 3,6% devido à per-

formance da indústria gaúcha que de janeiro a novembro avançou apenas 1,9%, frente a taxas superiores a 4% nos dois outros estados da região.

PERNAMBUCO

Os resultados da pesquisa industrial para Pernambuco revelam um desempenho inferior ao verificado em todas as regiões computadas, ficando abaixo da média nacional nas principais comparações analisadas: mensal (-0,7% contra 11,0%), acumulado (1,2% contra 3,0%) e acumulado de doze meses (0,3% contra 2,5%). Neste mês, destacam-se a volta da taxa negativa na comparação com o mesmo mês do ano anterior (-0,7%) e a primeira variação positiva, depois fevereiro de 1988, no indicador anualizado (0,3%).

Em relação ao desempenho mensal (-0,7%), este parque industrial foi fortemente influenciado por produtos alimentares (-16,2%), cujo resultado representa um recuo de 17,6 pontos percentuais frente ao índice de outubro. A retração ocorrida na produção dos derivados de cana-de-açúcar, em especial açúcar demerara e refinado, foi determinante na composição desta taxa. No caso de minerais não-metálicos, os desempenhos de cimento comum e pozolânico e azulejo decorado foram os que mais impactaram no resultado final deste gênero.

No que tange aos produtos da agroindústria da cana-de-açúcar, vale frisar

que o nível de produção registrado este mês, em relação à média de 1981, apresenta desempenhos antagônicos. Enquanto álcool (anidro e hidratado) e açúcar cristal assinalam o segundo maior patamar, açúcar demerara e refinado situam-se no mais baixo nível desde 1981 (Gráfico 3). Cabe ressaltar que no caso de álcool, a necessidade de manutenção da oferta do produto aos distribuidores de combustíveis para veículos fez com que sua produção fosse priorizada. Por outro lado, as exportações do açúcar cristal explicam tanto o seu desempenho como, também, o do seu derivado (açúcar refinado) que tem como maior consumidor o mercado interno.

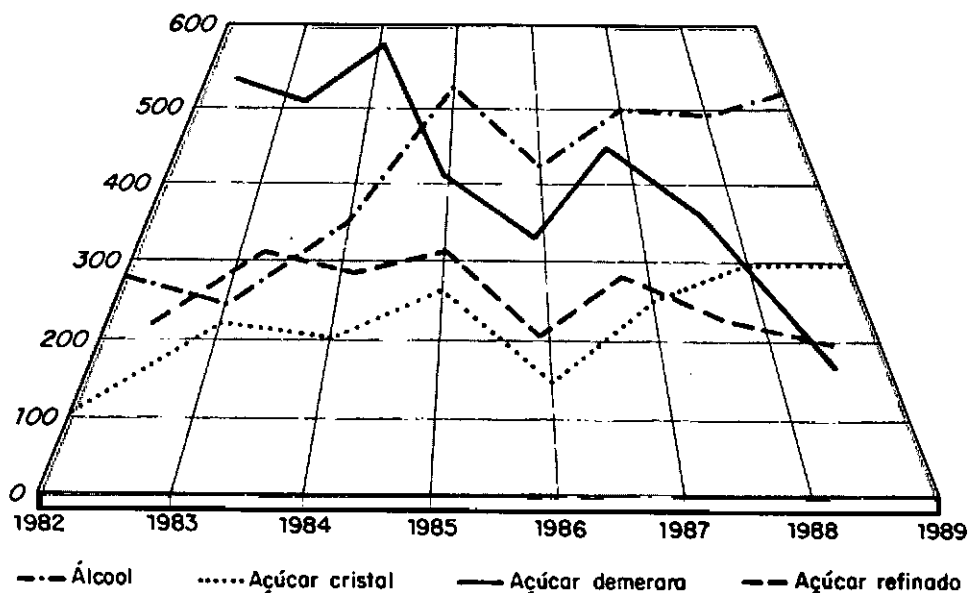
Nos indicadores acumulados, seis dos onze setores industriais apresentam variações positivas: material elétrico e de comunicações, metalúrgica, química, papel e papelão, bebidas, e perfumaria, sabões e velas. Os resultados deste mês confirmam as indicações apresentadas nos comentários anteriores e projetam, também, um acumulado para o final do ano com taxa positiva.

BAHIA

A indústria da Bahia volta a apresentar uma alta taxa positiva no indicador mensal (26,0%) para o mês de novembro, sendo

que esta variação assemelha-se à registrada em setembro (24,6%) e também é justificada, em grande medida, pelo desempenho do gênero química (27,8%) e, em menor intensidade, por metalúrgica (43,1%) e produtos alimentares (58,1%) (Tabela D). Vale destacar os produtos e as justificativas para as elevadas taxas dos três setores industriais acima: na química, a variação foi fortemente influenciada pela paralisação da produção dos derivados de petróleo — em especial óleo diesel e gasolina — ocorrida em novembro de 1988, originando desta forma um *efeito-base*. Com respeito a metalúrgica, o seu desempenho está relacionado com a expansão de vergalhões de aço e de blocos e tarugos de aço comum. No que tange a produtos alimentares, a sua performance deve-se ao desempenho de manteiga de cacau e chocolate amargo para fins industriais, que também assinalam um *efeito-base*, pois a falta de matéria-prima em novembro do ano anterior, devido a ocorrência de seca, retardou o amadurecimento do cacau, originando uma grande retração na sua industrialização. Minerais não-metálicos (-5,4%) foi o único gênero a apresentar variação negativa, devido, basicamente, a retração de chapas ou telhas de fibrocimento e azulejos.

GRÁFICO 3
NÍVEL DE PRODUÇÃO — NOVEMBRO — 1982/89
(Base: média de 1981 = 100)
Pernambuco



D – COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA GERAL
(Indicador mensal, segundo os gêneros da indústria)
Novembro/1989
Bahia

GÊNEROS	COMPOSIÇÃO DA TAXA	PRODUTOS RESPONSÁVEIS
Extrativa Mineral.....	0,84	Petróleo em bruto – calcários (pedras e mariscos)
Minerais não-metálicos	- 0,23	Chapas ou telhas, lisas ou corrugadas de fibrocimento – azulejos (liso e decorado)
Metalúrgica.....	2,30	Vergalhões de aço – exclusive relaminados – blocos e tarugos de aço comum, lado até 120 mm
Material elétrico e de comunicações	0,48	Reatores para lâmpadas fluorescentes – eletrodos de grafita para fornos industriais
Borracha	0,15	Pneumáticos para automóveis – borracha vegetal, sólida e beneficiada
Química	16,86	Óleo diesel – gasolina
Perfumaria, sabões e velas.....	0,14	Sabonetes – sabão comum em massa – exclusive de coco
Produtos alimentares	5,02	Manteiga de cacau – chocolate amargo para fins industriais (líquor)
Bebidas	0,37	Cervejas – inclusive Chope – refrigerantes
Indústria geral	25,95	

(1) Foram destacados em cada gênero os dois principais produtos responsáveis pelo indicador.

A alta taxa na comparação mensal de novembro rebateu nos resultados dos indicadores acumulados. O indicador de janeiro a novembro (4,3%) assinala uma expansão de 5,7 pontos percentuais em relação ao período janeiro/agosto (-1,4%). A comparação anualizada também assinala um avanço de 7,9 pontos percentuais em relação à performance da indústria baiana até agosto de 1989. Neste contexto, o desempenho dos segmentos química e metalúrgica foram determinantes para a formação da taxa dos indicadores acumulados no ano (5,7% e 10,8%) e dos últimos doze meses (4,8% e 10,5%), respectivamente.

MINAS GERAIS

A taxa de 6,5% de crescimento em novembro significa o melhor resultado mensal obtido até agora pela indústria mineira no ano de 1989. Este desempenho foi bastante favorecido pela performance positiva de representativos gêneros do setor que vinham registrando quedas de produção em meses anteriores. Neste caso estão a metalúrgica (4,2% em novembro contra -2,2% em outubro); material de transporte (22,9% contra -1,9% no mês anterior) e minerais não-metálicos (6,8% contra

-1,1%). Além disto, os segmentos de produtos alimentares e vestuário mantiveram o excelente desempenho de outubro, com taxas este mês de 22,5% e 24,6%, respectivamente. Apenas dois gêneros revelam decréscimo em novembro: material elétrico e de comunicações (-17,2%) e extrativa mineral (-5,1%).

O comportamento oscilante em material de transporte relaciona-se às dificuldades na indústria automobilística no que tange às negociações de preço entre as montadoras e o segmento de autopeças, o que vem causando constantes paralisações na produção e acúmulo de veículos inacabados. Os principais produtos responsáveis pelo desempenho deste mês são automóveis para passageiros, e camionetas e utilitários, com crescimento de 18,9% e 24,4%, respectivamente. A metalúrgica, cujo resultado de 4,2% é o mais elevado para o gênero este ano, tem como principais contribuições arame de aço comum (16,0%) e barras de aço comum (36,6%). Já os incrementos na produção de cimento comum (8,5%) e azulejos decorados (27,9%) respondem, em boa medida, pelo acréscimo de minerais não-metálicos.

Com o resultado mensal de novembro, o índice da produção acumulada no ano al-

cança seu primeiro resultado positivo (0,2%), enquanto o indicador de doze meses apresenta-se ainda em queda (-0,03%). Esta fraca performance deve-se, essencialmente, ao comportamento desfavorável de dois importantes segmentos na estrutura industrial do estado, que são a metalúrgica (queda de -1,9% de janeiro a novembro) e produtos alimentares (-5,6%), cujas contribuições negativas à taxa global praticamente anularam os impactos favoráveis, entre outros, de vestuário (14,6%), química (5,8%), material de transporte (3,4%), têxtil (5,8%) e bebidas (7,2%).

A influência desses dois gêneros no cômputo geral da indústria é de tal ordem que pelo simples exercício de desconsiderá-los no cálculo, a indústria mineira chegaria a uma taxa de crescimento 3,2% no período janeiro/novembro, em torno, portanto, da média nacional que atingiu a 3,0% no mesmo período. Vale ressaltar, ainda, que segundo dados da Pesquisa Industrial Anual de 1984, metalúrgica e produtos alimentares respondem, em conjunto, por aproximadamente 40% do valor da transformação industrial do Estado de Minas Gerais.

RIO DE JANEIRO

A indústria do Estado do Rio de Janeiro cresceu 15,8% em novembro com relação a igual mês de 1988. Verifica-se, no entanto, que mais da metade desta taxa é explicada pelo resultado da metalúrgica, cujo crescimento elevado este mês (50,8%) decorre, essencialmente, dos efeitos da paralisação da Companhia Siderúrgica Nacional em novembro de 1988. Outros segmentos que também apresentaram expressivas taxas de expansão foram papel e papelão (27,0%), farmacêutica (25,2%), extrativa mineral (21,7%), minerais não-metálicos (20,3%) e bebidas (20,0%). No que tange a papel e papelão e extrativa mineral houve, porém, redução do nível de produção em novembro último com relação ao de outubro, o que também denota uma forte influência do *efeito-base* nos seus altos índices de crescimento este mês. Três gêneros registraram desempenho mensal negativo: perfumaria

(-10,2%), vestuário (-4,5%) e material elétrico (-0,6%).

No período janeiro/novembro, a indústria fluminense alcançou um aumento de 4,9%, quando a média nacional atingiu 3,0% de crescimento. Na composição desta taxa, as maiores participações foram dadas por matérias plásticas, cuja expansão alcançou 23,1%, material elétrico e de comunicações (12,1%), minerais não-metálicos (10,1%), extrativa mineral (5,9%) e farmacêutica (8,7%) que, em conjunto, explicam mais de 70% da taxa global.

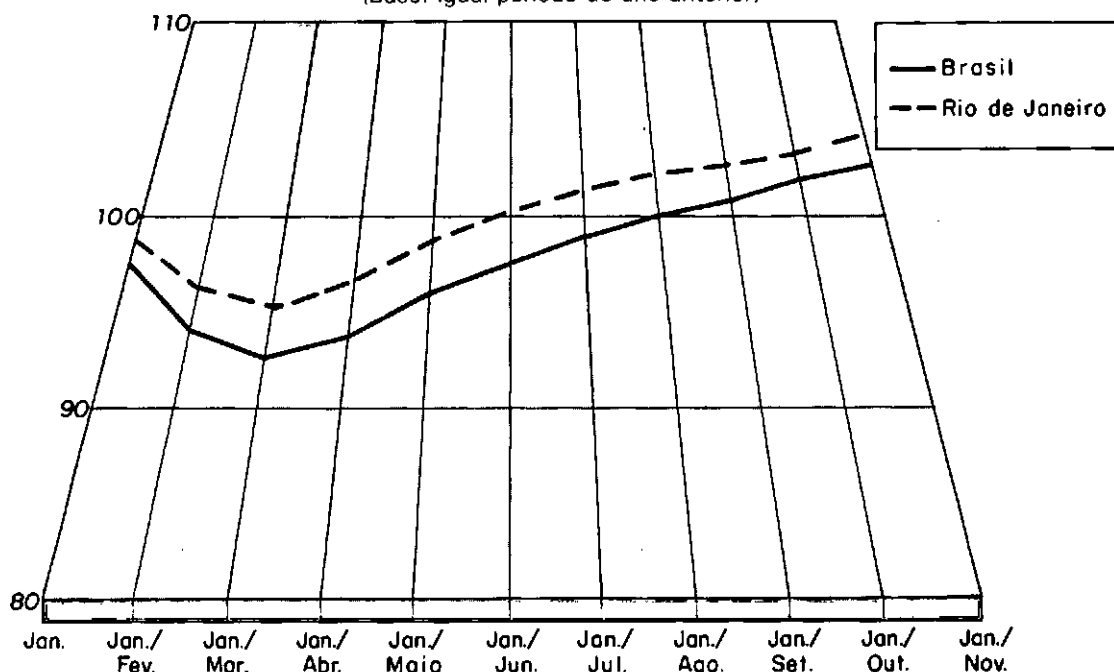
Em relação a categorias de uso, a liderança do crescimento de janeiro/novembro ficou com bens de capital (10,3%), cuja performance resulta, basicamente, do excelente desempenho no primeiro quadrimestre de 1989, quando atingiu uma expansão mensal média de quase 25%. Os principais produtos responsáveis foram estações telefônicas (20,8%) e navios de grande porte (5,9%). O segundo melhor resultado ficou com bens de consumo (4,2%) que apresentaram expressivo crescimento no período maio/agosto, mas um fraco desempenho no primeiro trimestre do ano (-9,2%) — fato que compromete a performance da categoria no acumulado do ano. Os principais impactos positivos na composição da taxa são os de sardinha em conserva (28,1%) e de refrigerantes (25,0%). A categoria de bens intermediários, com 3,9% de crescimento, teve em petróleo bruto (6,6%) e folhas-de-flandres (11,6%) os produtos de maior influência na formação do índice.

O resultado para os anos 80, estimado a partir do índice acumulado 1989/81, indica que a extrativa mineral, com 441% de crescimento foi o segmento que mais se expandiu. Matérias plásticas (70%), material elétrico e de comunicações (67%) e bebidas (41%) também apresentaram desempenho bem acima da média global (20%). Já material de transporte foi o subsetor de maior retração, com queda no período da ordem de -46%. Outros gêneros com forte declínio são vestuário (-28%) e têxtil (-19%).

SÃO PAULO

A indústria paulista, em novembro, repete o bom desempenho do mês anterior com variações positivas nos principais índices

GRÁFICO 4
EVOLUÇÃO DO ÍNDICE ACUMULADO
(Base: igual período do ano anterior)



apurados: mensal (9,4%), acumulado (1,8%) e acumulado de doze meses (1,4%). No entanto, estes resultados foram inferiores aos obtidos em outubro, verificando-se para o total da indústria um recuo de -2,5 pontos percentuais na comparação mensal.

O confronto com igual mês do ano anterior assinala variações positivas para a maioria dos gêneros pesquisados, destacando-se química (22,0%), farmacêutica (26,2%) e bebidas (32,1%). O setor químico contribui com 3,4 pontos percentuais para a taxa de crescimento da indústria (9,4%), principalmente, pela maior produção de óleo diesel (43,4%) e gasolina (56,3%). As exceções são os resultados negativos apontados em material de transporte (-9,1%) e vestuário e calçados (-1,7%).

No que se refere ao decréscimo revelado em material de transporte, deve-se observar que em novembro de 1988 este era um dos poucos gêneros que apresentava variação positiva (3,0%) no índice mensal. O item automóveis para passageiros, que puxou o crescimento do ramo ano passado, é exatamente o determinante na queda registrada em novembro deste ano (-31,2%).

No indicador acumulado, doze dos dezesseis ramos pesquisados mostram variações

positivas, com destaque para os acréscimos na produção de bebidas (18,4%), produtos de matérias plásticas (17,2%), papel e papelão (12,9%) e perfumaria, sabões e velas (12,6%). A indústria de bebidas vem apresentando resultados positivos significativos desde março deste ano, sendo que nos dois últimos meses, em função da proximidade do verão, a produção do ramo apresentou crescimento médio acima de 30,0%. Recentemente vem se registrando no setor uma forte concorrência interna traduzida no lançamento de novos produtos e novas embalagens ou mesmo na ampliação da capacidade produtiva em algumas regiões. O percentual verificado no acumulado janeiro/novembro de 1989 é ainda mais relevante se considerarmos que para o mesmo índice no ano anterior este gênero era um dos poucos que apontavam expansão (1,8%).

A performance da produção industrial em São Paulo nos últimos doze meses — indicador de tendência — registra melhores perspectivas frente aos resultados obtidos em 1988 para o mesmo índice. Enquanto este ano dez dos dezesseis ramos analisados indicam crescimento, no ano anterior somente cinco apontavam acréscimo para a comparação considerada. Entretanto, vale salientar que setores como material de

transporte (-5,0%), mecânica (-0,4%) e química (-0,2%), que em conjunto representam aproximadamente 35% do valor da transformação industrial do parque fabril paulista, continuam a exibir resultados negativos para este acumulado.

Finalmente, considerando-se que os números de dezembro não devem apresentar grandes variações em relação aos revelados para o mês de novembro e isolando-se o *efeito-base*, conclui-se que o crescimento industrial em 1989 deverá ser positivo e ligeiramente superior ao registrado no ano passado.

PARANÁ

Os dados apurados na indústria paranaense no mês de novembro último apresentam crescimento em relação ao mês anterior na maioria de seus indicadores: mensal 20,0%, acumulado 4,3% e nos últimos doze meses 4,7%; já em outubro tais índices assinalaram taxas de 11,3%; 3,0% e 3,8%, respectivamente. Esta performance é em função do comportamento da química, que apesar de experimentar uma menor demanda de seus produtos devido à tradicional redução do dinamismo industrial nos dois últimos meses do ano, neste novembro sofreu uma forte influência da base de comparação, muito deprimida, devido a dois fatores: greve dos petroleiros e parada técnica para manutenção dos equipamentos da principal refinaria local, ambos os fatos em novembro de 1988.

A participação do resultado da química (40,5%), na formação da taxa global do mês, em relação a igual mês do ano anterior (20,0%), é de tal magnitude que mesmo havendo redução nos níveis das taxas da maioria dos ramos industriais pesquisados no estado, esta suplantou a do mês de outubro último (11,3%). Além da química, a outra exceção foi fumo (-5,1%), embora encontre-se ainda negativo. Por outro lado, no caso específico da perfumaria (-6,3%), a redução de 33,7 pontos percentuais, face ao índice de outubro, foi devido a menor demanda por sabão em massa.

Em relação à produção acumulada janeiro/novembro (4,3%), os gêneros que tiveram maior impacto foram, pela ordem, mecânica (15,4%), produtos alimentares (3,5%) e papel e papelão (7,3%), que perfa-

zem em conjunto mais de 68% da formação da taxa global, impulsionados pelos seguintes produtos: refrigeradores para uso doméstico, carne de bovino e caixas de papelão.

Quanto à produção anualizada (4,7%), observa-se que nos últimos três meses há uma tendência predominantemente ascendente *puxada* principalmente por minerais não-metálicos (6,0%), mecânica (11,4%), papel e papelão (6,8%), têxtil (3,8%), produtos alimentares (3,3%) e bebidas (9,3%).

Em síntese, faltando apenas um mês para o encerramento do ano, pode-se afirmar que a indústria paranaense repetirá praticamente o resultado de 1988 (4,4%). Enquanto o desempenho do ano passado foi o mais elevado dentre os locais pesquisados, o de 1989 provavelmente não atingirá tal posição, tendo em vista que Rio de Janeiro (4,9%) e Santa Catarina (4,4%) ostentam até aqui taxas acima da alcançada por este estado. Ainda assim, apresentará o maior ritmo de expansão dos últimos dois anos, já que nesse período (88/89) a média nacional recua -0,3%, enquanto o Paraná avança 8,9% (Gráfico 5).

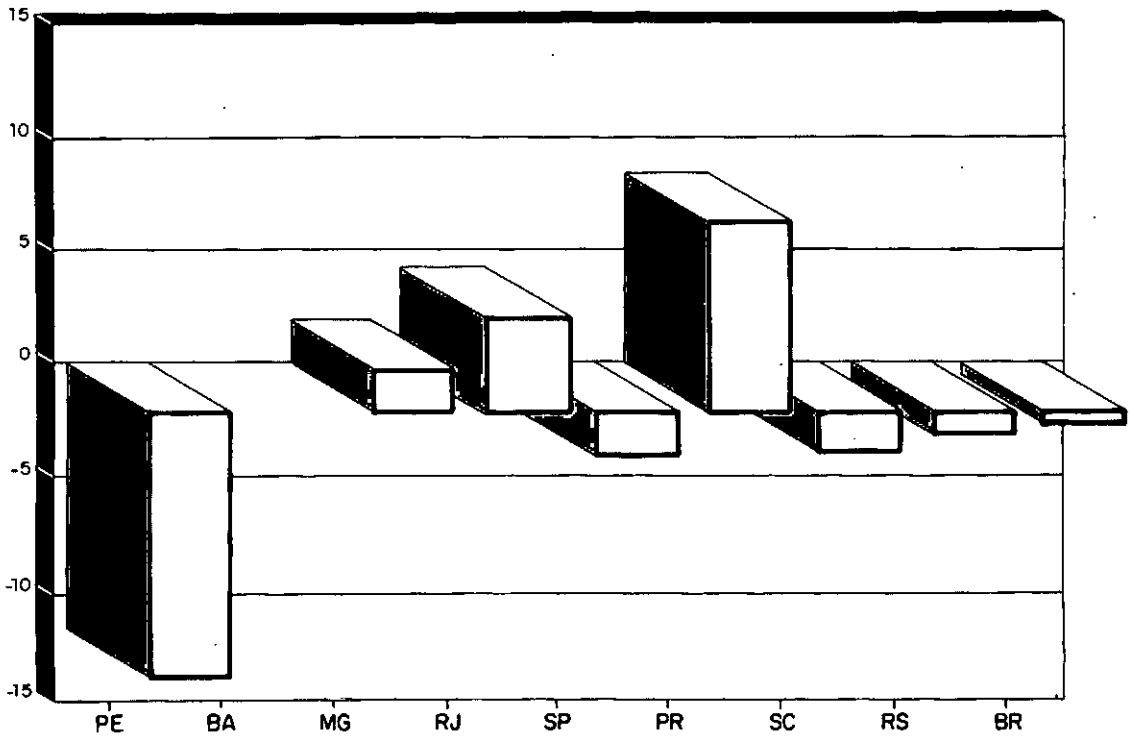
SANTA CATARINA

Praticamente repetindo o ritmo de crescimento verificado em outubro, a indústria catarinense atinge em novembro, no comparativo com igual mês de 1988, expansão de 19,5%. Esse desempenho mensal induz uma nova elevação do indicador acumulado no ano, que chega a marca de 4,4% em janeiro/novembro, a maior taxa dentre os estados do Sul.

Para os 19,5% de novembro, embora apenas dois dos treze gêneros industriais pesquisados tenha assinalado queda, os principais impactos concentram-se nos seguintes ramos: mecânica (42,8%), minerais não-metálicos (55,3%) e produtos alimentares (18,7%). Este grupo *explica* 64% da taxa global do setor em novembro, tendo como principais destaques a nível de produtos os seguintes itens: refrigeradores domésticos, azulejos e açúcar refinado.

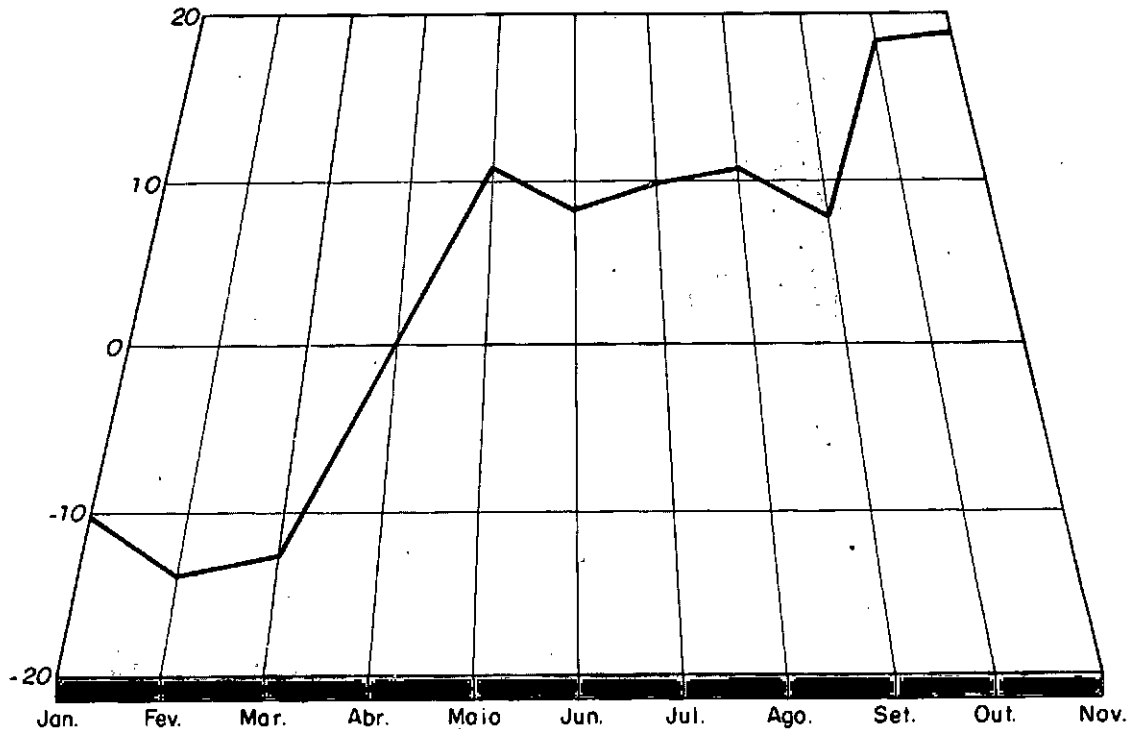
A aceleração do ritmo mensal de crescimento nos últimos meses foi de tal ordem que o indicador anualizado se elevou de -2,2% em setembro para 3,6% em no-

GRÁFICO 5
 CRESCIMENTO INDUSTRIAL — 1989(1)
 (Base: 1987 = 100)
 Paraná



(1) Janeiro/Novembro.

GRÁFICO 6
 INDÚSTRIA — TAXA MENSAL (1) — 1989
 Santa Catarina



(1) Base: igual mês anterior.

vembro, ou seja, 5,8 pontos percentuais em apenas dois meses.

O crescimento acumulado até novembro (4,4%), resulta de taxas positivas em nove gêneros de indústria contra quatro quedas. Também, neste indicador, a mecânica (30,6%) e minerais não-metálicos (9,6%) detêm os principais impactos positivos. Por outro lado, os -16,7% assinalados pela química levaram a um impacto negativo de -1,0% ponto percentual. Os outros gêneros industriais com retração no acumulado janeiro/novembro são: extrativa mineral (-23,8%), material elétrico (-3,5%) e têxtil (-4,0%).

RIO GRANDE DO SUL

Embora ainda abaixo da média nacional do mês (11,0%) mas mantendo uma trajetória de crescimento, a indústria gaúcha apresentou taxa de 8,7% em novembro, quatro pontos percentuais abaixo do resultado obtido no mês anterior. As comparações acumuladas no ano e em doze meses também se mantiveram positivas com taxas de 1,9% e 1,5%, respectivamente.

Analisando-se o indicador mensal (Tabela E), nota-se que em termos de impactos positivos na formação da taxa global os destaques ficam por conta da metalúrgica (18,6%), material elétrico (37,5%), química (15,0%) e produtos alimentares (8,2%). É interessante observar que parte da explicação do resultado do mês de novembro

está no chamado *efeito-base*. Isto fica claro na análise do setor químico devido à base de comparação deprimida (novembro-88) em razão da greve dos petroleiros e, no caso da metalúrgica, por aquele mês registrar a mais baixa produção de arame de aço comum dos últimos quatro anos. Em contrapartida, a mecânica (-2,5%) e a indústria de vestuário e calçados (-0,9%) respondem pelos principais impactos negativos, sendo, no caso da mecânica, a queda na produção de colhedeadas agrícolas, que se vem registrando desde agosto-89, a principal responsável pela má performance do setor. Vale ressaltar que nesse produto a média da produção observada nos últimos onze meses ficou 17% abaixo do pico de produção registrado no Plano Cruzado, em 1986, além de ser também a mais baixa nos últimos quatro anos. Com relação a vestuário, o principal item responsável pela queda foi calçados de couro, produto cuja produção, principalmente para o mercado interno, vem sendo substituída por similares de plástico e tecidos.

No acumulado janeiro/novembro, o aumento de 1,9% é creditado, em boa medida, ao desempenho favorável da mecânica (5,2%) e da metalúrgica (7,0%). A química (-10,4%) liderou a influência negativa devido às sucessivas quedas na produção de fertilizantes, subsetor que atravessou o ano com desempenho negativo, podendo sinalizar um comportamento desfavorável para a próxima safra das culturas que utilizam tais insumos de modo intensivo.

E — COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DOS GÊNEROS QUE MAIS INFLUENCIARAM À INDÚSTRIA GAÚCHA

GÊNEROS	COMPOSIÇÃO DA TAXA	PRINCIPAIS PRODUTOS RESPONSÁVEIS
Metalúrgica.....	2,34	Arame de aço comum
Material elétrico e de comunicações.....	1,45	Fios, cabos e condutores de cobre
Química.....	1,46	Óleo diesel
Produtos alimentares.....	1,39	Azeitona em conserva
Mecânica.....	-0,49	Colhedeadas agrícolas
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	-0,13	Sapatos, sandálias e botas de couro para senhoras
Outros.....	2,67	
Indústria geral.....	8,69	

DEFINIÇÃO DOS ÍNDICES DIVULGADOS

Índice base fixa: reflete o desempenho do mês de referência do índice, em relação à produção média mensal do ano-base de comparação (1981).

Índice acumulado de doze meses: reflete o desempenho da produção acumulada nos

últimos doze meses de referência dos índices, em relação a igual período imediatamente anterior.

Índice acumulado: reflete o desempenho da produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência dos índices, em relação a igual período do ano anterior.

Índice mensal: reflete o desempenho da produção no mês de referência dos índices, em relação a igual mês do ano anterior.

ANEXO

DESEMPENHO INDUSTRIAL REGIONAL — COMPOSIÇÃO DO CRESCIMENTO DO INDICADOR ACUMULADO EM JANEIRO/NOVEMBRO, SEGUNDO OS GÊNEROS INDUSTRIAIS — 1989

GÊNEROS	PERNAMBUCO		BAHIA		MINAS GERAIS		RIO DE JANEIRO	
	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa
Extrativa mineral	-	-	99,0	-0,13	99,2	-0,06	105,9	0,51
Minerais não-metálicos	82,1	-1,74	95,2	-0,20	99,1	-0,09	110,1	0,52
Metalúrgica	111,4	1,10	110,8	0,62	98,1	-0,62	99,0	-0,20
Mecânica	-	-	-	-	-	-	-	-
Material elétrico e de comunicações ..	134,9	2,33	95,7	-0,12	95,9	-0,14	112,1	0,99
Material de transporte	-	-	-	-	103,4	0,30	106,0	0,33
Papel e papelão	110,9	0,49	-	-	95,5	-0,15	103,2	0,07
Borracha	-	-	110,3	0,10	-	-	-	-
Química	104,3	1,01	105,7	-3,57	105,8	0,69	101,5	0,27
Farmacêutica	-	-	-	-	-	-	108,7	0,47
Perfumaria, sabões e velas	107,1	0,06	99,7	-0,00	-	-	111,0	0,20
Produtos de matérias plásticas	98,4	-0,08	-	-	101,3	0,01	123,1	1,06
Têxtil	92,6	-0,80	-	-	105,8	0,39	98,5	-0,06
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	-	-	-	-	114,6	0,29	96,7	-0,15
Produtos alimentares	93,3	-1,56	102,7	0,23	94,4	-0,58	105,0	0,42
Bebidas	112,6	0,41	113,1	0,19	107,2	0,08	126,3	0,45
Fumo	98,2	-0,05	-	-	102,0	0,04	102,4	0,03
Indústria geral	101,2	1,18	104,3	4,27	100,2	0,18	104,9	4,91

GÊNEROS	SÃO PAULO		PARANÁ		SANTA CATARINA		RIO GRANDE DO SUL	
	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa	Índice	Composição da Taxa
Extrativa mineral	-	-	-	-	76,2	-0,77	95,3	-0,03
Minerais não-metálicos	102,0	0,09	107,4	0,70	109,6	0,99	115,2	0,47
Metalúrgica	104,4	0,55	-	-	106,0	0,56	107,0	0,84
Mecânica	101,3	0,15	115,4	1,24	130,6	3,58	105,2	0,89
Material elétrico e de comunicações ..	102,5	0,19	-	-	96,5	-0,22	114,6	0,50
Material de transporte	94,2	-0,70	-	-	-	-	100,6	0,03
Papel e papelão	112,9	0,55	107,3	0,84	101,4	0,08	106,8	0,21
Borracha	98,1	-0,05	-	-	-	-	116,1	0,23
Química	99,7	-0,05	100,2	0,06	83,3	-1,00	89,6	-1,57
Farmacêutica	102,5	0,06	-	-	-	-	-	-
Perfumaria, sabões e velas	112,6	0,21	113,7	0,05	-	-	94,3	0,03
Produtos de matérias plásticas	117,2	0,55	99,2	-0,02	110,7	0,70	-	-
Têxtil	100,2	0,01	104,2	0,35	96,0	-0,60	-	-
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	103,3	0,10	-	-	103,4	0,28	101,1	0,14
Produtos alimentares	99,4	-0,05	103,5	0,87	100,3	0,04	97,2	-0,45
Bebidas	118,4	0,17	110,3	0,17	110,4	0,06	108,6	0,37
Fumo	107,3	0,01	103,3	0,05	127,6	0,65	104,6	0,26
Indústria geral	101,8	1,79	104,3	4,32	104,4	4,36	101,9	1,85

1 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1989

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
Indústria geral.....	135,78	140,00	129,55	104,68	113,00	110,96
Extrativa mineral.....	198,83	205,00	197,94	110,04	109,36	109,31
Indústrias de transformação.....	133,87	138,03	127,48	104,45	113,17	111,04
Minerais não-metálicos.....	112,38	111,82	106,72	106,80	111,39	110,42
Metalúrgica.....	139,94	145,51	140,57	110,22	115,58	116,49
Metalúrgica básica.....	139,25	144,12	139,41	102,13	104,87	110,02
Outros produtos metalúrgicos.....	141,04	147,74	142,41	125,99	137,47	128,29
Mecânica.....	130,17	128,44	122,02	112,95	115,61	107,87
Material elétrico e de comunicações.....	150,27	154,58	147,19	109,54	117,63	108,78
Material de transporte.....	123,76	120,59	116,54	103,23	103,29	97,00
Autoveículos.....	132,71	128,30	124,02	104,28	99,50	94,45
Outros produtos de transporte.....	106,08	105,38	101,76	100,73	113,69	103,74
Papel e papelão.....	156,05	166,37	164,95	109,88	116,40	112,93
Borracha.....	146,98	149,68	140,91	101,55	111,77	101,96
Química.....	150,47	156,73	126,44	93,87	107,16	116,79
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra.....	129,31	130,34	110,70	98,50	107,04	124,47
Outros produtos químicos.....	164,38	174,06	136,79	91,65	107,21	113,08
Farmacêutica.....	120,12	132,90	127,22	102,31	111,66	125,62
Perfumaria, sabões e velas.....	175,44	194,56	160,95	128,81	125,56	103,05
Produtos de matérias plásticas.....	152,69	151,03	135,82	115,00	121,78	106,50
Têxtil.....	117,78	120,30	116,51	102,81	109,11	110,95
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	98,28	101,74	99,77	102,42	111,93	104,63
Produtos alimentares.....	131,18	142,01	129,61	101,34	122,14	114,99
Bebidas.....	140,69	161,75	158,04	114,45	125,38	121,49
Fumo.....	84,01	90,13	81,99	87,96	94,48	106,22

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
Indústria geral.....	101,02	102,25	103,01	99,16	101,01	102,52
Extrativa mineral.....	102,15	102,88	103,45	100,53	101,59	102,80
Indústrias de transformação.....	100,96	102,22	102,99	99,09	100,98	102,50
Minerais não-metálicos.....	101,57	102,54	103,22	98,64	100,30	101,96
Metalúrgica.....	103,24	104,48	105,53	101,37	103,29	105,17
Metalúrgica básica.....	99,12	99,71	100,62	99,24	99,62	100,70
Outros produtos metalúrgicos.....	110,78	113,29	114,82	105,19	109,97	113,35
Mecânica.....	102,38	103,71	104,10	98,95	101,40	102,87
Material elétrico e de comunicações.....	103,59	105,03	105,39	101,65	103,97	105,07
Material de transporte.....	96,07	96,79	96,81	98,48	98,39	97,57
Autoveículos.....	93,93	94,48	94,47	96,98	96,40	95,33
Outros produtos de transporte.....	102,20	103,37	103,40	102,64	103,95	103,86
Papel e papelão.....	105,95	107,03	107,59	105,07	106,65	107,30
Borracha.....	97,24	98,65	98,95	97,42	98,77	99,17
Química.....	97,41	98,48	99,86	95,90	97,41	99,86
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra.....	99,12	99,91	101,57	98,14	98,90	102,02
Outros produtos químicos.....	96,40	97,66	98,89	94,61	96,54	98,60
Farmacêutica.....	101,64	102,65	104,45	96,86	98,11	102,05
Perfumaria, sabões e velas.....	110,50	112,05	111,21	103,91	107,86	109,44
Produtos de matérias plásticas.....	113,85	114,64	113,88	109,92	112,73	113,49
Têxtil.....	100,53	101,39	102,22	98,25	99,84	101,55
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	101,32	102,42	102,63	98,93	100,93	101,95
Produtos alimentares.....	99,26	99,02	100,51	94,27	97,62	99,54
Bebidas.....	113,63	114,87	115,50	109,57	112,16	114,36
Fumo.....	105,95	105,18	105,24	104,49	103,63	104,47

2 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, COM AJUSTAMENTO SAZONAL,
SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989
Base fixa mensal

CLASSES E GÊNEROS	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO
Indústria geral.....	123,23	128,29	131,23	130,72	126,70	126,26	124,83
Extrativa mineral.....	191,20	194,35	194,80	201,52	200,52	198,89	197,96
Indústrias de transformação.....	121,17	126,29	129,31	128,58	124,47	124,07	122,41
Minerais não-metálicos.....	107,74	113,99	115,29	111,79	108,35	105,38	103,90
Metalúrgica.....	129,25	135,61	139,78	141,13	138,68	136,58	138,36
Metalúrgica básica.....	129,67	135,80	137,24	138,30	136,96	135,44	138,53
Outros produtos metalúrgicos.....	128,58	135,30	143,83	145,66	141,43	138,40	138,08
Mecânica.....	115,31	124,63	126,86	126,16	122,69	116,72	113,21
Material elétrico e de comunicação.....	126,78	135,25	147,88	149,29	143,47	138,22	134,52
Material de transporte.....	101,79	117,82	126,22	124,76	118,35	113,61	109,97
Autoveículos.....	108,11	125,19	139,28	137,93	128,25	123,05	119,20
Outros produtos de transporte.....	89,30	103,27	100,44	98,76	98,81	94,97	91,74
Papel e papelão.....	149,62	151,91	155,44	156,15	156,31	159,12	161,01
Borracha.....	139,96	139,30	146,15	140,25	140,99	141,21	139,09
Química.....	133,78	130,92	131,99	129,49	122,46	131,62	126,82
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra.....	122,37	117,81	122,24	122,24	119,92	124,64	118,11
Outros produtos químicos.....	141,27	139,53	138,38	134,24	124,13	136,19	132,54
Farmacêutica.....	125,95	129,35	135,59	128,72	122,63	124,94	124,62
Perfumaria, sabões e velas.....	178,46	186,85	187,50	192,98	177,43	170,90	154,20
Produtos de matérias plásticas.....	150,41	160,60	159,02	155,38	144,11	139,86	131,49
Têxtil.....	112,64	115,61	115,34	115,90	114,08	113,11	114,58
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	92,60	97,38	96,13	95,46	92,22	88,21	87,51
Produtos alimentares.....	107,58	109,37	108,78	113,50	113,04	115,83	118,88
Bebidas.....	151,75	157,57	157,16	150,10	146,24	149,16	145,48
Fumo.....	150,87	158,73	181,20	139,81	132,18	129,75	127,66

3 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CATEGORIAS DE USO – 1989

CATEGORIAS DE USO	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
Bens de capital.....	117,10	113,77	112,30	110,32	111,85	106,10
Bens intermediários.....	141,45	145,87	134,53	103,38	110,91	111,78
Bens de consumo.....	133,42	140,51	128,43	103,26	113,90	110,71
Duráveis.....	148,65	149,92	136,86	102,69	106,19	96,62
Não-duráveis.....	130,23	138,54	126,67	103,40	115,80	114,49

CATEGORIAS DE USO	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
Bens de capital.....	98,13	99,46	100,07	97,42	99,14	99,95
Bens intermediários.....	100,65	101,69	102,55	99,20	100,79	102,27
Bens de consumo.....	102,02	103,27	103,94	99,72	101,51	103,17
Duráveis.....	103,27	103,58	102,90	102,27	103,09	102,91
Não-duráveis.....	101,72	103,19	104,19	99,11	101,13	103,23

4 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS SETORES DA
MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS – 1989

(continua)

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
Extração de minerais metálicos	138,31	137,01	131,53	101,41	103,21	97,67
Extração de petróleo e gás natural	280,14	286,67	275,11	113,28	113,20	117,66
Extração de carvão mineral	78,20	86,54	89,56	96,09	90,79	83,52
Cimento	97,37	91,68	92,83	100,38	94,41	108,14
Vidro e artefatos de vidro	135,10	138,53	137,53	118,06	110,54	113,29
Artefatos de cimento e concreto	115,50	112,73	93,95	117,73	128,44	104,29
Tijolos e artefatos de barro	128,95	134,32	126,70	103,77	128,55	123,20
Gusa	190,24	194,60	190,11	99,82	98,71	110,84
Aço, ferroliga – em forma primária	164,09	171,21	168,11	86,02	88,99	98,63
Laminados de aço	136,05	138,98	135,38	106,76	103,62	117,19
Fundidos e forjados de aço	124,58	131,35	126,40	98,74	108,61	102,85
Trefilados	131,36	134,59	128,79	118,17	121,59	122,57
Motores e bombas	166,31	174,10	161,93	135,98	149,90	142,31
Máquinas agrícolas	123,01	128,22	98,40	141,69	132,67	102,16
Tratores e máquinas rodoviárias	123,75	99,45	81,25	111,04	98,81	76,15
Equipamentos para escritórios e uso domiciliar	180,68	171,78	165,55	110,14	120,65	116,85
Equipamentos para energia elétrica	131,30	128,26	132,17	101,53	100,54	103,26
Condutores elétricos	120,81	122,17	122,83	116,50	118,73	112,63
Material elétrico – exclusive para veículos	154,23	160,83	157,95	122,03	132,61	126,45
Material elétrico para veículos	142,08	138,00	125,14	135,70	133,20	112,31
Motores e aparelhos elétricos	174,77	169,04	172,21	100,18	102,52	103,33
Receptores de televisão, rádio e som	164,73	177,45	160,19	103,75	115,38	103,35
Automóveis e camionetas	135,60	128,52	116,41	99,81	91,80	82,92
Caminhões e ônibus	118,74	108,48	114,53	108,29	97,49	99,44
Motores e autopeças	145,93	152,53	144,75	104,13	112,08	103,74
Indústria naval	65,08	66,40	62,65	100,42	128,58	110,61
Celulose e pasta mecânica	128,62	143,10	147,15	94,90	100,17	102,72
Papel e papelão	169,14	180,13	171,96	100,16	105,69	100,57
Artefatos de papel e papelão	166,11	174,55	175,49	130,72	140,61	131,22
Pneumáticos	140,49	147,01	140,27	99,71	108,84	101,81
Refino de petróleo	124,46	127,20	105,04	96,60	108,07	129,56
Petroquímica	159,98	148,85	145,78	110,42	102,34	106,07
Resinas, fibras e elastômeros	161,89	166,21	154,55	103,90	107,13	107,14
Pigmentos e tintas	160,42	165,24	155,13	116,46	118,78	115,46
Adubos e fertilizantes	96,73	116,57	92,89	60,24	82,65	98,07
Laminados plásticos	169,24	169,11	150,11	117,12	126,63	110,27
Fiação e tecelagem têxteis naturais	118,64	122,20	118,31	100,86	108,01	112,61
Fiação e tecelagem têxteis artificiais	118,30	116,75	111,42	101,38	105,02	104,67
Calçados	108,32	117,32	111,20	96,89	110,66	98,31
Moagem de trigo	120,95	113,16	109,63	104,40	106,29	97,50
Abate e preparo de carne	76,72	76,65	87,65	90,74	108,65	116,33
Abate e preparo de aves	150,17	160,58	153,67	108,28	120,59	112,22
Laticínios	102,12	115,58	124,70	102,03	113,43	110,79
Usinas de açúcar	153,97	166,51	111,17	83,31	111,95	99,39
Refino de açúcar	78,67	96,12	103,65	104,15	107,10	108,94
Refino de óleos e gorduras para alimentos	111,81	125,48	111,46	112,05	122,39	109,49
Preparo de alimentos para animais	111,22	111,20	110,57	103,85	105,74	104,07
Carvejas, chope e malte	154,19	164,26	167,75	113,81	120,50	116,68
Refrigerantes	149,69	158,16	168,92	115,37	123,09	121,23

4 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS SETORES DA
MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS – 1989

(conclusão)

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
Extração de minerais metálicos	102,26	102,36	101,92	102,73	102,78	102,23
Extração de petróleo e gás natural	103,91	104,84	105,91	101,17	102,57	104,63
Extração de carvão mineral	81,96	82,78	82,85	85,79	85,58	85,21
Cimento	102,25	101,42	102,00	100,48	99,83	101,23
Vidro e artefatos de vidro	101,24	102,24	103,28	94,62	96,92	99,96
Artefatos de cimento concreto	98,82	101,38	101,61	93,54	97,77	99,86
Tijolos e artefatos de barro	103,58	105,83	107,24	100,97	103,83	106,01
Gusa	103,05	102,58	103,29	103,49	102,54	103,66
Aço, ferroliga – em forma primária	96,91	96,04	96,27	98,69	96,68	96,76
Laminados de aço	100,44	100,78	102,14	99,67	100,01	102,23
Fundidos e forjados de aço	91,54	93,23	94,10	95,38	95,71	95,12
Trefilados	104,04	105,82	107,29	99,37	102,59	105,78
Motores e bombas	107,14	111,37	114,10	100,94	106,32	112,44
Máquinas agrícolas	125,92	126,60	124,36	110,65	115,79	119,35
Tratores e máquinas rodoviárias	89,21	90,10	88,85	85,94	87,56	86,35
Equipamentos para escritórios e uso domiciliar	108,88	110,05	110,66	104,36	107,51	110,13
Equipamentos para energia elétrica	97,11	97,45	97,98	98,40	98,78	99,09
Condutores elétricos	101,30	102,99	103,89	100,86	102,73	103,71
Material elétrico – exclusive para veículos	102,86	105,67	107,51	98,42	102,72	105,30
Material elétrico para veículos	105,75	108,05	108,40	101,93	106,62	108,33
Motores e aparelhos elétricos	97,72	98,29	98,82	98,41	98,74	98,89
Receptores de televisão, rádio e som	106,28	107,29	106,89	102,16	104,94	106,11
Automóveis e camionetas	97,97	97,34	96,00	102,59	100,20	97,44
Caminhões e ônibus	87,66	88,59	89,57	89,44	89,76	89,73
Motores e autopeças	97,68	99,10	99,52	99,45	100,18	100,19
Indústria naval	101,42	103,97	104,59	104,99	107,12	106,52
Celulose e pasta mecânica	100,91	100,83	101,01	101,35	100,98	100,63
Papel e papelão	101,67	102,08	101,94	101,80	102,35	101,96
Artefatos de papel e papelão	115,86	118,40	119,67	112,67	116,88	119,17
Pneumáticos	96,37	97,64	98,03	97,98	98,53	98,50
Refino de petróleo	98,46	99,43	101,37	97,32	98,14	101,82
Petroquímica	102,65	102,62	102,90	102,43	103,00	103,34
Resinas, fibras e elastômeros	100,50	101,17	101,69	99,68	100,33	101,41
Pigmentos e tintas	113,85	114,39	114,49	109,45	111,58	113,22
Adubos e fertilizantes	77,55	78,10	79,45	75,71	77,25	79,44
Laminados plásticos	116,48	117,50	116,83	112,16	115,25	116,32
Fiação e tecelagem têxteis naturais	101,30	101,99	102,91	98,40	99,93	102,03
Fiação e tecelagem têxteis artificiais	98,41	99,06	99,54	96,68	97,90	99,00
Calçados	103,58	104,30	103,71	101,74	103,50	103,67
Moagem de trigo	106,70	106,66	105,82	103,38	105,15	105,14
Abate e preparo de carne	85,50	87,14	89,18	86,83	88,31	89,59
Abate e preparo de aves	102,92	104,64	105,33	100,53	103,24	104,63
Laticínios	98,33	99,73	100,76	95,58	97,92	99,97
Usinas de açúcar	80,81	85,55	86,98	80,53	84,89	86,10
Refino de açúcar	83,58	85,76	87,83	79,99	83,81	87,44
Refino de óleos e gorduras para alimentos	109,17	110,41	110,33	107,63	108,83	109,32
Preparo de alimentos para animais	102,18	102,55	102,70	99,10	101,03	101,67
Cervejas, chope e malte	113,94	114,64	114,84	111,27	112,93	113,95
Refrigerantes	117,60	118,16	118,47	110,51	113,38	116,19

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS
DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
PERNAMBUCO						
Indústria geral	114,19	140,02	141,96	105,50	112,34	99,29
Indústrias de transformação	114,19	140,02	141,96	105,50	112,34	99,29
Minerais não-metálicos	77,39	78,11	64,73	81,62	85,16	77,70
Metalúrgica	147,35	159,42	153,54	108,11	114,87	114,77
Material elétrico e de comunicações	149,54	147,69	162,53	160,99	174,30	142,38
Papel e papelão	138,08	147,00	139,20	112,47	124,09	137,79
Química	185,94	261,83	274,44	107,92	120,54	101,52
Perfumaria, sabões e velas	128,97	104,07	84,14	118,62	88,99	88,70
Produtos de matérias plásticas	108,82	112,91	95,56	109,33	137,94	116,90
Têxtil	85,67	96,35	87,92	77,89	100,96	98,40
Produtos alimentares	82,95	122,91	136,61	111,94	101,41	83,81
Bebidas	110,62	124,90	124,35	123,44	116,72	113,04
Fumo	121,17	130,44	127,43	84,43	99,60	101,29

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
PERNAMBUCO						
Indústria geral	99,98	101,43	101,18	96,31	99,64	100,32
Indústrias de transformação	99,98	101,43	101,18	96,31	99,64	100,32
Minerais não-metálicos	82,19	82,47	82,09	81,07	80,81	80,53
Metalúrgica	110,59	111,07	111,44	110,01	111,44	111,87
Material elétrico e de comunicações	130,50	134,05	134,87	119,51	130,22	131,30
Papel e papelão	106,65	108,50	110,94	102,22	104,76	109,43
Química	102,37	104,73	104,28	98,58	103,24	103,80
Perfumaria, sabões e velas	111,41	108,83	107,11	102,97	104,19	105,81
Produtos de matérias plásticas	93,23	96,92	98,44	93,64	96,74	98,86
Têxtil	90,97	92,01	92,59	91,89	92,64	93,19
Produtos alimentares	94,03	95,11	93,25	88,60	92,72	92,16
Bebidas	112,00	112,58	112,63	107,71	109,88	111,68
Fumo	97,73	97,93	98,23	96,62	96,30	97,83

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
BAHIA						
Indústria geral.....	124,34	132,36	125,92	124,61	115,43	125,95
Extrativa mineral.....	112,89	107,80	104,28	106,08	98,43	105,90
Indústrias de transformação.....	126,27	136,52	129,58	127,99	118,16	129,28
Minerais não-metálicos.....	84,85	92,19	72,13	92,15	109,17	94,62
Metalúrgica.....	117,00	133,01	114,39	106,42	136,52	143,10
Material elétrico e de comunicações.....	174,64	194,94	178,80	110,05	129,29	115,45
Borracha.....	168,39	168,86	189,12	104,90	120,30	113,40
Química.....	131,51	138,29	131,63	141,07	110,83	127,76
Perfumaria, sabões e velas.....	133,07	138,10	139,16	93,82	137,87	122,74
Produtos alimentares.....	106,89	134,18	139,33	103,93	171,56	158,08
Bebidas.....	163,77	177,47	181,15	114,85	121,48	120,47

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
BAHIA						
Indústria geral.....	101,04	102,43	104,27	98,11	99,92	103,23
Extrativa mineral.....	98,40	98,40	99,02	98,49	97,88	98,72
Indústrias de transformação.....	101,45	103,06	105,09	98,06	100,23	103,92
Minerais não-metálicos.....	93,67	95,20	95,16	92,75	94,04	94,32
Metalúrgica.....	105,33	108,28	110,79	100,58	105,04	110,48
Materia elétrico e de comunicações.....	90,22	93,80	95,66	86,55	91,04	93,84
Borracha.....	109,02	109,96	110,27	111,59	112,15	111,78
Química.....	103,16	103,93	105,74	100,41	101,48	104,76
Perfumaria, sabões e velas.....	94,57	97,79	99,73	90,14	94,71	97,73
Produtos alimentares.....	91,89	97,97	102,73	84,27	91,67	99,64
Bebidas.....	111,21	112,27	113,06	106,84	109,19	110,98

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
REGIÃO NORDESTE						
Indústria geral.....	122,00	142,49	142,47	111,80	111,34	112,36
Extrativa mineral.....	155,94	158,92	153,06	109,00	105,08	111,61
Indústrias de transformação.....	117,30	140,22	141,01	112,33	112,39	112,47
Minerais não-metálicos.....	90,84	94,45	90,41	90,59	98,01	103,81
Metalúrgica.....	151,84	167,31	154,08	110,64	124,68	125,02
Material elétrico e de comunicações.....	143,25	155,36	155,98	139,62	158,84	140,48
Papel e papelão.....	128,61	135,20	133,33	106,72	113,47	119,90
Borracha.....	122,74	120,51	129,58	100,55	110,98	104,05
Química.....	128,13	157,23	155,06	130,49	110,59	117,71
Perfumaria, sabões e velas.....	122,56	113,61	95,24	110,52	106,85	88,54
Produtos de matérias plásticas.....	119,78	127,05	112,95	112,04	140,10	117,43
Têxtil.....	114,40	127,17	140,69	87,95	98,19	112,72
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	136,83	143,03	144,16	112,95	120,35	118,32
Produtos alimentares.....	91,25	136,69	143,54	114,76	116,73	99,15
Bebidas.....	123,18	137,49	139,13	116,36	119,17	116,08
Fumo.....	111,46	118,92	116,63	83,37	97,20	101,20

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
REGIÃO NORDESTE						
Indústria geral.....	102,74	103,72	104,60	98,93	101,17	103,51
Extrativa mineral.....	103,08	103,28	104,00	101,84	102,00	103,28
Indústrias de transformação.....	102,67	103,80	104,71	98,42	101,02	103,55
Minerais não-metálicos.....	94,52	94,87	95,63	93,54	93,62	94,85
Metalúrgica.....	114,48	115,56	116,40	108,84	112,52	115,45
Material elétrico e de comunicações.....	106,18	110,49	113,04	99,08	107,23	110,40
Papel e papelão.....	100,20	101,56	103,17	97,85	99,80	102,38
Borracha.....	105,33	105,81	105,65	105,57	106,65	106,49
Química.....	103,36	104,23	105,57	98,76	100,83	104,25
Perfumaria, sabões e velas.....	97,51	98,37	97,54	94,06	96,40	96,99
Produtos de matérias plásticas.....	96,17	99,97	101,43	94,92	99,00	101,20
Têxtil.....	100,83	100,49	101,83	103,56	102,40	102,75
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	103,61	105,31	106,54	99,25	102,94	105,89
Produtos alimentares.....	100,65	102,85	102,32	91,55	97,01	99,64
Bebidas.....	111,79	112,62	112,99	107,48	109,91	111,57
Fumo.....	96,56	96,63	97,04	95,34	95,02	96,61

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
MINAS GERAIS						
Indústria geral.....	135,90	136,71	134,76	97,31	105,09	106,45
Extrativa mineral.....	118,86	116,59	113,13	96,76	98,29	94,89
Indústrias de transformação.....	137,32	138,39	136,57	97,35	105,61	107,36
Minerais não-metálicos.....	104,61	104,68	104,43	97,72	98,90	106,75
Metalúrgica.....	140,82	142,83	147,36	100,42	97,84	104,15
Material elétrico e de comunicações.....	154,85	159,30	151,82	108,74	108,66	82,77
Material de transporte.....	163,35	140,74	197,88	92,83	98,14	122,85
Papel e papelão.....	75,47	175,54	174,02	62,64	147,65	103,33
Química.....	195,50	190,02	159,78	94,65	108,54	105,00
Produtos de matérias plásticas.....	135,35	134,40	112,74	111,57	115,41	100,83
Têxtil.....	126,21	127,74	124,10	100,46	104,02	103,39
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	108,02	115,27	112,29	109,86	123,33	124,56
Produtos alimentares.....	120,97	113,63	89,40	97,43	129,58	122,45
Bebidas.....	156,72	161,27	153,59	106,84	111,80	105,61
Fumo.....	153,01	171,22	148,77	80,77	106,28	109,81

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
MINAS GERAIS						
Indústria geral.....	98,96	99,57	100,18	98,50	99,29	99,97
Extrativa mineral.....	99,77	99,62	99,19	100,69	100,29	99,70
Indústrias de transformação.....	98,90	99,57	100,26	98,33	99,21	99,99
Minerais não-metálicos.....	98,36	98,41	99,13	97,37	97,27	98,46
Metalúrgica.....	97,44	97,48	98,09	99,51	98,44	98,37
Material elétrico e de comunicações.....	96,29	97,58	95,88	100,21	100,33	96,03
Material de transporte.....	101,70	101,37	103,39	99,19	101,33	103,39
Papel e papelão.....	90,40	94,67	95,50	91,01	96,14	96,36
Química.....	105,50	105,83	105,76	103,20	104,44	104,73
Produtos de matérias plásticas.....	99,78	101,36	101,31	93,66	96,96	99,87
Têxtil.....	106,29	106,05	105,81	103,49	104,30	105,27
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	112,22	113,47	114,55	105,05	108,29	112,01
Produtos alimentares.....	89,33	92,50	94,35	86,92	91,12	94,08
Bebidas.....	106,80	107,33	107,17	101,88	104,89	106,70
Fumo.....	100,80	101,35	102,02	96,31	97,34	99,51

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
RIO DE JANEIRO						
Indústria geral.....	129,81	130,80	119,73	105,94	111,72	115,80
Extrativa mineral.....	566,62	596,24	573,98	116,43	119,15	121,74
Indústrias de transformação.....	121,24	121,67	110,82	105,07	111,06	115,23
Minerais não-metálicos.....	110,02	98,32	99,24	118,85	107,10	120,29
Metalúrgica.....	141,42	155,09	146,26	100,57	106,31	150,82
Material elétrico e de comunicações.....	172,84	178,19	175,63	101,71	103,33	99,43
Material de transporte.....	60,58	59,23	58,81	101,83	120,98	114,87
Papel e papelão.....	96,25	99,25	97,78	110,16	116,97	127,03
Química.....	139,10	136,06	94,13	103,73	113,02	100,97
Farmacêutica.....	124,41	122,35	130,70	119,64	112,38	125,22
Perfumaria, sabões e velas.....	115,93	119,85	126,41	99,39	99,95	89,83
Produtos de matérias plásticas.....	180,54	168,23	151,72	126,74	125,47	109,31
Têxtil.....	93,80	93,39	83,81	101,97	120,50	117,12
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	79,92	78,01	72,70	93,99	98,76	85,51
Produtos alimentares.....	133,76	129,45	121,94	103,01	115,36	114,83
Bebidas.....	139,23	144,06	153,82	121,32	124,43	120,01
Fumo.....	116,36	128,79	109,71	93,37	111,93	104,26
CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
RIO DE JANEIRO						
Indústria geral.....	103,06	103,94	104,91	101,31	102,46	104,54
Extrativa mineral.....	102,85	104,44	105,89	99,05	101,55	104,27
Indústrias de transformação.....	103,08	103,89	104,82	101,53	102,5	104,56
Minerais não-metálicos.....	109,44	109,20	110,14	106,12	106,94	109,28
Metalúrgica.....	94,37	95,57	99,03	92,25	93,02	98,67
Material elétrico e de comunicações.....	115,01	113,63	112,10	123,32	119,07	114,64
Material de transporte.....	103,39	105,10	106,00	106,97	108,39	108,03
Papel e papelão.....	99,23	100,99	103,15	97,34	99,73	102,79
Química.....	100,37	101,62	101,51	98,91	99,66	101,38
Farmacêutica.....	106,64	107,19	108,72	101,82	103,33	105,76
Perfumaria, sabões e velas.....	114,97	113,47	110,99	109,70	111,36	111,59
Produtos de matérias plásticas.....	124,34	124,45	123,06	116,68	119,81	121,19
Têxtil.....	94,54	96,95	98,54	87,61	92,15	96,11
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	97,91	98,00	96,71	95,49	96,57	95,64
Produtos alimentares.....	102,67	104,01	104,99	102,93	104,91	105,55
Bebidas.....	127,28	126,98	126,26	122,51	123,33	124,41
Fumo.....	101,15	102,22	102,39	97,61	99,29	101,20

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
SÃO PAULO						
Indústria geral.....	131,80	133,88	120,86	102,84	111,85	109,36
Indústrias de transformação.....	131,80	133,88	120,86	102,84	111,85	109,36
Minerais não-metálicos.....	117,69	118,84	115,46	109,05	110,56	108,31
Metalúrgica.....	126,42	130,35	125,71	107,05	113,83	110,00
Mecânica.....	109,68	108,21	101,84	112,28	118,77	109,06
Material elétrico e de comunicações.....	117,16	120,63	113,76	108,88	116,08	107,70
Material de transporte.....	133,49	129,71	119,99	104,46	99,64	90,95
Papel e papelão.....	181,58	187,62	187,36	120,53	125,97	118,94
Borracha.....	149,55	154,78	141,71	101,82	113,61	100,52
Química.....	154,68	155,39	125,67	89,77	104,00	121,96
Farmacêutica.....	121,14	139,77	131,78	93,45	109,07	126,22
Perfumaria, sabões e velas.....	179,30	207,59	168,90	135,51	129,97	106,60
Produtos de matérias plásticas.....	152,22	153,60	135,15	113,95	121,66	104,60
Têxtil.....	111,20	113,29	102,13	100,49	104,65	101,08
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	86,44	90,98	88,07	98,27	105,03	98,28
Produtos alimentares.....	155,04	158,19	129,87	97,53	124,93	120,40
Bebidas.....	180,64	181,80	173,22	116,21	129,00	132,07
Fumo.....	72,95	78,51	66,24	94,34	118,80	104,60

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro

SÃO PAULO

Indústria geral.....	99,82	101,07	101,79	98,44	100,10	101,39
Indústrias de transformação.....	99,82	101,07	101,79	98,44	100,10	101,39
Minerais não-metálicos.....	100,29	101,32	101,95	97,84	99,29	100,48
Metalúrgica.....	102,68	103,82	104,39	102,30	103,76	104,56
Mecânica.....	98,58	100,49	101,25	94,60	97,73	99,62
Material elétrico e de comunicações.....	100,43	101,98	102,51	98,84	100,89	102,23
Material de transporte.....	94,02	94,57	94,23	97,26	96,42	95,03
Papel e papelão.....	110,69	112,26	112,92	109,74	112,10	112,87
Borracha.....	96,19	97,88	98,12	96,97	98,33	98,47
Química.....	97,25	98,01	99,74	95,68	97,02	99,83
Farmacêutica.....	99,55	100,51	102,45	94,24	95,49	100,00
Perfumaria, sabões e velas.....	111,25	113,24	112,60	104,16	108,61	110,60
Produtos de matérias plásticas.....	118,18	118,54	117,20	113,80	116,30	116,58
Têxtil.....	99,58	100,09	100,18	97,45	98,76	99,80
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	103,69	103,84	103,27	101,57	102,37	102,53
Produtos alimentares.....	93,94	97,42	99,42	93,00	96,28	98,17
Bebidas.....	115,51	117,02	118,44	110,53	113,88	117,20
Fumo.....	106,37	107,59	107,33	104,02	105,69	106,37

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
PARANÁ						
Indústria geral	126,22	126,07	117,59	106,16	111,32	119,99
Indústrias de transformação.....	126,22	126,07	117,59	106,16	111,32	119,99
Minerais não-metálicos.....	110,95	107,44	98,37	121,51	121,43	105,23
Mecânica	159,37	149,61	152,28	113,87	114,01	112,82
Papel e papelão.....	145,09	168,46	165,91	98,83	108,84	107,64
Química	119,00	114,86	105,91	101,56	100,02	140,54
Perfumaria, sabões e velas	167,01	145,52	118,81	149,10	127,34	93,66
Produtos de matérias plásticas.....	97,52	102,40	87,36	92,49	94,87	81,96
Têxtil.....	74,19	78,20	66,98	115,35	120,73	105,20
Produtos alimentares	141,01	140,00	127,84	107,73	125,95	121,69
Bebidas.....	145,86	160,06	162,39	104,20	116,63	112,42
Fumo.....	196,39	204,69	205,04	98,45	90,29	94,94

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
PARANÁ						
Indústria geral.....	102,16	103,03	104,32	103,01	103,79	104,72
Indústrias de transformação.....	102,16	103,03	104,32	103,01	103,79	104,72
Minerais não-metálicos.....	106,22	107,64	107,42	101,67	104,75	106,00
Mecânica	115,78	115,61	115,37	105,84	108,12	111,35
Papel e papelão.....	107,10	107,28	107,31	105,21	106,24	106,84
Química	96,96	97,30	100,17	104,73	102,75	103,19
Perfumaria, sabões e velas	114,52	115,66	113,68	113,20	115,69	112,85
Produtos de matérias plásticas.....	101,67	100,97	99,20	104,20	102,59	100,29
Têxtil.....	103,45	104,18	104,22	102,46	103,64	103,82
Produtos alimentares	99,50	101,91	103,48	99,13	101,79	103,34
Bebidas.....	109,32	110,10	110,33	106,19	108,23	109,31
Fumo.....	105,45	104,06	103,33	105,73	103,82	102,08

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
SANTA CATARINA						
Indústria geral.....	141,12	141,15	139,15	108,11	119,04	119,52
Extrativa mineral.....	93,33	96,70	88,29	80,14	85,43	80,05
Indústrias de transformação.....	142,91	142,83	141,07	109,05	120,25	120,83
Minerais não-metálicos.....	148,91	156,17	144,09	101,27	168,22	155,34
Metalúrgica.....	176,73	180,40	165,16	122,72	130,46	117,66
Mecânica.....	207,91	212,92	205,44	124,02	143,97	142,78
Material elétrico e de comunicações.....	374,17	355,06	343,49	111,73	134,13	115,51
Papel e papelão.....	142,72	157,46	148,91	97,93	114,56	107,78
Química.....	129,97	112,65	132,13	88,25	79,40	101,10
Produtos de matérias plásticas.....	143,43	135,44	139,79	124,08	129,62	125,70
Têxtil.....	104,30	99,20	99,99	96,27	97,42	103,85
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	119,20	115,15	121,16	108,56	115,97	120,53
Produtos alimentares.....	129,53	136,15	135,84	112,87	121,70	118,72
Bebidas.....	79,60	88,65	99,42	104,84	112,28	110,98
Fumo.....	0,00	0,00	0,00	100,00	0,00	0,02

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro

SANTA CATARINA						
Indústria geral.....	101,31	102,96	104,36	97,77	100,77	103,59
Extrativa mineral.....	74,70	75,79	76,17	81,02	79,97	78,35
Indústrias de transformação.....	102,18	103,86	105,30	98,32	101,46	104,44
Minerais não-metálicos.....	101,92	106,49	109,64	94,39	101,16	107,35
Metalúrgica.....	102,25	104,91	106,02	99,44	103,08	105,33
Mecânica.....	127,75	129,37	130,55	115,76	122,32	128,26
Material elétrico e de comunicações.....	90,66	94,59	96,52	87,60	92,93	95,48
Papel e papelão.....	99,28	100,78	101,41	97,77	99,70	100,68
Química.....	81,86	81,61	83,28	89,46	85,73	86,07
Produtos de matérias plásticas.....	107,22	109,27	110,73	103,90	108,18	110,96
Têxtil.....	95,02	95,26	96,00	93,88	94,59	95,49
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	99,79	101,52	103,38	98,66	100,66	102,83
Produtos alimentares.....	96,17	98,53	100,28	90,22	94,83	98,75
Bebidas.....	110,20	110,37	110,42	106,89	108,01	109,10
Fumo.....	136,84	127,63	127,61	146,34	129,78	129,77

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
RIO GRANDE DO SUL						
Indústria geral.....	121,15	127,28	115,86	98,22	112,73	108,69
Extrativa mineral.....	120,05	129,90	135,55	137,21	108,65	110,00
Indústrias de transformação.....	121,15	127,28	115,73	98,05	112,76	108,68
Minerais não-metálicos.....	116,58	117,20	97,30	104,91	109,67	111,33
Metalúrgica.....	156,94	153,42	139,37	117,10	124,41	118,58
Mecânica.....	178,83	189,75	170,29	92,36	97,28	97,55
Material elétrico e de comunicações.....	137,76	145,10	157,85	121,27	137,35	137,54
Material de transporte.....	133,15	142,46	137,40	113,71	139,71	113,13
Papel e papelão.....	171,40	164,37	154,64	119,53	105,55	103,84
Borracha.....	152,26	144,03	141,17	121,25	128,92	123,00
Química.....	97,65	108,41	71,55	72,17	102,22	115,04
Perfumaria, sabões e velas.....	116,92	106,06	104,63	110,30	97,99	101,77
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	99,95	107,38	104,04	98,82	114,29	99,15
Produtos alimentares.....	98,70	101,73	105,61	98,69	118,37	108,24
Bebidas.....	124,95	160,30	146,41	108,71	131,68	116,69
Fumo.....	42,35	37,37	36,02	93,45	89,61	107,25

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
RIO GRANDE DO SUL						
Indústria geral.....	100,09	101,25	101,85	97,91	100,06	101,50
Extrativa mineral.....	92,37	93,91	95,33	92,46	93,41	96,42
Indústrias de transformação.....	100,14	101,30	101,89	97,95	100,10	101,53
Minerais não-metálicos.....	116,31	115,56	115,20	109,48	110,86	113,20
Metalúrgica.....	103,95	105,91	106,97	99,75	103,21	105,65
Mecânica.....	107,16	106,02	105,23	104,00	103,25	103,93
Material elétrico e de comunicações.....	109,83	112,34	114,61	103,74	107,81	111,86
Material de transporte.....	95,37	99,28	100,59	97,73	101,09	101,02
Papel e papelão.....	107,27	107,07	106,75	106,34	105,79	105,91
Borracha.....	113,92	115,43	116,14	113,22	115,62	116,95
Química.....	86,83	88,25	89,62	83,63	86,89	90,33
Perfumaria, sabões e velas.....	93,30	93,71	94,32	92,22	93,95	93,46
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	99,93	101,32	101,11	98,48	101,10	101,36
Produtos alimentares.....	94,22	96,17	97,18	93,65	96,51	97,20
Bebidas.....	105,39	107,80	108,57	103,95	106,56	108,22
Fumo.....	104,85	104,55	104,59	105,32	104,78	104,88

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(conclusão)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Setembro	Outubro	Novembro	Setembro	Outubro	Novembro
REGIÃO SUL						
Indústria geral.....	131,70	134,86	127,01	104,31	115,01	113,67
Extrativa mineral.....	85,05	93,49	96,50	97,29	93,31	86,19
Indústrias de transformação.....	132,39	135,47	127,47	104,38	115,29	114,08
Minerais não-metálicos.....	132,31	131,65	117,21	111,99	135,50	121,96
Metalúrgica.....	169,37	168,51	150,88	122,79	128,25	115,72
Mecânica.....	184,55	189,73	186,06	108,43	116,05	117,03
Material elétrico e de comunicações.....	224,71	224,69	227,54	114,20	120,31	115,99
Papel e papelão.....	149,60	168,93	161,72	99,16	110,31	106,77
Química.....	98,70	101,08	83,80	85,05	97,98	126,32
Perfumaria, sabões e velas.....	128,84	114,98	105,03	120,55	102,43	100,46
Produtos de matérias plásticas.....	142,26	137,33	129,24	112,86	119,95	105,14
Têxtil.....	134,66	130,79	132,90	100,03	104,74	107,52
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	112,24	116,93	111,82	102,89	116,00	101,42
Produtos alimentares.....	119,89	122,61	119,75	105,53	122,42	115,90
Bebidas.....	130,23	161,91	150,63	109,84	129,69	117,38
Fumo.....	37,23	35,03	34,29	95,21	56,98	101,70
CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ setembro	Janeiro/ outubro	Janeiro/ novembro	Até setembro	Até outubro	Até novembro
REGIÃO SUL						
Indústria geral.....	101,36	102,66	103,57	99,37	101,55	103,19
Extrativa mineral.....	83,61	84,50	84,66	87,17	87,13	86,92
Indústrias de transformação.....	101,59	102,89	103,82	99,53	101,75	103,40
Minerais não-metálicos.....	105,19	107,80	108,91	98,91	103,45	107,11
Metalúrgica.....	104,62	106,86	107,62	100,74	104,26	106,28
Mecânica.....	115,61	115,66	115,79	109,93	111,60	113,94
Material elétrico e de comunicações.....	102,30	104,20	105,38	100,86	103,28	104,63
Papel e papelão.....	103,32	104,05	104,30	102,25	103,21	103,74
Química.....	88,90	89,80	92,01	90,17	91,01	93,22
Perfumaria, sabões e velas.....	102,01	102,05	101,93	100,81	101,97	100,98
Produtos de matérias plásticas.....	105,65	107,00	106,83	104,30	107,23	107,60
Têxtil.....	97,99	98,64	99,40	96,34	97,76	98,97
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	101,39	102,84	102,70	100,24	102,64	102,81
Produtos alimentares.....	97,40	99,61	100,97	95,39	98,69	100,50
Bebidas.....	107,12	109,26	109,98	105,01	107,62	109,57
Fumo.....	109,52	107,73	107,62	111,23	108,13	107,99

SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

RESULTADOS PARA O BRASIL E PARA AS REGIÕES

O SINAPI — Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil — apresentou, no mês de novembro de 1989, o custo de NCz\$ 2.088,17 por metro quadrado, para o Brasil, o que significou uma variação mensal de 41,44%. A variação acumulada no ano foi igual a 1 474,37%, atingindo nos últimos doze meses a 1 934,12%.

Os resultados regionais, em novembro, indicaram para as Regiões Norte e Nordeste, o maior e menor custo médio, respectivamente iguais a NCz\$ 2.432,09 e NCz\$ 1.847,71. Quanto às variações men-

sais, a mais elevada foi a registrada na Região Nordeste, igual a 46,70%, sendo a menor, 39,90%, observada na Região Sudeste. E quanto às variações no ano e nos últimos doze meses, as mais altas se deram na Região Centro-Oeste (1 528,50%) e (2 037,45%). As menores variações nos mesmos períodos ocorreram na Região Nordeste (1 399,36% e 1 870,88%), respectivamente.

A participação dos materiais na composição do custo médio, para o Brasil, foi de NCz\$ 1.629,58, variando no mês 39,89%; a participação da mão-de-obra correspondeu a NCz\$ 458,57, resultando em uma variação mensal igual a 42,27%. Conforme verificou-se no mês anterior, todas as regiões apresentaram variação no custo da mão-de-obra maior que a variação no custo do material.

PARTICIPAÇÃO DOS INSUMOS NO CUSTO Novembro de 1989

GRANDES REGIÕES	MATERIAIS		MÃO-DE-OBRA	
	Em NCz\$/m ²	Variação mensal (%)	Em NCz\$/m ²	Variação mensal (%)
Norte	1 985,81	43,34	446,26	50,16
Nordeste	1 487,70	43,91	359,99	59,53
Sudeste	1 668,95	38,86	484,99	43,62
Sul	1 565,20	38,87	500,36	43,65
Centro-Oeste	1 533,68	40,68	420,93	58,27

A Região Nordeste ficou com a maior variação em relação à participação dos materiais (43,91%), sendo registrado nas Regiões Sudeste e Sul as menores variações (38,86% e 38,87%), respectivamente.

Em relação à participação na mão-de-obra, a Região Nordeste ficou com a maior variação (59,53%), sendo registrada a menor variação (43,62%), na Região Sul.

RESULTADOS PARA AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

Destacamos, primeiramente, os custos mais altos em novembro, por Região: Roraima (NCz\$ 2.788,18); Maranhão (NCz\$ 2.287,94); São Paulo (NCz\$ 2.291,51); Paraná (NCz\$ 2.101,70); e Mato Grosso do Sul (NCz\$ 2.310,32). E quanto aos custos mais baixos, foram registrados no Amapá (NCz\$ 2.074,87); Pernambuco (NCz\$ 1.616,07); Minas Gerais (NCz\$ 1.748,90); Rio Grande do Sul (NCz\$ 2.028,84); e Goiás (NCz\$ 1.680,13).

Os demais custos médios podem ser vistos na Tabela 2.

Quanto às variações percentuais, mensal, no ano e em doze meses, são destacados os valores máximos e mínimos por Região, na Tabela 3.

RESULTADOS DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL PARA O BRASIL E MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

Para o Brasil, a categoria "mestre-de-obras" foi a que apresentou o maior aumento em novembro (52,56%), elevando o salário-hora para NCz\$ 17,85. A menor variação mensal foi registrada para a categoria "bombeiro hidráulico" (41,05%), sendo o salário-hora igual a NCz\$ 5,91.

Dentre os municípios, as variações salariais mais acentuadas, segundo as categorias, ocorreram em Campo Grande para carpinteiro de esquadrias, (164,15%), carpinteiro de formas (150,90%); pintor (146,48); servente (143,90%); pedreiro (143,06%); armador (143,06%); bombeiro

hidráulico (134,11%); eletricitista (127,27%); ladrilheiro (120,82%); e mestre-de-obras (120,29%).

NOTAS EXPLICATIVAS

1 — A manutenção da base teórica do SINAPI é hoje uma competência conjunta do IBGE e CEF — Caixa Econômica Federal.

2 — As séries mensais de salários médios são produzidas a partir dos salários coletados nas empresas construtoras, considerando-se:

a) o salário-hora bruto, ou seja, não é subtraído qualquer desconto de responsabilidade do empregado;

b) o valor contratado com o empregado, ou seja, não é incluído qualquer encargo social de responsabilidade do empregador; e

c) o valor referente à jornada normal de trabalho, ou seja, não consideradas horas extras.

3 — O SINAPI considera quatro padrões de acabamento: alto, normal, baixo e mínimo. São apresentados os custos dos projetos residenciais nos padrões normal e mínimo.

Na nomenclatura dos projetos, Rp e Cp significam, respectivamente, projeto residencial e projeto comercial com p pavimentos; nQ indica o nº de quartos da unidade residencial. Para os projetos comerciais, LA significa lojas e salas autônomas e LC, lojas e andar corrido; P significa que o primeiro pavimento é em pilotis, e T que o primeiro pavimento é térreo. Por último, é indicada a área total da construção do projeto.

O custo médio de cada Área Geográfica é a média ponderada dos custos dos 21 projetos residenciais, considerando-se apenas o padrão normal de acabamento.

4 — As séries mensais de custos e índices de custos referem-se ao custo do metro quadrado de uma construção no canteiro de obras. Não se incluem as despesas com projeto em geral, licenças, seguros, instalações provisórias, depreciações dos equipamentos, compra de terreno, administração, financiamentos, nem com os equipamentos mecânicos (elevadores, compactadores, exaustores e outros), não estão envol-

vidos os lucros da construtora e da incorporadora.

5 – Para o cálculo do Orçamento Final por metro quadrado (OF), deverão ser acrescidos ao Custo SINAPI os custos relativos a alguns itens para os quais o SINAPI, dadas suas características, não dispõe de informações. Estes itens são os seguintes:

- Fundações Profundas e Especiais;
- Equipamentos (elevadores, compactadores, interfone, etc.);
- Complementos (jardins, decorações, etc.); e
- Máquinas e Equipamentos de Obra.

O Orçamento Final por metro quadrado (OF), incluindo todos os custos do empreendimento, será calculado adotando-se a seguinte fórmula:

$$OF = C \text{ SINAPI} + \frac{(OFe - OFd) + OE + OC}{S}$$

onde:

- OF = Orçamento Final por metro quadrado
- C SINAPI = Custo do metro quadrado do projeto, estimado com base nos custos do SINAPI
- OFe = Orçamento das Fundações especiais ou profundas
- OFd = Orçamento das Fundações diretas (já consideradas nos projetos de casas)
- OE = Orçamento de Equipamentos
- OC = Orçamento dos Complementos
- S = Área de Construção do Projeto em Estudo

Ao Orçamento Final por metro quadrado, deverão ser acrescidos os custos financeiros, taxa de administração e lucro da empresa.

1 – EVOLUÇÃO DO CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIAÇÃO MENSAL DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Brasil

Período de referência: Janeiro-88/novembro-89

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	CUSTO MÉDIO (Cz\$)	NÚMERO ÍNDICE	VARIAÇÃO MENSAL (%)
1988			
Janeiro	14 194,98	210,63	18,65
Fevereiro	16 418,07	243,62	15,66
Março	19 746,82	293,02	20,27
Abril	22 980,66	341,00	16,37
Maió	27 310,20	405,25	18,84
Junho	33 115,37	491,39	21,25
Julho	39 718,55	589,37	19,93
Agosto	49 324,87	731,91	24,18
Setembro.....	61 785,03	916,61	25,26
Outubro.....	78 477,36	1 164,50	27,01
Novembro.....	102 656,93	1 523,29	30,81
Dezembro	132 634,97	1 968,12	29,20
1989			
Janeiro	187,16	2 777,20	41,10
Fevereiro	194,90	2 892,05	4,13
Março	204,41	3 033,17	4,87
Abril	225,13	3 340,62	10,13
Maió	259,64	3 852,71	15,32
Junho	372,55	5 528,14	43,48
Julho	504,63	7 488,03	35,45
Agosto	782,62	11 613,02	55,08
Setembro.....	1 073,27	15 925,87	37,82
Outubro.....	1 476,32	21 906,59	37,55
Novembro.....	2 088,17	30 985,61	41,44

2 – CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIAÇÕES PERCENTUAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES E AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

Mês de referência: novembro-89

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	CUSTO MÉDIO (NCz\$/m ²)	NÚMERO ÍNDICE (maio 87 = 100)	VARIAÇÕES PERCENTUAIS		
			Mensal	No ano	Em doze meses
NORTE	2 432,09	30 888,66	44,54	1 456,38	1 956,63
Rondônia	2 190,76	26 948,57	38,66	1 352,82	1 896,21
Acre	2 479,93	32 589,41	39,08	1 673,09	2 235,22
Amazonas	2 495,79	31 471,81	44,93	1 471,97	1 963,86
Roraima	2 788,18	26 090,85	40,07	1 426,50	1 881,86
Pará	2 409,77	31 392,50	47,79	1 445,22	1 941,25
Amapá	2 074,87	30 541,31	37,44	1 298,02	1 795,72
NORDESTE	1 847,71	31 332,73	46,70	1 399,36	1 870,88
Maranhão	2 287,94	36 800,76	55,30	1 576,93	2 062,07
Piauí	1 868,96	31 221,40	44,02	1 409,57	1 911,27
Ceará	1 777,34	29 001,37	42,39	1 358,46	1 805,76
Rio Grande do Norte	2 116,61	34 346,39	53,58	1 314,58	1 754,43
Paraíba	2 021,37	32 523,27	48,19	1 423,80	1 817,44
Pernambuco	1 616,07	29 967,35	44,64	1 286,30	1 774,81
Alagoas	1 753,20	32 113,71	36,49	1 339,36	1 787,16
Sergipe	1 887,97	32 403,49	42,59	1 346,35	1 838,14
Bahia	1 877,48	31 712,69	50,42	1 513,71	2 015,78
SUDESTE	2 153,96	30 633,79	39,90	1 492,06	1 943,79
Minas Gerais	1 748,90	31 758,17	42,96	1 533,37	1 984,03
Espírito Santo	1 831,86	33 775,16	48,36	1 521,28	2 119,91
Rio de Janeiro	2 113,20	31 924,30	35,60	1 412,73	1 830,99
São Paulo	2 291,51	29 878,02	40,44	1 511,59	1 969,04
SUL	2 065,57	30 927,45	40,00	1 450,70	1 883,99
Paraná	2 101,70	31 536,03	37,80	1 484,51	1 886,70
Santa Catarina	2 067,97	30 341,14	42,28	1 486,77	1 903,52
Rio Grande do Sul	2 028,84	30 557,30	41,41	1 404,17	1 873,56
CENTRO-OESTE	1 954,61	33 140,95	44,13	1 528,50	2 037,45
Mato Grosso do Sul	2 310,32	31 628,29	61,38	1 748,89	2 234,32
Mato Grosso	1 918,87	27 663,18	42,90	1 454,59	1 968,64
Goiás	1 680,13	31 679,17	41,32	1 487,93	1 957,54
Distrito Federal	2 029,78	35 419,47	42,42	1 520,42	2 047,29

3 – QUADRO DEMONSTRATIVO DAS VARIAÇÕES PERCENTUAIS NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO, COM VARIAÇÕES MÁXIMAS E MÍNIMAS, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES

Mês de referência: novembro-89

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	VARIAÇÕES PERCENTUAIS		
	Mensal	No ano	Em doze meses
NORTE	44,54	1 456,38	1 956,63
Pará – variação máxima	47,79		
Acre – variação máxima		1 673,09	2 235,22
Rondônia – variação mínima	38,66		
Amapá – variação mínima		1 298,02	1 795,72
NORDESTE	46,70	1 399,36	1 870,88
Maranhão – variação máxima	55,30	1 576,93	2 062,07
Alagoas – variação mínima	36,49		
Pernambuco – variação mínima		1 286,30	
Rio Grande do Norte – variação mínima			1 754,43
SUDESTE	39,90	1 492,06	1 943,79
Espírito Santo – variação máxima	48,36		
Minas Gerais – variação máxima		1 533,37	
Rio de Janeiro – variação mínima	35,60	1 412,73	1 830,99
SUL	40,00	1 450,70	1 883,99
Santa Catarina – variação máxima	42,28	1 486,77	1 903,52
Paraná – variação mínima	37,80		
Rio Grande do Sul – variação mínima		1 404,17	1 873,56
CENTRO-OESTE	44,13	1 528,50	2 037,45
Mato Grosso do Sul – variação máxima	61,38	1 748,89	2 234,32
Goiás – variação mínima	41,32		
Mato Grosso – variação mínima		1 454,59	

4 - CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO NORMAL DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1989

Mês de referência: novembro-89

(continua)

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS				
	R1 - 2Q (46)	R1 - 2Q (40)	R1 - 2Q (62)	R1 - 3Q (104)	R1 - 4Q (122)
Rondônia.....	2 698,35	2 972,84	2 469,01	1 920,89	1 795,13
Acre.....	3 057,87	3 359,20	2 851,73	2 217,13	2 085,39
Amazonas.....	3 341,06	3 687,64	3 033,06	2 347,41	2 196,65
Roraima.....	3 272,56	3 597,68	3 067,42	2 383,11	2 234,38
Pará.....	2 971,31	3 262,74	2 759,80	2 140,13	2 012,58
Amapá.....	2 865,57	3 143,43	2 627,97	2 057,92	1 926,15
Maranhão.....	3 055,61	3 359,79	2 800,03	2 189,40	2 060,56
Piauí.....	2 558,45	2 814,68	2 342,35	1 843,36	1 730,34
Ceará.....	2 586,70	2 846,65	2 370,45	1 847,30	1 734,36
Rio Grande do Norte.....	2 752,99	3 019,27	2 583,09	2 010,47	1 902,80
Paraíba.....	2 527,12	2 766,36	2 367,48	1 862,87	1 762,07
Pernambuco.....	2 502,96	2 754,56	2 302,53	1 790,95	1 688,78
Alagoas.....	2 425,08	2 665,75	2 258,87	1 776,89	1 670,97
Sergipe.....	2 567,64	2 810,66	2 421,48	1 886,74	1 792,65
Bahia.....	2 664,83	2 910,17	2 489,24	1 964,06	1 863,19
Minas Gerais.....	2 735,83	3 013,08	2 501,53	1 959,16	1 847,01
Espírito Santo.....	3 088,69	3 409,67	2 795,22	2 169,35	2 041,95
Rio de Janeiro.....	3 040,96	3 340,50	2 832,51	2 227,70	2 115,64
São Paulo.....	3 182,62	3 491,64	2 957,09	2 316,15	2 199,83
Paraná.....	2 891,83	3 172,26	2 708,78	2 121,53	2 015,40
Santa Catarina.....	2 846,83	3 114,82	2 668,91	2 091,96	1 985,96
Rio Grande do Sul.....	2 885,71	3 183,44	2 651,12	2 075,81	1 966,33
Mato Grosso do Sul.....	2 813,72	3 089,51	2 593,81	2 045,65	1 942,89
Mato Grosso.....	2 490,64	2 745,42	2 262,19	1 755,66	1 655,22
Goiás.....	2 376,62	2 618,08	2 141,62	1 657,61	1 562,09
Distrito Federal.....	2 832,76	3 132,79	2 568,53	1 996,60	1 882,08

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS				
	R1 - 1Q (30)	R2 - 3Q (56)	R2 - 2Q (81)	R5 - 2QT (2 125)	R4 - 2QT (1 433)
Rondônia.....	3 457,00	2 136,41	1 885,56	1 655,20	1 857,33
Acre.....	3 895,23	2 409,06	2 096,27	1 751,84	2 082,87
Amazonas.....	4 315,51	2 656,98	2 320,21	2 037,65	2 284,98
Roraima.....	4 174,20	2 666,18	2 378,65	2 085,16	2 451,72
Pará.....	3 781,77	2 407,79	2 130,83	1 977,70	2 254,49
Amapá.....	3 665,76	2 282,24	2 031,31	1 845,51	2 085,16
Maranhão.....	3 854,34	2 420,54	2 142,05	1 886,36	2 148,32
Piauí.....	3 266,28	2 040,82	1 822,01	1 665,10	1 876,27
Ceará.....	3 285,93	2 051,89	1 829,87	1 564,25	1 798,69
Rio Grande do Norte.....	3 445,95	2 239,83	1 966,43	1 794,01	2 079,88
Paraíba.....	3 183,73	2 050,46	1 810,79	1 653,81	1 915,26
Pernambuco.....	3 184,14	1 995,24	1 739,29	1 609,22	1 814,82
Alagoas.....	3 081,18	1 943,23	1 730,32	1 542,29	1 781,20
Sergipe.....	3 220,91	2 141,73	1 858,19	1 706,57	2 004,26
Bahia.....	3 302,33	2 165,08	1 902,76	1 732,72	2 034,01
Minas Gerais.....	3 472,43	2 176,58	1 913,95	1 677,34	1 917,27
Espírito Santo.....	3 927,64	2 435,76	2 150,83	1 885,83	2 112,08
Rio de Janeiro.....	3 808,24	2 443,03	2 153,92	1 874,02	2 188,39
São Paulo.....	3 982,97	2 561,97	2 259,96	1 962,43	2 292,96
Paraná.....	3 614,71	2 375,38	2 084,38	1 943,01	2 265,84
Santa Catarina.....	3 525,55	2 303,47	2 033,99	1 847,13	2 182,97
Rio Grande do Sul.....	3 634,53	2 309,44	2 052,49	1 813,95	2 067,63
Mato Grosso do Sul.....	3 508,79	2 273,24	2 010,86	1 797,02	2 081,94
Mato Grosso.....	3 139,20	1 998,79	1 784,43	1 589,29	1 788,44
Goiás.....	3 031,20	1 896,31	1 672,82	1 459,90	1 640,32
Distrito Federal.....	3 636,40	2 248,59	1 974,58	1 729,89	1 936,00

4 - CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO NORMAL DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1989

Mês de referência: novembro-89

(conclusão)

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS					
	R4 - 3QT (2 264)	R4 - 2QP (1 643)	R4 - 3QP (2 520)	R6 - 3QP (7 181)	R8 - 2QP (2 620)	R8 - 3QP (4 268)
Rondônia	1 600,93	1 628,66	1 442,32	1 272,49	1 756,30	1 489,61
Acre	1 783,24	1 822,41	1 602,16	1 382,76	1 960,17	1 648,16
Amazonas	1 949,26	1 980,92	1 741,76	1 547,28	2 143,00	1 796,22
Roraima	2 104,07	2 158,61	1 896,89	1 647,96	2 326,75	1 961,19
Pará	1 925,80	1 971,72	1 729,69	1 515,27	2 130,98	1 790,12
Amapá	1 801,39	1 820,53	1 620,09	1 434,15	1 968,18	1 673,50
Maranhão	1 869,16	1 878,19	1 684,85	1 488,35	2 020,23	1 734,89
Piauí	1 624,41	1 627,56	1 451,72	1 275,99	1 764,01	1 501,42
Ceará	1 555,85	1 566,76	1 395,60	1 222,13	1 692,62	1 443,25
Rio Grande do Norte	1 769,67	1 804,24	1 578,85	1 373,64	1 957,50	1 638,82
Paraíba	1 655,67	1 671,25	1 484,24	1 317,72	1 805,64	1 534,72
Pernambuco	1 543,78	1 574,53	1 378,83	1 203,25	1 707,02	1 427,60
Alagoas	1 535,63	1 547,61	1 371,16	1 203,38	1 675,20	1 420,04
Sergipe	1 699,36	1 751,97	1 521,83	1 329,61	1 894,91	1 573,37
Bahia	1 759,39	1 770,94	1 577,78	1 382,35	1 911,94	1 628,15
Minas Gerais	1 646,49	1 660,26	1 470,67	1 288,46	1 798,49	1 518,03
Espírito Santo	1 807,75	1 831,39	1 615,11	1 398,81	1 986,06	1 675,27
Rio de Janeiro	1 887,20	1 913,02	1 693,79	1 481,89	2 062,00	1 748,34
São Paulo	1 974,05	2 002,37	1 772,99	1 560,57	2 160,21	1 828,55
Paraná	1 942,55	1 971,41	1 737,58	1 520,92	2 135,81	1 800,17
Santa Catarina	1 882,66	1 901,82	1 688,25	1 469,16	2 054,40	1 744,82
Rio Grande do Sul	1 785,88	1 800,04	1 600,70	1 418,28	1 944,28	1 652,51
Mato Grosso do Sul	1 810,28	1 810,40	1 626,25	1 440,02	1 955,06	1 675,15
Mato Grosso	1 555,95	1 559,03	1 400,45	1 248,55	1 684,27	1 447,99
Goiás	1 408,09	1 419,78	1 261,17	1 107,90	1 540,42	1 305,19
Distrito Federal	1 667,00	1 678,20	1 492,42	1 315,85	1 821,26	1 544,97

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS				
	R8 - 3QP (3 176)	R12 - 2QP (3 597)	R12 - 3QP (6 013)	R12 - 4QP (4 050)	R18 - 4QP (5 870)
Rondônia	1 429,20	1 840,12	1 520,65	1 392,26	1 389,87
Acre	1 571,03	2 044,52	1 676,88	1 539,14	1 536,62
Amazonas	1 714,63	2 241,11	1 829,65	1 681,60	1 681,54
Roraima	1 865,93	2 432,79	2 000,67	1 820,03	1 818,08
Pará	1 707,67	2 230,86	1 827,23	1 667,66	1 666,56
Amapá	1 617,31	2 060,67	1 706,92	1 578,02	1 575,31
Maranhão	1 684,68	2 112,25	1 767,58	1 632,73	1 626,29
Piauí	1 440,89	1 847,61	1 531,82	1 393,86	1 394,53
Ceará	1 398,23	1 771,20	1 472,51	1 357,84	1 355,30
Rio Grande do Norte	1 573,84	2 049,28	1 673,66	1 542,45	1 544,84
Paraíba	1 489,36	1 889,41	1 565,76	1 449,91	1 448,70
Pernambuco	1 370,94	1 787,48	1 457,10	1 346,09	1 347,49
Alagoas	1 375,33	1 753,11	1 449,31	1 342,41	1 342,28
Sergipe	1 494,82	1 979,69	1 603,70	1 459,37	1 463,03
Bahia	1 581,64	1 998,24	1 659,13	1 535,39	1 533,51
Minas Gerais	1 459,51	1 881,24	1 546,85	1 420,84	1 421,08
Espírito Santo	1 603,12	2 081,57	1 711,65	1 561,41	1 560,26
Rio de Janeiro	1 686,87	2 154,47	1 782,02	1 642,94	1 640,53
São Paulo	1 763,21	2 257,52	1 863,02	1 723,49	1 721,87
Paraná	1 729,78	2 235,15	1 837,16	1 692,90	1 693,82
Santa Catarina	1 686,87	2 147,76	1 779,12	1 643,32	1 641,88
Rio Grande do Sul	1 587,35	2 033,11	1 684,30	1 553,03	1 551,46
Mato Grosso do Sul	1 627,38	2 044,28	1 706,13	1 591,08	1 587,78
Mato Grosso	1 409,54	1 763,67	1 477,49	1 367,45	1 365,74
Goiás	1 269,35	1 613,78	1 331,93	1 238,56	1 237,04
Distrito Federal	1 491,11	1 909,30	1 577,27	1 465,00	1 464,17

5 - CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO MÍNIMO DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1989

Mês de referência: novembro-89

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS						
	R1 - 2Q (46)	R1 - 2Q (40)	R1 - 2Q (62)	R1 - 1Q (30)	R2 - 3Q (56)	R2 - 2Q (81)	R5 - 2QT (2 125)
Rondônia	1 559,84	1 644,73	1 488,49	1 929,37	1 233,11	1 151,06	1 170,42
Acre	1 682,15	1 742,98	1 634,77	2 086,18	1 308,10	1 225,54	1 181,30
Amazonas	1 823,97	1 921,42	1 714,06	2 290,53	1 457,42	1 315,35	1 360,44
Roraima.....	1 747,06	1 813,87	1 698,98	2 192,75	1 418,88	1 345,99	1 405,61
Pará.....	1 755,83	1 840,19	1 677,01	2 196,55	1 399,94	1 297,86	1 371,25
Amapá	1 738,70	1 844,37	1 641,02	2 164,60	1 376,78	1 261,78	1 281,44
Maranhão	1 706,94	1 787,03	1 624,03	2 085,57	1 355,46	1 259,60	1 313,31
Piauí	1 388,73	1 464,64	1 318,41	1 706,77	1 080,74	1 004,60	1 015,06
Ceará.....	1 337,74	1 395,03	1 283,97	1 626,09	1 057,27	987,53	1 019,44
Rio Grande do Norte	1 536,71	1 595,16	1 486,31	1 879,36	1 218,33	1 122,29	1 146,15
Paraíba.....	1 410,84	1 472,54	1 366,94	1 730,90	1 131,84	1 051,32	1 080,25
Pernambuco.....	1 412,66	1 483,07	1 348,57	1 739,90	1 106,29	1 017,13	1 035,32
Alagoas.....	1 304,66	1 362,20	1 268,52	1 586,67	1 026,95	965,77	955,04
Sergipe.....	1 412,37	1 452,61	1 370,53	1 778,43	1 132,57	1 050,54	1 071,64
Bahia	1 529,36	1 583,43	1 478,04	1 847,62	1 207,39	1 122,58	1 119,26
Minas Gerais	1 531,18	1 612,29	1 449,93	1 895,36	1 194,00	1 095,67	1 072,25
Espírito Santo.....	1 706,67	1 802,96	1 606,51	2 111,91	1 333,14	1 229,49	1 251,78
Rio de Janeiro.....	1 700,42	1 788,06	1 646,05	2 087,64	1 328,40	1 247,97	1 226,83
São Paulo	1 817,31	1 893,37	1 755,77	2 232,42	1 428,56	1 334,71	1 305,36
Paraná.....	1 692,18	1 762,74	1 633,70	2 085,50	1 351,66	1 248,17	1 285,64
Santa Catarina.....	1 629,23	1 683,88	1 584,20	1 968,64	1 277,31	1 202,04	1 201,39
Rio Grande do Sul.....	1 640,29	1 729,44	1 565,42	2 017,33	1 292,72	1 194,08	1 186,69
Mato Grosso do Sul.....	1 612,62	1 692,24	1 548,59	1 946,86	1 273,11	1 183,94	1 158,52
Mato Grosso	1 312,12	1 374,54	1 258,93	1 574,95	1 057,93	982,13	1 057,38
Goiás	1 258,17	1 320,81	1 194,93	1 531,76	1 006,98	919,72	958,50
Distrito Federal.....	1 504,84	1 589,52	1 437,70	1 843,99	1 194,96	1 098,48	1 129,95

6 – VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS,
SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

Mês de referência: novembro-89

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS (%)				
	Armador	Bombeiro hidráulico	Carpinteiro de esquadrias	Carpinteiro de formas	Eletricista
BRASIL	46,48	41,05	44,65	46,63	45,70
Porto Velho	41,74	37,73	41,74	67,39	75,00
Rio Branco	45,64	45,64	46,15	35,66	35,66
Manaus	36,68	37,86	36,68	37,18	50,00
Boa Vista	38,99	29,41	28,53	28,53	28,53
Belém	75,93	75,93	74,63	75,93	74,63
Macapá	42,43	43,92	37,78	37,78	43,92
São Luís	131,12	122,80	127,35	122,80	116,28
Teresina	54,81	41,95	54,66	54,66	41,95
Fortaleza	46,49	46,49	46,49	46,49	46,49
Natal	41,96	41,96	41,96	41,96	41,96
João Pessoa	69,73	69,73	72,52	69,73	88,15
Recife	37,82	42,86	37,82	37,82	37,74
Maceió	55,45	53,25	57,58	54,11	55,45
Aracaju	46,21	46,21	46,21	46,21	46,21
Salvador	88,55	88,89	88,89	88,55	88,26
Belo Horizonte	48,48	50,00	36,36	45,95	50,00
Vitória	88,10	83,22	76,87	88,10	83,72
Rio de Janeiro	37,53	38,08	37,87	37,53	38,08
São Paulo	42,44	33,45	39,01	41,95	42,28
Curitiba	43,26	41,63	40,27	41,40	39,43
Florianópolis	45,24	36,95	68,47	68,80	40,52
Porto Alegre	37,50	37,63	51,43	37,50	32,47
Campo Grande	143,06	134,11	164,15	150,90	127,27
Cuiabá	49,80	38,41	47,98	58,43	42,39
Goiânia	37,79	37,79	37,79	37,79	37,79
Brasília	50,00	50,00	50,61	50,00	60,06

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS (%)				
	Ledrilheiro	Mestre-do- obras	Pedralro	Pintor	Servente
BRASIL	46,56	52,56	48,73	49,87	42,74
Porto Velho	37,73	78,79	45,83	85,91	38,30
Rio Branco	46,40	44,51	40,91	46,15	40,80
Manaus	34,18	44,91	37,86	37,46	37,65
Boa Vista	28,53	74,09	28,82	30,29	48,52
Belém	74,63	62,57	75,93	75,93	64,37
Macapá	42,43	54,43	37,78	37,78	37,50
São Luís	131,82	74,10	122,80	122,80	69,54
Teresina	54,66	45,78	54,66	44,78	49,71
Fortaleza	46,93	44,55	46,49	46,49	46,24
Natal	41,96	38,93	41,96	41,96	42,11
João Pessoa	72,52	71,26	69,73	69,73	69,49
Recife	38,06	87,32	37,82	37,82	38,04
Maceió	37,66	64,82	37,73	52,27	46,15
Aracaju	46,21	44,33	46,21	46,21	46,07
Salvador	88,89	95,31	88,55	88,55	68,97
Belo Horizonte	62,94	63,15	47,65	45,09	42,20
Vitória	85,23	79,45	80,92	88,10	74,86
Rio de Janeiro	38,08	40,70	37,53	37,53	37,83
São Paulo	40,76	50,78	46,34	50,00	37,88
Curitiba	43,26	44,60	39,77	42,59	39,67
Florianópolis	40,30	41,55	60,10	87,50	45,78
Porto Alegre	42,47	45,35	57,36	37,50	36,99
Campo Grande	120,82	120,29	143,06	146,48	143,90
Cuiabá	57,09	40,29	46,25	40,49	45,98
Goiânia	37,79	55,96	37,79	37,79	46,15
Brasília	50,00	62,62	50,00	50,00	50,00

7 - SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

Mês de referência: novembro-89

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS (%)				
	Armador	Bombeiro hidráulico	Carpinteiro de esquadrias	Carpinteiro de formas	Eletricista
BRASIL	5,20	5,91	5,41	5,22	5,93
Porto Velho	3,26	3,03	3,26	3,85	3,85
Rio Branco	4,18	4,18	4,18	3,88	3,88
Manaus	4,77	4,77	4,77	4,76	5,79
Boa Vista	4,67	4,40	4,37	4,37	4,37
Belém	4,75	4,75	4,75	4,75	4,75
Macapá	4,80	4,85	4,85	4,85	4,85
São Luís	5,57	5,57	5,57	5,57	5,58
Teresina	3,70	3,35	3,65	3,65	3,35
Fortaleza	3,34	3,34	3,34	3,34	3,34
Natal	4,06	4,06	4,06	4,06	4,06
João Pessoa	4,43	4,43	5,40	4,43	5,40
Recife	3,28	3,40	3,28	3,28	3,54
Maceió	3,42	4,95	3,64	3,56	4,85
Aracaju	4,05	4,05	4,05	4,05	4,05
Salvador	5,60	5,61	5,61	5,60	5,61
Belo Horizonte	4,90	5,10	5,10	5,05	5,10
Vitória	4,74	5,37	4,74	4,74	4,74
Rio de Janeiro	5,02	5,04	5,17	5,02	5,04
São Paulo	5,84	7,74	6,45	5,82	7,74
Curitiba	6,16	6,26	6,20	6,08	6,33
Florianópolis	6,26	5,93	5,93	6,60	5,93
Porto Alegre	6,16	6,40	5,30	6,16	6,16
Campo Grande	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00
Cuiabá	3,70	3,82	3,67	4,04	3,93
Goiânia	3,61	3,61	3,61	3,61	3,61
Brasília	4,80	4,80	4,94	4,80	5,25

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS (%)				
	Ladrilheiro	Mestre-de- obras	Pedreiro	Plintor	Servente
BRASIL	5,54	17,85	5,25	5,71	3,44
Porto Velho	3,03	9,19	3,50	4,09	2,60
Rio Branco	3,25	7,89	4,03	4,18	2,45
Manaus	4,75	10,39	4,77	4,77	3,51
Boa Vista	4,37	16,80	4,38	4,43	3,52
Belém	4,75	8,99	4,75	4,75	2,86
Macapá	4,80	8,37	4,85	4,85	3,41
São Luís	6,12	10,62	5,57	5,57	2,95
Teresina	3,65	7,26	3,65	3,33	2,59
Fortaleza	3,35	6,36	3,34	3,34	2,53
Natal	4,06	8,53	4,06	4,06	2,70
João Pessoa	5,40	10,43	4,43	4,43	3,00
Recife	3,41	14,33	3,28	3,28	2,54
Maceió	3,18	7,73	3,03	3,35	2,66
Aracaju	4,05	8,40	4,05	4,05	2,60
Salvador	5,61	15,82	5,60	5,60	2,94
Belo Horizonte	5,10	13,90	5,02	5,02	3,10
Vitória	4,89	11,70	4,74	4,74	3,06
Rio de Janeiro	5,04	18,46	5,02	5,02	3,17
São Paulo	7,08	27,20	6,00	7,29	3,96
Curitiba	6,16	10,05	6,01	6,16	4,19
Florianópolis	4,70	14,41	6,26	6,60	3,63
Porto Alegre	4,26	10,00	6,09	6,16	4,00
Campo Grande	7,00	14,98	7,00	7,00	5,00
Cuiabá	4,10	9,82	3,82	3,47	2,54
Goiânia	3,61	12,29	3,61	3,61	2,66
Brasília	4,80	18,10	4,80	4,80	3,15

ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

PRODUÇÃO DAS LAVOURAS EM DEZEMBRO, PRODUÇÃO ANIMAL EM NOVEMBRO DE 1989 E TERCEIRO PROGNÓSTICO PARA 1990

Situação da produção das lavouras em dezembro em relação a novembro

O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola — LSPA — do mês de dezembro apresenta algumas modificações significativas nas estimativas de produção, em relação às do mês anterior, para quatro produtos: tomate (-6,36%), cebola (2,52%), mamona (3,69%) e trigo (3,02%).

As chuvas que castigaram a região nordestina e as cabeceiras do rio São Francisco e a incidência de pragas explicam a forte queda na produção do tomate nas regiões produtoras da Bahia e de Pernambuco, especialmente nas microrregiões de Cordeiras de São Francisco e Sertão Pernambucano do São Francisco onde o excesso de umidade e o surgimento de pragas causou perdas acentuadas na lavoura.

Por outro lado, os acréscimos na produção estimada de cebola e de mamona

deveram-se a ajustes derivados de recentes verificações de campo no Estado da Bahia.

O crescimento na produção estimada de trigo, surpreendente, à primeira vista, face às informações de ocorrência de fortes chuvas na Região Sul do país, é devido quase totalmente ao acréscimo no rendimento médio do cultivo, constatado nas regiões produtoras do Rio Grande do Sul, já ao final da colheita.

Situação das lavouras em relação à produção obtida em 1988

Em relação ao ano de 1988, a produção das lavouras em 1989 apresenta um quadro praticamente definitivo, sujeito apenas a alterações de verificação ou confirmação de produção para alguns produtos, com colheitas mais "tardias" no ano ou com maiores graus de dificuldade na coleta de dados.

Assim, seis produtos apresentaram crescimento na produção: cana-de-açúcar (0,85%), cebola (5,13%), fumo (4,24%), mandioca (9,67%), milho (7,35%) e soja (33,65%).

Os três últimos foram, na verdade, as grandes surpresas do ano — a mandioca, pela inesperada resposta dos produtores aos aumentos reais nos preços da raiz; o milho, pelo crescimento acentuado no rendi-

mento médio obtido (cerca de 10%) e a soja, certamente um dos maiores "fenômenos" da agricultura brasileira nas duas últimas décadas que, no ano, apresentou um acréscimo na área plantada ao redor de 1,7 milhão de hectares ou, para melhor comparação, uma área equivalente a três vezes a do Distrito Federal. Em termos totais, a área colhida com soja, no Brasil, corresponde à metade da superfície do Estado de Rondônia.

Dos oito produtos com redução nas estimativas de produção: algodão herbáceo (-26,21%), amendoim - 1ª safra (-8,58%), arroz (-6,46%), batata-inglesa - 1ª safra (-21,74%), feijão - 1ª safra (-35,77%), mamona (-11,64%), tomate (-9,60%) e trigo (-7,93%), os destaques vão para o algodão herbáceo, o feijão - 1ª safra e o trigo. O Centro-sul e o Nordeste foram responsáveis, de maneira bem equitativa pela redução da área plantada de algodão. O feijão - 1ª safra, enfrentou problemas climáticos na fase de plantio (seca) enquanto o trigo teve dificuldades na fase de comercialização da safra de 1988. Os fenômenos climáticos são claramente acidentais e inevitáveis, diante dos conhecimentos atuais, mas no caso do trigo há necessidade de melhores análises e estudos de custos e benefícios sobre a conveniência, ou não, da auto-suficiência do país na produção deste cereal.

Produção de oleaginosas, cereais e leguminosas

Com relação à produção de oleaginosas, cereais e leguminosas, o fato marcante, além do excepcional crescimento da soja, foi a interrupção do crescimento da produção do Norte e Nordeste, Regiões que vinham de uma excelente performance em 1988 e que se viram diante de pesadas perdas relativas, em 1989. A Tabela 3 mostra claramente as diferenças entre as duas regiões e o Centro-sul brasileiro. Nesta última região, cinco produtos, apresentaram crescimento contra apenas um no Norte e Nordeste. Além disso são preocupantes as amplitudes de variações na produção dessas duas últimas regiões, que mostram a necessidade de urgentes estudos sobre a distribuição dos recursos produtivos e de incentivos nas áreas de produção.

Num cômputo geral, a produção de oleaginosas, cereais e leguminosas atingiu o recorde de 71,6 milhões de toneladas que dificilmente será superado nos próximos

anos, salvo modificações significativas na política agrícola interna ou no panorama do comércio internacional. Aliás, a recente transformação ocorrida no "Leste Europeu" deve ser uma constante preocupação dos formuladores de nossa política econômico-social, e em especial a relativa ao setor agrícola.

Produção animal

Um panorama bem diferenciado do sub-setor pecuário é o que revelam os resultados relativos a novembro. De modo geral, todos os dados de abate de animais e de produção de leite apresentam acréscimos em relação ao mesmo mês de 1988, confirmando as tendências já prenunciadas, a partir de setembro. Esta ratificação de reversão da tendência até então amplamente negativa, traz perspectivas de que o sub-setor registre crescimento, da ordem de 1,0% em 1989.

O movimento de preços recebidos pelos criadores em novembro manteve o sentido de queda iniciado no mês de julho. De fato os preços corrigidos dos animais de substituição (bezerro e boi magro), boi gordo, frango, suíno e ovos persistiram em declínio no período julho/novembro, atingindo uma faixa de -50% a -70%. A única exceção neste processo de redução abrupta no preço foi o leite, (único produto de preço tabelado pelo governo), que decresceu apenas 11,5%, no período (Tabela A).

Na instância do varejo, constatou-se, de um modo geral, alta de preços das carnes bovina, suína, de frango e de ovos contrastando com os dados levantados em nível do criador. Com efeito, segundo o Instituto de Economia Agrícola - IEA - SP -, os preços médios desses produtos no varejo da cidade de São Paulo, que vinham declinando coerentemente com o setor produtivo apresentaram expressiva majoração (média de 10,4%) no mês de novembro em relação ao mês de outubro (Tabela B).

Particularmente, a matança de bovinos alcançou 1,07 milhão de cabeças, representando um acréscimo de 20,3% em relação a novembro de 1988. Contribuíram para esse resultado tanto o abate de bois (18,6%) como o de vacas (24,4%), conforme pode ser observado na Tabela C. Muito embora o fluxo de bois erados em confinamento ainda tenha uma certa importância em novembro, os resultados alcançados na matança podem ser considerados expressivos apesar dos meses seguidos de queda de preços

**A – PREÇOS REAIS⁽¹⁾ RECEBIDOS PELOS PRODUTORES
BRASIL**

ITENS	PREÇOS REAIS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES						
	1988		1989			Variação (%)	
	Dezembro (1)	Janeiro (2)	Junho (3)	Novembro (4)	(4)/(1)	(4)/(2)	(4)/(3)
Bezerro (NCz\$/cab.)	540,18	522,35	1 114,54	532,87	- 1,4	2,0	- 52,2
Boi magro (NCz\$/cab.)	1 031,18	1 105,35	2 079,49	980,16	- 4,9	- 11,3	- 52,9
Boi gordo (NCz\$/arroba)	137,83	146,30	235,27	116,10	- 15,8	- 20,6	- 50,7
Suíno (NCz\$/arroba)	84,15	106,43	207,66	63,74	- 24,3	- 40,1	- 69,3
Frango (NCz\$/kg)	5,94	6,46	10,85	5,08	- 14,5	- 21,4	- 53,2
Leite (NCz\$/litro)	1,54	1,48	1,48	1,31	- 14,9	- 11,5	- 11,5
Ovos (NCz\$/dúzia)	3,75	3,69	8,11	2,49	- 33,6	- 32,5	- 69,3

FONTES – Fundação Getúlio Vargas, Instituto Brasileiro de Economia, Centro de Estudos Agrícolas.
(1) Corrigidos pelo Índice Geral de Preços – IGP – DI da Fundação Getúlio Vargas, para outubro de 1989.

**B – PREÇOS REAIS, MÉDIOS MENSIS DA CARNE BOVINA, CARNE SUÍNA, FRANGO LIMPO E OVOS NO VAREJO DA CIDADE DE SÃO PAULO – 1988-89
(Corrigidos para novembro/89)**

MESES	PREÇOS REAIS MÉDIOS MENSIS (NCz\$)							
	Carne Bovina		Carne Suína		Frango Limpo		Ovos	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	17,58	16,65	19,52	24,92	9,17	11,26	4,63	6,18
Fevereiro	15,03	16,59	16,50	23,28	9,40	10,32	4,92	5,86
Março	14,71	16,08	17,82	24,95	10,60	10,06	6,89	5,94
Abril	16,13	18,38	17,59	28,09	10,21	14,01	5,69	7,53
Mai	14,14	24,65	16,49	36,27	9,84	18,77	5,60	13,29
Junho	15,01	28,88	17,65	41,21	9,11	19,50	5,51	13,65
Julho	16,90	21,86	17,93	32,10	9,97	13,30	6,24	9,78
Agosto	18,42	25,12	19,18	25,73	10,68	12,60	7,50	9,30
Setembro	21,01	20,02	19,42	20,99	12,32	11,63	6,19	6,39
Outubro	20,80	16,41	19,78	16,59	11,76	8,90	5,95	5,05
Novembro	22,31	18,88	25,84	19,29	13,40	9,86	6,89	5,09
Dezembro	23,58		25,88		13,32		6,67	

**C – ABATE DE BOVINOS, SEGUNDO OS PERÍODOS – 1988-89
(Janeiro a novembro e novembro)**

PERÍODOS	TOTAL			BOIS			VACAS			VITELOS		
	1988	1989	Variação (%)	1988	1989	Variação (%)	1988	1989	Variação (%)	1988	1989	Variação (%)
Animais abatidos (1 000 cabeças)												
Janeiro/novembro	11 486	11 860	3,3	7 210	7 405	2,7	4 242	4 423	4,3	34	32	- 5,9
Novembro	886	1 066	20,3	570	676	18,6	312	388	24,4	4	2	- 50,0
Peso das carcaças (1 000 t)												
Janeiro/novembro	2 370,5	2 430,1	2,5	1 645,2	1 674,3	1,8	722,7	753,3	4,2	2,57	2,54	- 1,2
Novembro	176,4	216,2	22,6	124,5	150	20,5	51,6	66	27,9	0,31	0,16	- 48,4

reais. Este fato, em contraste visível com a valorização dos ativos financeiros, pode ter induzido os pecuaristas a intensificar o envio de animais para matança, a fim de aplicar o resultado da venda, como forma de diminuir os prejuízos da atividade. O recrudescimento do abate de vacas (24,4% no mês) constitui indício de que este fenômeno, meramente especulativo, esteja novamente voltando a ocorrer na pecuária de corte.

O resultado da Pesquisa Mensal de Leite, embora em cifras menores do que nos dois meses anteriores, mostrou-se crescente em 2,1% em novembro (Tabela D), mantendo a perspectiva de que a produção total do ano seja idêntica a de 1988, da ordem de 8,9 bilhões de litros. A importação de grande quantidade de leite em pó em 1989 (até setembro, 946% a mais do que no mesmo período de 1988), deve ter, pelo menos, mantido o nível do consumo de leite industrializado, da ordem de 63 litros/habitante.

**D – PRODUÇÃO DE LEITE DESTINADO ÀS
INDÚSTRIAS,
SEGUNDO OS PERÍODOS – 1988-89
(Janeiro a novembro e novembro)**

PERÍODOS	PRODUÇÃO DE LEITE (1 000 l)		
	Total		Variação (%)
	1988	1989	
Janeiro/novembro	8 156 346	7 999 164	-1,9
Novembro	813 597	830 825	2,1

Depois de 18 meses consecutivos apresentando decréscimos no número de animais abatidos, a matança de suínos alcançou um total de 845 mil cabeças, correspondendo a um aumento de 4,5% em relação ao mesmo mês de 1988 (Tabela E). Este resultado, embora em nível bem menor do que o de novembro de 1987 (986 mil cabeças), configura provavelmente uma retomada da produção, cujas bases podem estar na melhora de preços verificada no primeiro semestre de 1989. Três menções devem ser feitas sobre esses números. Em primeiro lugar o fato de que em novembro de 1987, estava em franco processo a redução intencional do rebanho, levada a efeito pelos pecuaristas, em face da queda de preços dos produtos suínos no segundo semestre daquele ano. Em segundo, o aumento da demanda sazonal da carne suína, matéria-prima para embutidos cujas vendas aumentaram no fim de ano. Em terceiro, o fato de

**E – ABATE DE SUÍNOS, SEGUNDO OS
PERÍODOS – 1988-89
(Janeiro a novembro e novembro)
Brasil**

PERÍODOS	ABATE DE SUÍNOS		
	1988	1989	Variação (%)
Animais abatidos (1 000 cabeças)			
Janeiro/novembro	9 772	8 478	-13,2
Novembro	805	841	4,5
Peso das carcaças (t)			
Janeiro/novembro	646 408	566 421	-12,4
Novembro	52 124	56 375	8,2

que o crescimento do abate de suínos coincide com a queda de preços em nível do criador, que, à semelhança dos ovos, caiu 69,3% em relação à média alcançada em junho de 1989 (Tabela A). Neste sentido, o comentário relativo à influência do mercado financeiro na pecuária bovina, pode ser válido também para o caso da suinocultura.

O resultado de abate de aves, da ordem de 74,8 milhões de cabeças (Tabela F), revela-se também expressivo, tudo indicando que será a atividade que fechará o ano com o melhor desempenho. Isto apesar do forte declínio verificado nos preços (-53,2%) do seu principal produto – o frango – que representa 97,9% dos animais abatidos pelos avicultores. Neste contexto, a Associação Brasileira de Pintos de Corte (APINCO), informa que, em função da queda nos preços de mercado do frango, houve uma redução de 3,6% na produção de pintos de um dia no último bimestre em relação ao desempenho de outubro. Este fato significa uma menor produção de carne

**F – ABATE DE AVES, SEGUNDO OS
PERÍODOS – 1988-89
(Janeiro a novembro e novembro)
Brasil**

PERÍODOS	ABATE DE AVES		
	1988	1989	Variação (%)
Animais abatidos (1 000 cabeças)			
Janeiro/novembro	749 689	770 891	2,8
Novembro	67 703	74 780	10,5
Peso das carcaças (t)			
Janeiro/novembro	1 206 014	1 280 301	6,2
Novembro	110 054	125 250	13,8

de frango no início de 1990, de modo a reajustar a atividade à realidade do mercado.

Produto real do setor agropecuário

Com os resultados disponíveis em dezembro de 1989, o produto real do setor Agropecuário no ano deve apresentar um crescimento de 2,24%, com 3,45% de aumento na produção das lavouras e um acréscimo de 0,36% na produção animal. Note-se que os resultados para a pecuária são defasados em relação aos das lavouras, sendo relativos ao acumulado, no ano, até o mês de novembro. A tendência é, portanto, de melhoria na taxa de crescimento da produção animal o que deve elevar ainda as estimativas de crescimento para o setor Agropecuário como um todo.

Terceiro prognóstico da produção das lavouras para 1990

O terceiro prognóstico da produção agrícola nacional para 1990 mantém, com poucas variações, as estimativas do prognóstico anterior (de novembro). A área total plantada ou a plantar, para os treze produtos considerados, teve uma redução superior aos 4,2% (cerca de 1,29 milhão de hectares) em relação ao ano civil de 1989. Sete produtos apresentam estimativas de queda na área: arroz (-16,16%), cana-de-açúcar (-0,25%), fumo (-4,15%), mamona (-5,86%), milho (-1,49%), soja (-7,61%) e tomate (-0,23%). Desses produtos, alguns possuem especificidades (várias safras, diferentes calendários agrícolas etc), que tornam prematuras análises mais consistentes, mas quanto ao arroz, ao

milho e a soja, não há muitas dúvidas de que suas produções devem ser inferiores às do ano passado a menos que ocorram benéficos e surpreendentes aumentos nos seus rendimentos médio.

Dos seis produtos com estimativas de acréscimo de produção: algodão herbáceo (4,34%), amendoim — 1ª safra (7,86%), batata-inglesa — 1ª safra (2,73%), cebola (7,44%), feijão — 1ª safra (16,58%) e mandioca (6,94%), apenas três se destacam: o algodão herbáceo, o feijão — 1ª safra e a mandioca.

O algodão herbáceo pode ser uma grata surpresa para o país, no ano, face aos favoráveis níveis de preços internacionais e ao contínuo melhoramento no controle da praga do bicudo no país. O mercado do produto, no entanto, é intensamente disputado e de difícil acesso.

O feijão — 1ª safra e a mandioca, de alta demanda no país, são produtos para os quais se prevê um bom crescimento.

Como todos os produtos voltados exclusivamente para o mercado interno, têm a oferta estritamente dependente do poder aquisitivo da população, dos usos e costumes alimentares e das políticas de abastecimento interno encetadas ou encenadas pelo governo.

No geral e em termos de satisfação das necessidades de consumo interno, o prognóstico da produção agrícola é otimista, prevendo-se poucos problemas, na oferta de alimentos básicos da população. Por outro lado, está claro o problema da produção de cana-de-açúcar e seus subprodutos, assim como está claro que os produtos de exportação considerados "modernos" (como soja e laranja), poderão, mais uma vez, propiciar ganhos, aos produtores rurais no corrente ano.

1 — ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO — CONFRONTO
DAS ESTIMATIVAS NOVEMBRO/DEZEMBRO
Brasil

Dezembro

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		
	Novembro	Dezembro	Varição (%)
Total	44 708 814	44 614 522	-0,21
Algodão herbáceo (em caroço).....	1 495 996	1 493 882	-0,14
Amendoim (em casca) 1ª safra	61 882	61 877	-0,01
Arroz (em casca)	5 269 317	5 252 070	-0,33
Batata-inglesa — 1ª safra.....	88 013	88 030	0,02
Cana-de-açúcar	(1) 4 104 932	4 093 231	-0,29
Cebola	73 632	74 204	0,78
Feijão (em grão) 1ª safra	2 671 491	2 671 032	-0,02
Fumo (em folha)	292 935	293 039	0,04
Mamona	265 809	269 467	1,38
Mandioca	(1) 1 874 751	1 896 252	1,15
Milho (em grão)	12 935 960	12 890 453	-0,35
Soja (em grão).....	12 210 326	12 206 225	-0,03
Tomate.....	65 503	64 426	-1,64
Trigo (em grão).....	3 298 267	3 260 334	-1,15

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Novembro	Dezembro	Varição (%)	Novembro	Dezembro	Varição (%)
Total	-	-	-	-	-	-
Algodão herbáceo (em caroço).....	1 800 815	1 797 446	-0,19	1 204	1 203	-0,08
Amendoim (em casca) 1ª safra	118 128	118 128	-	1 909	1 909	-
Arroz (em casca)	11 088 289	11 043 228	-0,44	2 104	2 103	-0,05
Batata-inglesa — 1ª safra.....	1 096 252	1 097 848	0,15	12 456	12 471	0,12
Cana-de-açúcar	261 875 683	260 643 347	-0,47	63 795	63 677	-0,19
Cebola	774 821	794 359	2,52	10 523	10 705	1,73
Feijão (em grão) 1ª safra	1 102 330	1 099 387	-0,27	413	412	-0,24
Fumo (em folha)	448 677	448 689	0,00	1 532	1 531	-0,07
Mamona	123 963	128 542	3,69	466	477	2,36
Mandioca	23 442 328	23 701 158	1,10	12 504	12 499	-0,04
Milho (em grão).....	26 631 836	26 568 776	-0,24	2 059	2 061	0,10
Soja (em grão).....	24 096 810	24 085 193	-0,05	1 973	1 973	-
Tomate.....	2 323 345	2 175 604	-6,36	35 469	33 769	-4,79
Trigo (em grão).....	5 140 289	5 295 335	3,02	1 558	1 624	4,24

FONTES — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária, Levantamento Sistemático da Produção Agrícola.
(1) Área destinada à colheita.

2 – ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO – CONFRONTO
DAS SAFRAS DE 1988 E DAS SAFRAS DE 1989
Brasil

Dezembro

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra/88)	Colhida (safra/89)	Variação (%)
Total	45 133 208	44 614 522	- 1,15
Algodão herbáceo (em caroço).....	1 823 208	1 493 882	- 18,06
Amendoim (em casca) 1.ª safra	71 672	61 877	- 13,67
Arroz (em casca)	5 960 984	5 252 070	- 11,89
Batata-inglesa – 1.ª safra	106 017	88 030	- 16,97
Cana-de-açúcar	4 116 529	4 093 231	- 0,57
Cebola	69 560	74 204	6,68
Feijão (em grão) 1.ª safra	3 422 484	2 671 032	- 21,96
Fumo (em folha)	282 739	293 039	3,63
Mamona	274 030	269 467	- 1,67
Mandioca	1 757 076	1 896 252	7,92
Milho (em grão)	13 181 987	12 890 453	- 2,21
Soja (em grão).....	10 523 629	12 206 225	15,99
Tomate.....	62 875	64 426	2,47
Trigo (em grão).....	3 480 418	3 260 334	- 6,32

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Obtida (safra/88)	Obtida (safra/89)	Variação (%)	Obtido (safra/88)	Obtido (safra/89)	Variação (%)
Total	-	-	-	-	-	-
Algodão herbáceo (em caroço).....	2 435 774	1 797 446	- 26,21	1 336	1 203	- 9,96
Amendoim (em casca) 1.ª safra	129 211	118 128	- 8,58	1 803	1 909	5,88
Arroz (em casca)	11 806 451	11 043 228	- 6,46	1 981	2 103	6,16
Batata-inglesa – 1.ª safra	1 402 832	1 097 848	- 21,74	13 232	12 471	- 5,75
Cana-de-açúcar	258 448 735	260 643 347	0,85	62 783	63 677	1,42
Cebola	755 574	794 359	5,13	10 862	10 705	- 1,45
Feijão (em grão) 1.ª safra.....	1 711 662	1 099 387	- 35,77	500	412	- 17,60
Fumo (em folha)	430 437	448 689	4,24	1 522	1 531	0,59
Mamona	145 478	128 542	- 11,64	531	477	- 10,17
Mandioca	21 611 540	23 701 158	9,67	12 300	12 499	1,62
Milho (em grão)	24 749 550	26 568 776	7,35	1 878	2 061	9,74
Soja (em grão).....	18 020 677	24 085 193	33,65	1 712	1 973	15,25
Tomate.....	2 406 752	2 175 604	- 9,60	38 278	33 769	- 11,78
Trigo (em grão).....	5 751 219	5 295 335	- 7,93	1 652	1 624	- 1,70

3 – COMPARAÇÃO ENTRE A SAFRA/88 E AS ESTIMATIVAS PARA 1989
Brasil, Centro-sul e Norte-Nordeste

Dezembro

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (1 000 t)		
	Centro-sul e Rondônia		
	Safra/88	Safra/89	Variação (%)
Arroz.....	9 471	8 987	- 5,11
Feijão – 1ª safra.....	1 077	739	- 31,38
Milho – 1ª e 2ª safra.....	22 346	24 466	9,49
Algodão herbáceo.....	1 363	1 114	- 18,27
Amendoim – 1ª safra.....	125	113	- 9,60
Mamona.....	34	27	- 20,59
Soja.....	17 610	23 461	33,23
Total.....	52 026	58 907	13,23
Feijão – 2ª safra.....	586	604	3,07
Feijão – 3ª safra.....	147	171	16,33
Trigo.....	5 751	5 296	- 7,93
Avela, centeio e cevada.....	264	490	85,61
Sorgo.....	253	212	- 16,21
Algodão arbóreo.....	-	-	-
Amendoim – 2ª safra.....	34	30	- 11,76
Total.....	7 035	6 802	- 3,31
Total.....	59 061	65 709	11,26

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (1 000 t)					
	Norte-Nordeste			Total		
	Safra/88	Safra/89	Variação (%)	Safra/88	Safra/89	Variação (%)
Arroz.....	2 335	2 056	- 11,95	11 806	11 043	- 6,46
Feijão – 1ª safra.....	634	360	- 43,22	1 711	1 099	- 35,77
Milho – 1ª e 2ª safra.....	2 403	2 103	- 12,48	24 749	26 569	7,35
Algodão herbáceo.....	342	146	- 57,60	1 705	1 259	- 26,16
Amendoim – 1ª safra.....	5	5	-	130	118	- 9,23
Mamona.....	112	102	- 8,93	146	129	- 11,64
Soja.....	410	624	52,20	18 020	24 085	33,66
Total.....	6 241	5 395	- 13,56	58 267	64 302	10,36
Feijão – 2ª safra.....	456	454	- 0,44	1 042	1 058	1,54
Feijão – 3ª safra.....	-	-	-	147	171	16,33
Trigo.....	-	-	-	5 751	5 296	- 7,93
Avela, centeio e cevada.....	-	-	-	264	490	85,61
Sorgo.....	43	27	- 37,21	296	239	- 19,26
Algodão arbóreo.....	70	33	- 52,86	70	33	- 52,86
Amendoim – 2ª safra.....	8	7	- 12,50	42	37	- 11,90
Total.....	577	521	- 9,71	7 612	7 323	- 3,80
Total.....	6 818	5 916	- 13,23	65 879	71 625	8,72

4 – PROGNÓSTICO PARA A SAFRA DE 1990
Centro-sul e Rondônia

Dezembro

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA SAFRA/89		ÁREA PLANTADA OU A PLANTAR SAFRA/90 (ha)	VARIACÃO (3/1) %	VARIACÃO (3/2) %
	1 Plantada (ha)	2 Colhida (ha)			
TOTAL.....	30 480 657	30 172 990	29 188 476	- 4,24	- 3,26
Algodão herbáceo (em caroço).....	927 681	927 334	967 951	4,34	4,38
Amendoim (em casca) 1ª safra.....	58 949	58 802	63 585	7,86	8,13
Arroz (em casca).....	3 411 305	3 285 589	2 860 141	- 16,16	- 12,95
Batata-inglesa — 1ª safra.....	88 456	87 669	90 867	2,73	3,65
Cana-de-açúcar.....	(1) 2 703 061	2 698 319	(1) 2 696 414	- 0,26	- 0,07
Cebola.....	61 773	61 773	66 371	7,44	7,44
Feijão (em grão) 1ª safra.....	1 345 692	1 281 203	1 568 759	16,58	22,44
Fumo (em folha).....	241 736	240 088	231 714	- 4,15	- 3,48
Mamona.....	23 352	23 352	21 984	- 5,86	- 5,86
Mandioca.....	(1) 520 981	519 656	(1) 557 148	6,94	7,21
Milho (em grão).....	9 292 814	9 217 419	9 154 624	- 1,49	- 0,68
Soja (em grão).....	11 787 795	11 734 914	10 871 940	- 7,61	- 7,35
Tomate.....	37 062	36 892	36 978	- 0,23	0,23

(1) Área destinada à colheita.

5 – ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E OVOS
Janeiro a novembro de 1988 e de 1989

ABATE DE ANIMAIS E PRODUÇÃO DE LEITE E OVOS	QUANTIDADE				
	Novembro-88	Outubro-89	Novembro-89	Janeiro/ novembro-88	Janeiro/ novembro-89
LEITE (1) (2).....	813 597	778 431	830 825	8 156 346	7 999 164
Pasteurizado					
Vendido ao público.....	288 768	301 882	297 420	3 186 876	3 087 399
Industrializado na empresa.....	390 685	360 161	404 167	3 597 579	3 684 424
Resfriado ou não					
Vendido ao público.....	112	151	153	1 401	2 232
Vendido a outras empresas.....	134 032	116 237	129 085	1 370 490	1 225 109
ABATE (3)					
Bovinos.....	176 407	192 402	216 166	2 370 478	2 430 141
Suínos.....	52 124	56 853	56 375	646 408	566 421
Aves.....	110 054	130 039	125 250	1 206 014	1 280 301
OVOS (4) (5).....				908 611	906 551

ABATE DE ANIMAIS E PRODUÇÃO DE LEITE E OVOS	TAXAS DE CRESCIMENTO (%)		
	Novembro-89 Novembro-88	Novembro-89 Outubro-89	Janeiro/novembro-89 Janeiro/novembro-88
LEITE (1) (2).....	2,1	6,7	- 1,9
Pasteurizado			
Vendido ao público.....	3,0	- 1,5	- 3,1
Industrializado na empresa.....	3,5	12,2	2,4
Resfriado ou não			
Vendido ao público.....	36,6	1,3	59,3
Vendido a outras empresas.....	- 3,7	11,1	- 10,6
ABATE (3)			
Bovinos.....	22,5	12,4	2,5
Suínos.....	8,2	- 0,8	- 12,4
Aves.....	13,8	- 3,7	6,2
OVOS (4) (5).....			- 0,2

(1) Leite beneficiado e industrializado. (2) Mil litros. (3) Peso total das carcaças (t). (4) Janeiro/setembro. (5) Mil dúzias.

A INFLAÇÃO EM 1989

Eulina Nunes dos Santos *

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é documentar e tentar analisar a inflação no ano de 1989, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor — IPC, calculado pelo IBGE. São muitos os fatores que devem ser levados em conta ao analisar a inflação, destacando-se os instrumentos de política macroeconômica utilizados pelo Governo, tais como taxas de juros, taxas de câmbio, etc. Deve-se considerar, também, o desempenho da indústria, agricultura, comércio, exportação, etc. No entanto, não se tem a pretensão de analisar a inflação de 1989 com a profundidade requerida, tendo em vista que envolve um estudo minucioso, que demanda tempo, de vários fatores conjugados, observando-se suas causas e seus efeitos. Além disso, os principais indicadores econômicos (desem-

penho da indústria, do comércio, etc.) de 1989, ainda não estão concluídos. Este texto trata apenas, dos principais aspectos da inflação em 1989, a partir da constatação dos resultados apurados. Para melhor compreender o ano de 1989, é necessário ter em mente a inflação ocorrida, pelo menos, nos dois anos anteriores. É por esta razão que o texto contém, inicialmente, um breve histórico da inflação em 1987 e em 1988.

RETROSPECTIVA 1987 E 1988

A variação do IPC situou-se em 365,96% em 1987, dividindo-se em 186,07% no primeiro semestre e 62,88% no segundo. Naquele ano, precisamente no dia 12 de junho, foi decretado o denominado *Plano Bresser* que, dentre outras medidas econômicas, determinou o congelamento de preços e

* Economista, gerente do projeto Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor — SNIPC.

Colaboração: técnicos do apoio metodológico do projeto SNIPC, do apoio computacional do DESIP e chefias de equipe do SNIPC.

salários. O objetivo era conter a inflação, que teve seu ritmo acelerado a partir do fim da vigência do *Plano Cruzado*, decretado em 28 de fevereiro de 1986 e que, oficialmente, teve a duração de 1 (um) ano. O primeiro semestre de 1987 caracterizou-se então, por taxas mensais relativamente altas tendo em vista o realinhamento de preços dos setores cujos custos estavam defasados em decorrência do represamento definido pelo *Plano Cruzado*. A partir de julho de 1987, com o *Plano Bresser*, as taxas mensais atingiram níveis bem mais baixos. No entanto, o *Plano Bresser* teve vida mais curta do que o *Plano Cruzado* e já em setembro, iniciou-se o processo de realinhamento de preços. Assim, as taxas do IPC apresentaram-se com 1 (um) dígito, apenas nos meses de julho, agosto, setembro e outubro, voltando aos 2 (dois) dígitos a partir de novembro de 1987.

O quadro é semelhante em 1988. Com os preços represados pelo *Plano Bresser*, intensifica-se o processo de realinhamento e recuperação de preços defasados. O ritmo de crescimento de preços se acelera e a inflação, situa-se em 167,74% no primeiro semestre, próxima à variação de 186,07% do primeiro semestre de 1987, que motivou o congelamento. No segundo semestre o ritmo inflacionário intensifica-se ainda mais, atingindo 286,06%. Além da recuperação das defasagens, muitos outros fatores levaram à aceleração de preços, destacando-se a expectativa de um novo choque econômico pelo terceiro ano consecutivo, o que não ocorreu. Isto é, em face das altas taxas de inflação, os agentes de produção e comercialização, vislumbrava um novo choque e majoravam seus preços na tentativa de evitar possíveis perdas. O Governo, por sua vez, convivia com o dilema preços administrados x taxas de inflação. Principalmente as tarifas públicas, há anos reajustadas abaixo dos índices de inflação, ficaram ainda mais defasadas com os planos econômicos de 1986 e 1987. Em particular, era premente recuperar as tarifas de energia elétrica tendo em vista cumprir acordo firmado com o Banco Mundial, agente financeiro do setor de energia no Brasil, que estipulava uma remuneração real para o setor. No entanto, ao reajustar os preços dos administrados com maior frequência e em percen-

tuais superiores à inflação de um mês, o Governo se deparava com um crescimento no índice do mês seguinte, que refletia os reajustes. A política de administração de preços era, então, alterada: os reajustes passavam a ser mais espaçados e os percentuais concedidos, eram menores do que a inflação do mês anterior. Assim, a taxa do mês era contida e, no mês seguinte, voltava a crescer sob pressão dos administrados, novamente.

No intuito de conter a inflação do ano, o Governo optou pelo caminho da negociação, ao invés de um novo choque, e no dia 03 de novembro de 1988, foi celebrado o chamado *Pacto Social*. Acordado entre trabalhadores, empresários e Governo, o *Pacto Social* estabelecia que os reajustes de preços teriam o limite máximo de 90% do IPC do mês anterior, obedecendo o espaço de 30 (trinta) dias entre um reajuste e outro. Embora o pacto possa ter surtido o efeito de não permitir taxas ainda mais elevadas, os meses finais do ano apresentaram níveis altos, ameaçando chegar aos 30% ao mês. Em dezembro daquele ano, a inflação atingiu 28,79%, taxa recorde até então, refletindo as elevações de preços propiciadas pelo período das festas de final de ano. Observou-se forte pressão exercida pelos encargos sociais estabelecidos pela nova Constituição promulgada no dia 05 de outubro de 1988, além do pagamento do 13º salário. Os aumentos de preços também refletiram a perspectiva de ganhos reais para o salário mínimo no ano seguinte.

Assim, a taxa de inflação foi de 933,62% em 1988, abrangendo duas vezes e meia a taxa de 365,96% de 1987.

A INFLAÇÃO EM 1989

O primeiro semestre do ano

Com o IPC de 28,79% em dezembro, acumulando 933,62% no ano de 1988, o Governo, ante a iminência da hiperinflação, decidiu intervir no mercado e decretou um novo choque econômico, desta vez denominado *Plano Verão*. Dentre outras medidas econômicas, o *Plano Verão*, definido

através da Medida Provisória nº 32 de 15 de janeiro de 1989, decretou o congelamento dos preços e salários da economia. No Artigo 9º da Medida Provisória nº 32, complementado pela Portaria Interministerial nº 202 de 1º de janeiro de 1989 e pelo Aviso nº 174 do Ministério do Planejamento, foram determinados procedimentos especiais para o cálculo do IPC de janeiro e fevereiro de 1989, cujo objetivo foi impedir que as variações de preços ocorridas antes do início do congelamento, tivessem efeito nos índices dos meses posteriores¹.

Assim, cumprindo as determinações, os preços coletados entre os dias 17 e 23 de janeiro constituíram-se no vetor de preços médios utilizado como período de referência do IPC de janeiro. Como o vetor de referência estava posicionado no dia 20 de janeiro (dia central do período 17 a 23 de janeiro) e a base se posicionava no dia 30 de novembro de 1988 (dia central da coleta de dezembro de 1988 — 15 de novembro a 14 de dezembro), o IPC de janeiro, que resultou numa variação de 70,28%, mediu a inflação ocorrida entre o dia 30 de novembro de 1988 e o dia 20 de janeiro de 1989, ou seja, o IPC de janeiro foi uma medida de 51 dias de inflação.

Em fevereiro retornou-se ao calendário de coleta inicialmente previsto e os preços coletados de 17 de janeiro a 15 de fevereiro, foram utilizados como período de referência. Como o vetor de preços médios de referência estava posicionado no dia 31 de janeiro (dia central do período de 17 de janeiro a 15 de fevereiro) e a base se posicionava no dia 20 de janeiro (vetor de referência do IPC de janeiro), a variação de 3,60% do IPC de fevereiro mediu a inflação ocorrida entre 20 e 31 de janeiro, ou seja, o IPC de fevereiro foi uma medida de 11 dias de inflação. A partir de março o IPC voltou a medir 30 dias de inflação, normalmente.

Já a partir do mês de fevereiro, em consequência do congelamento, o desabastecimento evidenciou-se em alguns mercados. Através da informação de número de preços coletados para o cálculo do índice, pode-se identificar que o desabastecimento foi mais intenso nos seguintes itens:

ALIMENTÍCIOS

- Óleos e gorduras
- Aves e ovos
- Enlatados e conservas
- Carnes frescas
- Carnes industrializadas
- Panificados
- Cereais
- Leite e derivados
- Sal e condimentos
- Açúcares e derivados
- Farinhas, féculas e massas

NÃO-ALIMENTÍCIOS

- Mobiliário
- Eletrodomésticos
- Artigos de limpeza
- Utensílios e enfeites
- Cama, mesa e banho
- Artigos de higiene pessoal

Dada a cobrança de ágio em determinados setores e antes que o desabastecimento se agravasse, ocorrendo uma escassez generalizada de produtos no mercado, o Governo iniciou, no mês de março, o realinhamento dos preços de alguns setores. Nesta primeira fase de realinhamento de preços foram concedidos reajustes aos setores considerados prioritários em termos de defasagem entre custos de produção e preços no varejo: determinados produtos alimentícios (cereais, óleo de soja, etc.), artigos de limpeza e artigos de higiene.

Assim, o IPC passou de 6,09% em março para 7,31% em abril. Além dos reajustes de preços concedidos pelo Governo, o IPC de abril refletiu a cobrança de ágio em alguns produtos, a exemplo da carne bovina. O mesmo ocorreu com o IPC de maio, que situou-se em 9,94%, sendo pressionado, também, pela escassez de feijão no mercado devido à diminuição da produção.

Em face da intensificação do ágio e do desabastecimento, além dos problemas com a safra de feijão, a Medida Provisória nº 51, baixada em 27 de abril, determinou a revisão do congelamento e a liberação de preços de produtos e serviços. Observe-se

¹ Tanto no *Plano Cruzado*, em 1986, quanto no *Plano Bresser*, em 1987, foram determinados procedimentos especiais no cálculo do IPC, com o mesmo objetivo.

que, à semelhança do *Plano Bresser*, o IPC manteve-se com 1 (um) dígito por apenas 4 (quatro) meses. De 9,94% no mês de maio, o IPC deu um salto para 24,83% em junho, mês que refletiu a revisão do congelamento e liberações de preços contidas na Medida Provisória nº 51. Com o resultado de junho, a variação acumulada do IPC no primeiro semestre do ano, situou-se em 175,62%. Registre-se que, a partir do mês de junho, o IPC passou a ser calculado com a estrutura de ponderações obtidas a partir da Pesquisa de Orçamentos Familiares — POF, realizada no período de 02-03-87 a 28-02-88, substituindo a estrutura de ponderações obtidas a partir da Pesquisa Estudo Nacional de Despesa Familiar — ENDEF, realizada em 1974/75.

O segundo semestre do ano

De uma taxa de 24,83% em junho, o IPC passou para 28,76% em julho, ainda refletindo uma adaptação à nova realidade de política de preços, sendo pressionado, principalmente, pelos alimentos.

No mês de agosto, a taxa de variação do IPC, situou-se em 29,34%, pouco superior aos 28,76% de julho. A peculiaridade aqui é que o crescimento dos produtos alimentícios em agosto, foi bem menor do que nos meses de junho e julho, demonstrando uma certa acomodação de preços relativos. No entanto, o bom comportamento dos alimentos foi praticamente anulado pela aceleração do crescimento de preços dos produtos não-alimentícios, que passam a ser os principais responsáveis pelas taxas de variação do IPC dos meses seguintes. Note-se que o tabelamento de alguns produtos, que ainda vigorava para o comércio varejista, acabou em 01-08-89. A partir desta data a SUNAB passou a adotar a sistemática da *liberdade vigiada*, consistindo no acompanhamento da evolução dos preços através da fórmula CUSTO-LUCRO-DESPESA (CLD), na qual os custos e as despesas variam de acordo com a empresa e sua localização, enquanto a margem de lucro é fixada pelo Governo. Poucos produtos permaneceram tabelados por serem produtos básicos e inseridos nos programas sociais do Governo.

Com o IPC de 29,34% em agosto de 1989, superior aos 28,79% de dezembro

de 1988, taxa que precedeu a vigência do *Plano Verão*, esbarrava-se nos temidos 30%. Era perceptível, em agosto, que seria difícil manter a inflação dos meses seguintes abaixo de 30%. As indústrias, após o tabelamento, passaram a reajustar seus produtos em percentuais significativamente altos, argumentando que estavam trabalhando com custos represados pelo *Plano Verão*, quando os preços cresceram sem que pudessem ser repassados ao preço final. Com o fim do tabelamento e a regulamentação da fórmula CLD, além das altas taxas de juros e a perspectiva de alta no índice de inflação, as indústrias tentaram recuperar os custos. A propósito da perspectiva de alta no índice de inflação, foram vários os momentos de boato de um novo choque, o que contribuía para puxar os preços para cima. O Governo, por sua vez, continuava a conviver com defasagens nos preços de produtos administrados e adotou a política de conceder aumentos acima da inflação para produtos importantes como o pão, açúcar, energia elétrica e combustíveis, com a finalidade de corrigir distorções causadas pela política de controle. Note-se que, no caso da energia elétrica e dos combustíveis, os reajustes provocam aumentos em outros produtos e serviços da economia, pressionando custos.

Desta forma, o IPC de setembro ultrapassou a barreira dos 30% e situou-se em 35,95%, batendo um novo recorde. A inflação, então, mudou de patamar e a meta passou a ser a sua manutenção abaixo dos 40%, o que se concretizou com a taxa de 37,62% em outubro. A partir do dia 05 de outubro, com o objetivo de conter a inflação, entrou em vigor um novo sistema de controle de preços, resultado de um acordo entre o Governo e os empresários: os preços poderiam ser reajustados automaticamente, tendo como base 90% da inflação do mês anterior, com uma periodicidade mínima de 30 dias. Por exemplo, um produto que fez *aniversário* no dia 05 de outubro, ou seja, que completou 30 dias a partir do último aumento, pode ter seu preço reajustado em 32,35% (90% da taxa de 35,95% do IPC de setembro) e, 30 dias depois, em 05 de novembro, pode reajustá-lo em 33,86% (90% da taxa de 37,62% do IPC de outubro). Significa, então, que a partir de

outubro, a economia passou a ter um redutor automático de preços. Além do redutor automático, a política de preços baseou-se, também, nas câmaras setoriais. Formadas por empresários e funcionários da área econômica do Governo, as câmaras setoriais tiveram como finalidade, analisar os custos das empresas e avaliar a necessidade de conceder reajustes acima do percentual estipulado automaticamente. Além de conter a inflação através de um redutor, a política de preços previu a possibilidade de recomposição de defasagens em determinados setores. Aqueles que não cumprissem o acordo não mais poderiam negociar reajustes acima do automático nas câmaras setoriais, ficando inteiramente submetidos ao controle do CIP. A estratégia do Governo foi conter a inflação através de uma indexação gradativamente menor e através da negociação. Algo semelhante ao Pacto Social de 1988. A expectativa do Governo era impedir uma explosão de preços até a posse do novo Governo, em março de 1990.

Com a nova política de preços, o IPC passou de 37,62% em outubro para 41,42% em novembro, mês em que os alimentos começaram a mostrar sinais de aceleração devido ao início do período de entressafra. Em dezembro, quando os alimentos apresentaram acentuados aumentos, a taxa de inflação deu um salto de 41,42% para 53,55%, acumulando 576,61% no segundo semestre.

Apesar da alta de dezembro, a eficácia da nova política de preços, utilizada com sucesso em outros países, não pode ser negada. No entanto, implantada em outubro, quando a inflação ultrapassava os 30% e as taxas de juros se encontravam em altos patamares, o Governo se deparou com um enxame de solicitações às câmaras setoriais. Ou seja, com a inflação alta e o dinheiro caro, elevavam-se as defasagens entre o que era automaticamente permitido reajustar e os custos das empresas, que ficavam aflitas para que suas solicitações fossem imediatamente atendidas pelas câmaras setoriais, o que era operacionalmente inviável dado que o sistema acabava de ser montado e que o exame dos custos de um grande número de empresas demandava tempo. O Governo tentava contornar a situação através da conversa com os empresários. As indústrias

de alimentação, por exemplo, ameaçaram romper o acordo, mas ficou acertado, em reunião com a equipe governamental no dia 11-12-89, que os repasses de aumento de custos passariam a ser aprovados automaticamente pelas câmaras setoriais. Os reajustes de energia elétrica, frete, embalagens e de preços agrícolas, também passaram a ser aprovados automaticamente. Já no final de dezembro, as indústrias alimentícias, de eletroeletrônicos e de higiene e limpeza, também em negociação com o Governo, foram autorizadas a aumentar seus preços, dentro de esquema de liberdade vigiada, sem autorização prévia, ou seja, além dos 90% do IPC do mês anterior, as indústrias passaram a repor automaticamente a defasagem desde que esta não ultrapasse o percentual de 20%. Havendo necessidade de mais de 20%, a reposição se daria em duas ou mais parcelas. Havendo abuso, as câmaras setoriais, voltariam a controlar o setor.

Assim, a inflação do ano fechou em 1764,87%, variação superior aos 933,62% de 1988. Registre-se que a economia do país ficou muito difícil de ser administrada em 1989 devido a inúmeros fatores, destacando-se a ameaça da hiperinflação, os boatos de um novo choque, além da eleição para a Presidência da República, que criou um clima de intranquilidade quanto aos rumos da economia em 1990. Registre-se, ainda, que o Governo praticou, durante quase todo o ano, uma política de taxas de juros elevadas no *overnight*, com ganhos reais, como forma de evitar aumento no consumo e maior pressão sobre os preços.

Os produtos alimentícios

Em 1989 os alimentos aumentaram 1516,19%, ficando abaixo da inflação. Com este comportamento, os alimentos tiveram uma contribuição positiva no sentido de conter a taxa de inflação do ano tendo em vista a grande participação destes produtos na despesa familiar. No período de julho a novembro, o grupo Alimentação e Bebidas apresentou variações mensais inferiores aos produtos não-alimentícios. Esta performance foi possível graças às boas safras colhidas no ano, possibilitando uma maior oferta de produtos. Além disso, os preços praticados em relação ao atacado foram, de

um modo geral, represados pelo *Plano Verão*. No primeiro semestre do ano, por ocasião do congelamento, ocorreram problemas de abastecimento que, mais tarde, se normalizou. Apenas no final do ano, com o início da entressafra, os produtos agrícolas mostraram recuperação de preços.

Foram poucos os itens alimentícios que apresentaram variações superiores à inflação:

Açúcares e derivados	1 850,25%
Pescado	1 834,87%
Bebidas	2 158,01%
Enlatados e conservas.....	2 090,43%
Sal e condimentos	2 555,61%
Alimentação fora do domicílio	2 028,46%

A grande maioria dos alimentos ficou não só abaixo da inflação, mas também, abaixo da taxa de variação do próprio grupo Alimentação e Bebidas, destacando-se os seguintes produtos:

Cereais.....	1 191,51%
Farinhas, féculas e massas....	1 183,64%
Tubérculos, raízes e legumes.	1 336,54%
Frutas	1 108,00%
Hortaliças e verduras	1 500,86%
Carnes	1 375,37%
Carnes e peixes industrializados	1 598,24%
.....	1 535,47%
Frango	1 317,91%
Ovos.....	1 454,78%
Leite pasteurizado	1 473,59%
Pão francês	1 169,00%
Óleo de soja	

Os produtos não-alimentícios

Os produtos não-alimentícios tiveram variação de 1959,93% em 1989, ficando acima da taxa de inflação no ano. Apenas o grupo Habitação (1 686,18%), apresentou variação inferior ao IPC do ano devido, principalmente, ao resultado relativamente baixo dos aluguéis residenciais, que aumentaram 1 222,62% em 1989. O gás de bujão (1 594,12%), ficou com resultado inferior, enquanto a energia elétrica, com a variação de 126,12% em dezembro, situou-se em 1 859,30%. Os artigos de limpeza (2 301,36%), registraram a maior variação dentro do grupo Habitação. Os demais gru-

pos apresentaram taxas superiores à inflação do ano.

Os produtos que mais aumentaram em 1989 pertencem ao grupo Saúde e Cuidados Pessoais (2 167,71%), destacando-se os produtos farmacêuticos (2 183,68%) e os artigos de higiene pessoal (2 159,72%).

Transporte e Comunicação (1 888,12%), foi pressionado pelos aumentos nos preços dos automóveis usados (2 233,99%), acessórios e peças para veículos (3 232,50%), conserto de automóveis (2 364,49%), além de outros produtos ou serviços ligados às despesas com veículos. Por outro lado, foram relativamente baixas as variações de preços das passagens dos ônibus urbanos (1 486,12%) e da gasolina (1 415,72%).

No grupo Vestuário (2 058,34%), cujos preços dos produtos foram pressionados pela escassez do algodão em rama, a maior variação ficou com as roupas infantis (2 883,27%), seguida das roupas femininas (2 432,85%).

Em Despesas Pessoais (2 121,34%), o principal destaque foi o item recreação (2 478,11%), sendo que também foi alta a variação dos serviços pessoais (2 013,24%).

No grupo Artigos de Residência (2 129,35%), os maiores aumentos de preços foram verificados no item mobiliário (2 318,33%) e nas roupas de cama, mesa e banho (2 430,97%).

Os índices regionais

Quanto aos índices regionais, a tabela a seguir mostra que as Regiões Metropolitanas de Fortaleza, Belém e Recife, ficaram com os menores resultados no ano de 1989, inferiores à taxa do IPC. Com variações próximas ao IPC do ano, agrupam-se os índices de Belo Horizonte, Salvador, Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. Os maiores

ÍNDICES REGIONAIS	VARIAÇÕES (%)
IPC	1 764,87
Fortaleza	1 625,99
Belém	1 636,37
Recife	1 692,05
Belo Horizonte	1 739,89
Salvador	1 752,74
Brasília	1 762,04
São Paulo	1 784,46
Rio de Janeiro.....	1 788,79
Porto Alegre	1 804,45
Curitiba	1 848,78

Índices regionais foram verificados nas Regiões Metropolitanas de Porto Alegre e Curitiba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi visto, o Índice de Preços ao Consumidor – IPC, a partir de março, apresentou taxas sempre crescentes, culminando com 53,55% em dezembro e acumulando 1764,87% no ano. A cada mês, cresciam as expectativas de que a inflação seria ainda maior. Estas expectativas, por sua vez, traziam resultados negativos para toda a economia, contribuindo, inclusive, para aumentar a própria inflação. Cuidar para que o pessimismo diminuísse, foi uma das tarefas que ocupou a equipe governamental. Assim é que, em dezembro, ao ser prevista uma taxa em torno de 54,5%, os jornais anunciaram matérias com previsões de 70% ou mais para o mês de janeiro de 1990. Ao ser divulgado o resultado final de

53,55%, diminuindo apenas 1 (um) ponto percentual, as previsões caíram para 68%, o que não tem sentido. Alguns economistas de renome, inclusive, diagnosticaram *hiperinflação* com base no fato da taxa ter ultrapassado o patamar de 50% em dezembro, o que também não tem sentido. Na verdade, qualquer previsão para os meses iniciais do ano é aventureira, chegando a ser até irresponsável. Dado o comportamento dos preços nos meses finais de 1989, nada se pode concluir sobre a próxima taxa de inflação. É possível, no máximo, fazer algumas conjecturas. Por exemplo, se as vendas do comércio diminuíssem, é possível que a inflação de janeiro se mantenha no nível de dezembro ou até menor; se os preços dos alimentos explodirem, recuperando toda a defasagem, a inflação de janeiro será superior à taxa de dezembro. Portanto, o mais sensato é aguardar os próximos resultados, torcendo e contribuindo para que a inflação diminua e o novo presidente possa governar com menos problemas.

1 – VARIAÇÃO ACUMULADA GERAL E POR GRUPOS DE PRODUTOS, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS IPC em 1989

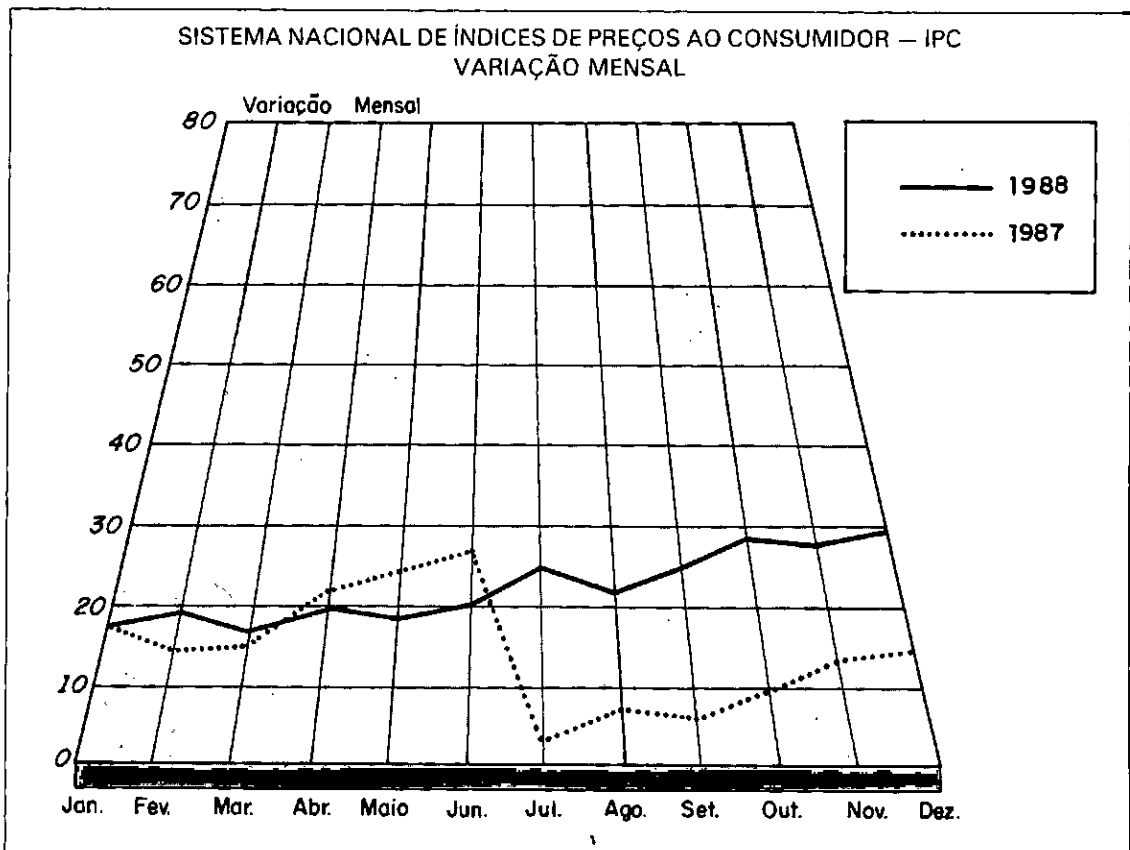
REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimentação e bebidas	Habitação	Artigos de residência	Vestuário	Transporte e comunicação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	1 636,37	1 378,38	2 070,78	1 691,95	1 938,98	1 280,89	2 373,66	1 884,82
Fortaleza.....	1 625,99	1 441,66	1 896,37	1 768,40	1 809,78	1 588,57	2 269,63	1 794,52
Recife.....	1 692,05	1 484,46	1 581,35	1 863,89	2 028,06	1 723,12	2 321,95	1 809,00
Salvador.....	1 752,74	1 488,50	1 975,29	2 129,14	2 152,99	1 688,36	2 048,83	2 164,28
Belo Horizonte.....	1 739,89	1 502,16	1 870,68	1 922,05	2 211,52	1 673,74	2 146,84	2 078,40
Rio de Janeiro.....	1 788,79	1 533,88	1 616,21	2 378,89	2 082,30	1 589,94	2 219,06	2 306,77
São Paulo.....	1 784,46	1 600,42	1 654,46	2 109,77	2 022,28	2 091,24	2 151,90	2 064,30
Curitiba.....	1 848,78	1 556,78	1 816,38	2 260,69	2 312,71	2 357,49	1 977,95	1 828,55
Porto Alegre.....	1 804,45	1 563,23	1 621,93	2 622,24	2 168,98	1 886,91	2 201,25	2 307,18
Brasília, DF.....	1 762,04	1 431,83	1 692,33	2 246,30	1 953,57	2 154,80	1 146,88	2 055,98
IPC.....	1 764,87	1 516,19	1 686,18	2 129,35	2 058,34	1 888,12	2 167,71	2 121,34

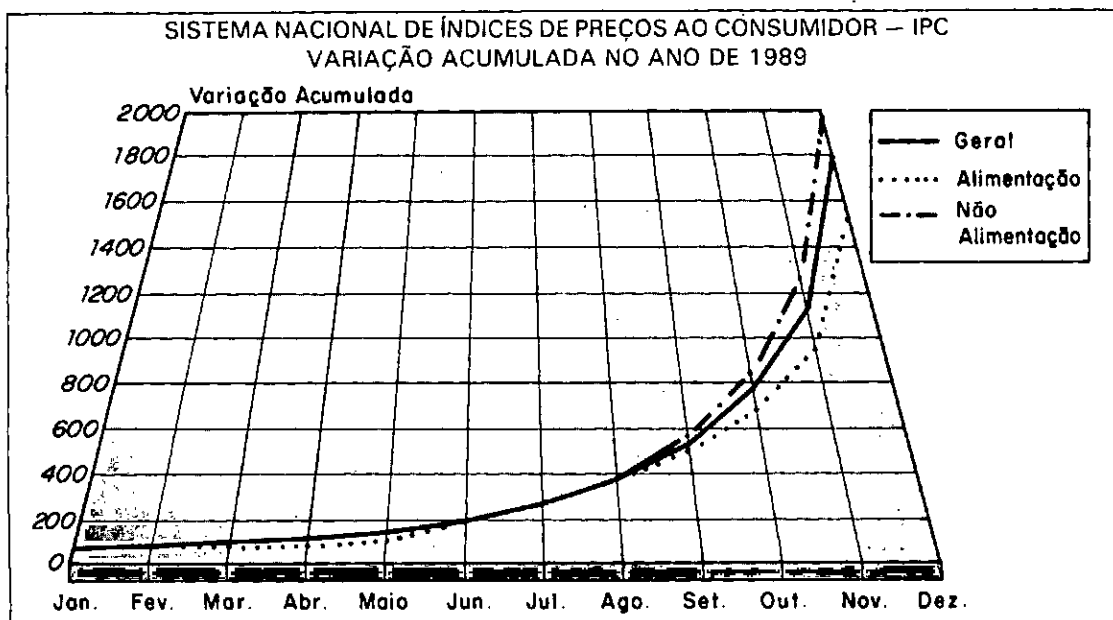
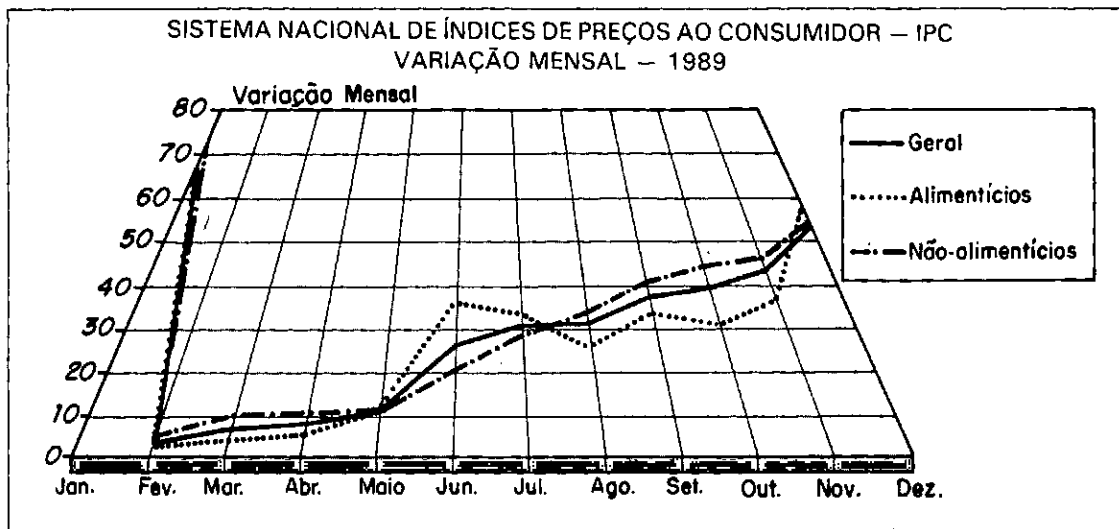
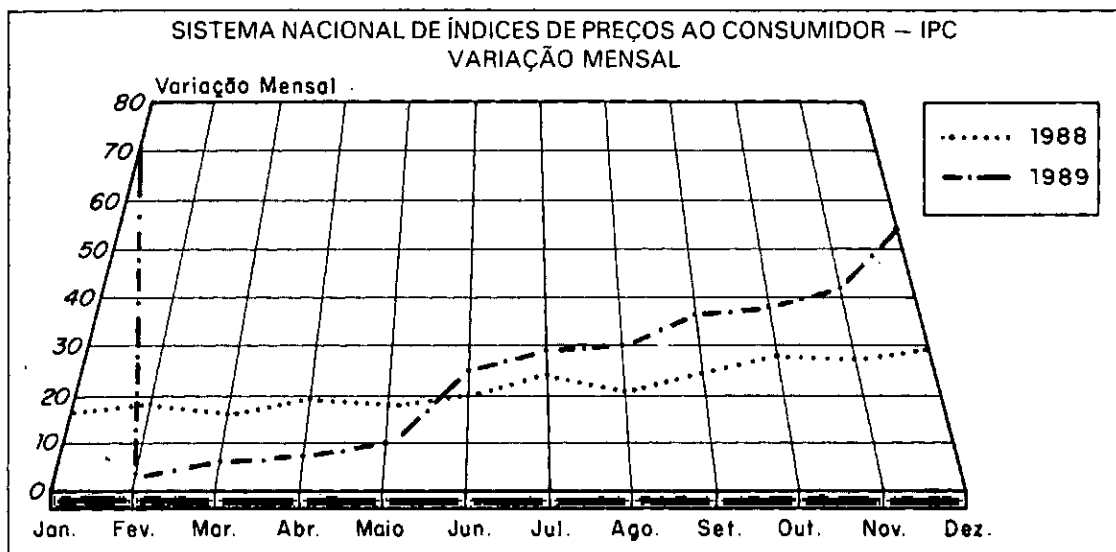
2 – VARIAÇÕES MENSAL E ACUMULADA EM 1989 IPC

MESES	VARIAÇÃO (%)		
	Geral	Alimentação	Não-alimentícios
Janeiro.....	70,28	66,09	73,91
Fevereiro.....	3,60	2,77	4,29
Março.....	6,09	3,58	8,14
Abril.....	7,31	4,55	9,46
Mai.....	9,94	10,05	9,86
Junho.....	24,83	34,57	19,18
Julho.....	28,76	32,11	26,59
Agosto.....	29,34	25,01	32,28
Setembro.....	35,95	31,38	38,89
Outubro.....	37,62	29,88	42,25
Novembro.....	41,42	35,26	44,85
Dezembro.....	53,55	54,77	52,92
Ano.....	1 764,87	1 516,19	1 959,93

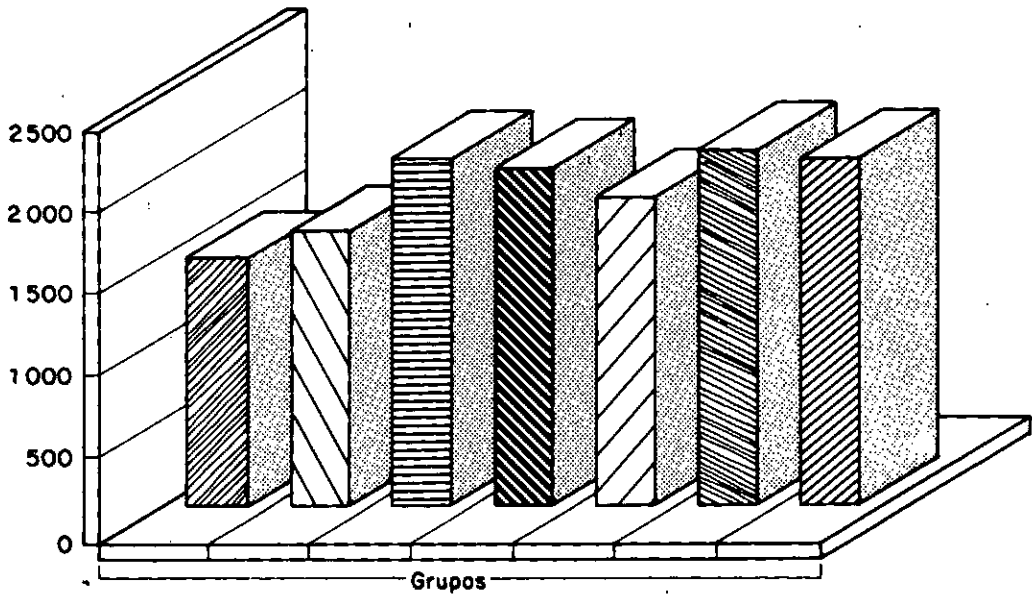
3 - NÚMEROS ÍNDICES E VARIAÇÕES - 1988/89
IPC

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março/86 = 100)	VARIAÇÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1988						
Janeiro	663,90	16,51	50,06	84,16	16,51	364,72
Fevereiro	783,14	17,96	56,87	104,24	37,44	381,13
Março	908,52	16,01	59,44	124,20	59,44	387,90
Abril	1 083,68	19,28	63,23	144,94	90,18	381,12
Maió	1 278,36	17,78	62,98	155,87	123,99	359,92
Junho	1 525,63	19,53	67,92	167,74	167,74	336,09
Julho	1 892,39	24,04	74,63	185,04	232,10	424,92
Agosto	2 283,36	20,66	78,90	191,56	300,72	495,49
Setembro	2 831,59	24,01	85,60	211,67	396,93	598,78
Outubro	3 603,20	27,25	90,40	232,50	532,34	714,43
Novembro	4 573,18	26,92	100,28	258,30	702,57	816,05
Dezembro	5 889,80	28,79	108,00	286,06	933,62	933,62
1989						
Janeiro	10 029,15	70,28	178,34	429,97	70,28	1 410,64
Fevereiro	10 390,20	3,60	127,20	355,04	76,41	1 226,74
Março	11 022,96	6,09	87,15	289,29	87,15	1 113,29
Abril	11 828,74	7,31	17,94	228,28	100,83	991,53
Maió	13 004,52	9,94	25,16	184,36	120,80	918,88
Junho	16 233,54	24,83	47,27	175,62	175,62	964,05
Julho	20 902,31	28,76	76,71	108,42	254,89	1 004,55
Agosto	27 035,05	29,34	107,89	160,20	359,01	1 084,00
Setembro	36 754,15	35,95	126,41	233,43	524,03	1 198,00
Outubro	50 581,06	37,62	141,99	327,61	758,79	1 303,78
Novembro	71 531,74	41,42	164,59	450,05	1 114,50	1 464,16
Dezembro	109 836,99	53,55	198,84	576,61	1 764,87	1 764,87



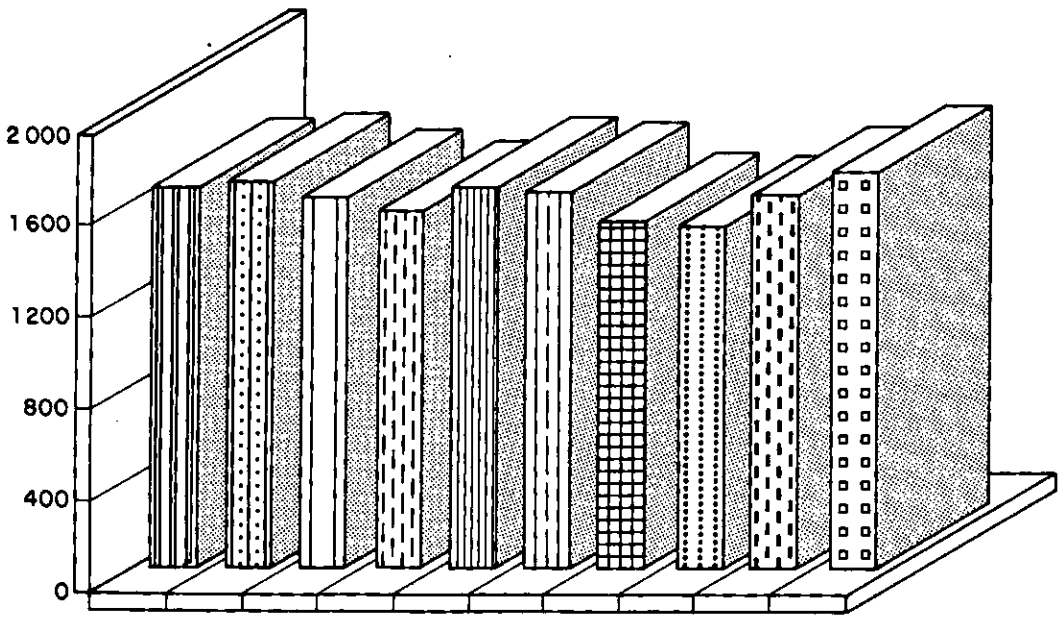


SISTEMA NACIONAL DE ÍNDICES DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – IPC
 VARIAÇÕES ACUMULADAS POR GRUPOS – 1989



- Alimentação
- Habitação
- Artigos de residência
- Vestuário
- Transporte e comunicação
- Saúde e cuidados pessoais
- Despesas pessoais

SISTEMA NACIONAL DE ÍNDICES DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – IPC
 VARIAÇÕES ACUMULADAS POR REGIÕES METROPOLITANAS – 1989



- Regiões Metropolitanas
- Rio de Janeiro
 - Porto Alegre
 - Belo Horizonte
 - Recife
 - São Paulo
 - Brasília
 - Belém
 - Fortaleza
 - Salvador
 - Curitiba